

IGOR OLIVEIRA LEONE

**Perfil de Competências Táticas em Futebolistas
Seniores Masculinos: Variação Associada ao Nível
Competitivo e Posição em Jogo**

Orientador: João Alberto Valente dos Santos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2020

IGOR OLIVEIRA LEONE

**Perfil de Competências Táticas em Futebolistas
Seniores Masculinos: Variação Associada ao Nível
Competitivo e Posição em Jogo**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do grau de mestre em Futebol - da formação à alta competição, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 7 de janeiro de 2021, com o despacho de nomeação de júri nº 282/2020, com a seguinte composição de júri:

Presidente: Professor Doutor Jorge dos Santos Proença Martins

Arguente: Professor Doutor Sidónio Olivério da Costa Serpa

Orientador: Professor Doutor João Alberto Valente dos Santos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2020

EPÍGRAFE

Um passo de cada vez. Não consigo imaginar nenhuma outra maneira de realizar algo.

Michael Jordan, livro nunca deixe de tentar (2009, p.20).

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação à minha esposa Ândrea, pela paciência e por estar sempre ao meu lado me inspirando e me apoiando, e a minha filha Luísa que mesmo antes de nascer me inspira todos os dias a ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Com a finalização desse ciclo gostaria de agradecer todas as pessoas que colaboraram para que a concretização desse grande objetivo se tornasse possível.

Em primeiro lugar, agradeço ao professor Doutor João Alberto Valente dos Santos pela orientação da dissertação, aproveito para agradecer também os demais professores que tiveram impacto positivo na minha trajetória acadêmica, na Licenciatura, Especialização e no Mestrado, assim como os treinadores e atletas que fizeram e fazem parte da minha vida profissional, vocês fazem parte da construção desse estudo.

Aproveito também para agradecer os treinadores e atletas que mesmo em meio a pandemia participaram do estudo.

Enfim agradeço especialmente os amigos que me apoiaram e incentivaram a seguir firme. A minha mãe Angélica que amo muito e que mesmo distante sempre se faz presente, assim como meu pai Ézio, por me orientarem ao longo de toda a minha vida.

RESUMO

Objetivo: Analisar a autopercepção de futebolistas seniores sobre a qualidade do seu percurso formativo no futebol e o nível atual das suas competências táticas.

Metodologia: O estudo apresenta uma natureza não experimental, quantitativa e descritiva. Foram aplicados dois instrumentos no formato on-line: uma anamnese dedicada a informações de natureza desportiva e o inventário de habilidades táticas (TACSIS). Para a realização do estudo recorreu-se a uma amostra não probabilística alternando sequencialmente de uma amostra de conveniência para amostra em bola de neve. Participaram do estudo 30 atletas de futebol ($30,7 \pm 4,0$ anos), brasileiros, do sexo masculino, pertencentes ao escalão Sênior, divididos em dois grupos, amadores ($n=15$) e profissionais ($n=15$).

Resultados: A análise de consistência interna das propriedades do TACSIS, para a globalidade da amostra, indica que o fator da percepção do tempo e espaço, do TACSIS, apresenta uma correlação item-total, média, de 0,87, e um Alpha de Cronbach de 0,98. Valores correspondentes para o fator ajuste de tomada de decisão, foram de 0,83 e 0,96, respectivamente. A comparação entre atletas amadores e atletas profissionais, indica vantagem para os futebolistas profissionais em relação aos dois fatores do TACSIS ($p < 0,05$). Não se verificam diferenças significativas em função da posição em jogo. Verificam-se correlações positivas e significativas dos fatores do TACSIS com o nível competitivo ($r=0,41$ e $0,39$), volume semanal de treino ($r=0,44$ e $0,49$), apoio multidisciplinar (fator 1: $r=0,46$) e autopercepção geral de competências futebolísticas ($r=0,55$ e $0,58$).

Conclusão: A autopercepção positiva das múltiplas vivências nos escalões de formação demonstram ser indicadores significativos para o desenvolvimento destes futebolistas a longo prazo, com associações positivas de indicadores de percurso desportivo dos futebolistas profissionais com um nível autopercecionado de competências táticas mais elevadas quando comparados com os futebolistas amadores.

Palavras-Chave: Futebol; Treino Desportivo; Percepções; Tempo e Espaço; Tomada de Decisão.

ABSTRACT

Objective: To analyze the self-perception of senior footballers about the quality of their training path in football and the current level of their tactical skills.

Methodology: The study has a non-experimental, quantitative and descriptive nature. Two instruments were applied in the online format: an anamnesis dedicated to sports information and the inventory of tactical skills (TACSIS). To carry out the study, a non-probabilistic sample was used, alternating sequentially from a convenience sample to a snowball sample. The study included 30 soccer players (30 ± 4 years), Brazilian, male, belonging to the Senior level, divided into two groups, amateurs (n = 15) and professionals (n = 15).

Results: The analysis of internal consistency of the properties of TACSIS, for the sample as a whole, indicates that the factor of perception of time and space, of TACSIS, presents an item-total correlation, average, of 0.87, and an Alpha of Cronbach of 0,98, respectively. The comparison between amateur and professional athletes indicates an advantage for professional soccer players in relation to the two factors of TACSIS ($p < 0.05$). There are no significant differences depending on the position at stake. There are positive and significant correlations of the TACSIS factors with the competitive level ($r = 0.41$ and 0.39), weekly training volume ($r = 0.44$ and 0.49), multidisciplinary support (factor 1: $r = 0.46$) and general self-perception of football skills ($r = 0.55$ and 0.58).

Conclusion: The positive self-perception of multiple experiences in the training levels prove to be significant indicators for the development of these footballers in the long term, with positive associations of sporting path indicators of professional footballers with a self-perceived level of tactical skills more taken when compared with footballers. amateurs.

Keywords: Football; Sports Training; Perceptions; Time and space; Decision making.

ÍNDICE GERAL

1 Introdução	11
2 Revisão da Literatura.....	15
2.1 O jogo de futebol.....	16
2.2 Formação e competências do treinador	21
2.3 Desenvolvimento humano e desportivo	28
2.4 Desenvolvimento a longo prazo	34
2.5 Talento desportivo	38
2.6 Tomada de decisão no futebol	44
2.7 O treino e a tomada de decisão.....	51
2.8 Aspectos táticos, técnicos e físicos na tomada de decisão.....	58
2.9 Aspectos mentais na tomada de decisão	62
2.10 Autoperceção e a tomada de decisão.....	70
3 Metodologia	78
3.1 Caracterização geral da investigação	79
3.1.1 Problema e questões de investigação	79
3.1.2 Variáveis	81
3.1.3 Hipóteses	81
3.2 Metodologia	83
3.2.1 Natureza do estudo.....	83
3.2.2 Caracterização da amostra	83
3.3 Instrumentos de recolha de dados.....	84
3.3.1 Critérios de inclusão	85
3.3.2 Critérios de exclusão.....	85
3.3.3 Extração de dados dos estudos e aplicação do instrumento.....	85

3.3.4 Anamnese	86
3.3.5 Inventário de Habilidades Táticas no Desporto – TACSIS.....	87
3.4 Procedimentos	88
3.5 Análise de dados.....	88
4 Resultados.....	90
4.1 Apresentação e análise de resultados	91
4.1.1 Caracterização da amostra	91
4.1.2 Análise de consistência interna	92
4.2 Estatística descritiva	94
4.3 Estatística inferencial	97
5 Discussão.....	102
5.1 Histórico no futebol - Anamnese	103
5.2 Inventário de habilidades táticas no desporto – TACSIS	107
5.3 Relação entre as variáveis resultante da Anamnese e TACSIS.....	109
6 Conclusões	111
Referências	114
ANEXOS.....	I

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.1.1. Escalões competitivos de futebol e futsal, masculino e feminino.....	17
Tabela 2.1.2. Quadro competitivo conforme idade dos atletas.....	17
Tabela 2.1.3. Dimensões do terreno de jogo do futebol sete e nove.....	18
Tabela 2.1.4. Escalões de futebol sete e futebol nove.....	18
Tabela 2.1.5. Dimensões do terreno de jogo do futebol sete e nove.....	19
Tabela 2.1.6. Dimensões do campo e da baliza instituídas mundialmente para o futebol Sénior.....	20
Tabela 2.4.1. Modelos de treinamento a longo prazo, etapas e competências desenvolvidas.....	36
Tabela 2.6.1. Aspectos táticos, técnicos, físicos e mental da tomada de decisão.....	47
Tabela 2.10.1. Estudos que aplicaram o TACSIS, na língua inglesa e portuguesa.....	74
Tabela 4.1.1.1. Estatística descritiva para as variáveis caracterizadoras da amostra (n=30).....	91
Tabela 4.1.2.1. Consistência interna da escala relativa ao fator 1 do TACSIS.....	93
Tabela 4.1.2.2. Consistência interna da escala relativa ao fator 2 do TACSIS.....	94
Tabela 4.2.1. Perceção dos atletas do tempo e espaço, fator 1 do TACSIS (n=30).....	95
Tabela 4.2.2. Perceção dos atletas do ajuste da tomada de decisão, fator 2 do TACSIS (n=30).....	96
Tabela 4.3.1. Resultados do <i>teste Mann-Whitney U</i> , referentes às dimensões em estudo, em função do nível competitivo.....	97
Tabela 4.3.2. Resultados do <i>teste Kruskal-Wallis ANOVA</i> , referentes às dimensões em estudo, em função da posição em jogo.....	98
Tabela 4.3.3. Correlação entre diferentes variáveis em estudo.....	98

1 Introdução

Com grande popularidade entre homens e mulheres de diferentes idades e condição social, por todas as partes do mundo, o futebol demonstra ter o potencial de mobilizar grandes aportes financeiros para os clubes e para as competições (Furtado, Kraus, & Jaques, 2019).

O futebol profissional no escalão Sênior vai muito além do jogar, do competir, envolvendo negócios globais como adeptos, mídia, propaganda, contratos televisivos, grandes salários e muitos investidores, ou seja, o jogo atrai fundos consideráveis que motivam os indivíduos a buscar a prática desportiva. Um exemplo desta realidade é o número de crianças que sonham se tornar atleta profissional de futebol, e o número de pais que dedicam a vida para ver o filho se tornar atleta; ou seja, muitas pessoas sonham de alguma forma fazer parte do espetáculo (Santos & Mezzaroba, 2012).

A Federação Portuguesa de Futebol (FPF, 2019) através do boletim estatístico referente ao primeiro trimestre trouxe algumas informações relevantes sobre o desenvolvimento do futebol no país. Em junho de 2019 pela primeira vez na história foram ultrapassados os 200 mil praticantes federados em Portugal, uma vez que mais de 190 mil deles participam ativamente de competições. Dentre esses, 9.880 são do sexo feminino e 179.615 do sexo masculino, e ainda, 154.326 praticam futebol, 401 jogam futebol de praia e 34.768 praticam futsal.

A FPF (2019) ressalta que seu alcance através das mídias sociais no primeiro trimestre de 2019 referente a seleção portuguesa ultrapassou 25 milhões de pessoas e o futebol português um alcance maior que 4 milhões de pessoas, evidenciando a potência da instituição e do desporto.

Em relação ao Brasil, através da publicação do estudo que aborda o Impacto do Futebol Brasileiro (IFB, 2018) constata-se que assim como em Portugal o futebol envolve milhões de adeptos por todo o território nacional, gerando em 2018 impacto de 0,72% no PIB do país, movimentando 48,8 bilhões de reais, 11,0 bilhões diretamente e 761 milhões indiretamente, criando aproximadamente 156 mil empregos, e ainda, ocasionando mais de 19 mil jogos, totalizando mais de 7 milhões de adeptos nos estádios, em uma média impressionante de 50 partidas por dia.

O estudo sobre o IFB (2018) ainda demonstra que o Brasil teve mais de 7 mil equipas registradas, destas, 874 equipas profissionais no escalão Sênior, tendo registrado no sistema da Confederação Brasileira de Futebol – CBF, 360.291 atletas, sendo 347.487 do sexo masculino e 12.804 do sexo feminino. Por fim, nos últimos 10 anos a receita das 27 principais equipas do futebol brasileiro aumentou em 96%, crescimento maior do que qualquer outro segmento do mercado.

Entendendo o jogo de futebol como um desporto profissional e os atletas como os ativos mais valiosos do clube Matesanz, Holzmayr, Torgler, Schmidt e Ortega (2018) em estudo sobre o mercado de transferências das 21 primeiras ligas europeias entre as épocas de 1996/1997 e 2015/2016, através de coleta do registro de transferência de mais de 2.200 clubes e mais de 135.000 atletas nesse período, foi constatado que as competições europeias como a Liga dos Campeões da UEFA, Liga Europa da UEFA e as Ligas Nacionais, são de fato um jogo do dinheiro, evidenciando que o potencial de investimento do clube tem interferência direta no sucesso desportivo, demonstrando que os clubes com os maiores investimentos em transferências alcançam melhores resultados nas competições.

Devido a esse grande investimento Rosado (2000) diz que hoje em dia e cada vez mais é cobrado que o treinador, compreendido como líder do processo, seja capaz de atuar de forma assertiva em diferentes contextos, seja relacionado ao treino, a gestão de pessoas ou qualquer outra competência relacionada as diferentes perspectivas da equipa e do clube, sendo o treinador o responsável por treinar, gerir e liderar todo o processo, dentro e fora de campo, quer na perspectiva do coletivo ou individual.

Para Serpa (2017) um projeto desportivo que visa o alto rendimento deve ser desde o início da prática um projeto pessoal de vida; o atleta deve fazer parte do processo, da construção, vivenciando de forma intensa o presente e projetando de forma racional o futuro. Durante a formação desportiva o atleta constrói a sua identidade, que vai acompanhá-lo como atleta e como ser humano durante e após a vida competitiva, colaborando para a compreensão do ser atleta, da formação ao alto rendimento, mas também para a transição pós carreira desportiva, ou até mesmo no caso de não seguir a carreira desportiva, devendo possuir competências para além do desporto.

Pensando nas competências exigidas aos treinadores de futebol e as capacidades que os atletas devem ter para alcançar e se manter com sucesso no escalão Sénior, Cunha (2016) enfatiza a importância da formação do atleta a longo prazo, respeitando as fases de desenvolvimento e as fases sensíveis para desenvolver as competências necessárias em todos os pilares, seja físico, técnico, tático, mental ou qualquer outro que influencie positivamente na formação do ser humano e do ser atleta.

Através da implantação adequada do projeto de desenvolvimento do atleta a longo prazo os talentos desportivos são formados e potencializados, considerando as características individuais, mas também considerando as condições ambientais como a quantidade e a

qualidade do treino e da competição, que demonstram ser fundamentais no desenvolvimento do atleta e da equipa, tendo papel decisivo na busca da excelência no desporto (Garganta, 2009).

Por consequência das condições positivas para o desenvolvimento pleno o atleta passa a ter maior probabilidade de decidir melhor, uma vez que para Guia e Araújo (2014) a tomada de decisão se dá na relação estabelecida pelo atleta com o ambiente.

Dessa forma a formação do atleta comprova ser cada vez mais importante para os clubes, gerando grande investimento á nível infraestrutural e profisisonal, visto que através da capacitação do clube enquanto instituição e dos profissionais que lá trabalham o desenvolvimento do atleta é potencializado, melhorando todos os aspectos inerentes a ele, inclusive a tomada de decisão, que demonstra não ser uma ação isolada mas sim uma construção do atleta.

Nesta perspectiva o objetivo do presente estudo é mensurar a autoperceção de futebolistas seniores sobre a qualidade do seu percurso formativo no futebol e o nível atual das suas competências táticas.

A sistematização do presente estudo decorre em um primeiro momento através de Revisão da Literatura, organizada ao longo de dez seções secundárias: a primeira é destinada ao jogo de futebol; a segunda à formação e competências do treinador; a terceira discorre sobre o desenvolvimento humano e desportivo; a quarta é dedicada ao desenvolvimento a longo prazo; e, a quinta trata do talento no futebol. A sexta seção secundária conceitua a tomada de decisão no futebol; a sétima relaciona a tomada de decisão com o treino; a oitava relaciona os aspectos táticos, técnicos e físicos da tomada de decisão; a nona relacionando a tomada de decisão com os aspectos mentais; e, a décima conceitua os aspectos relacionados a autoperceção.

Os restantes segmentos da dissertação, consideram: o terceiro capítulo, onde é detalhada a metodologia; o quarto capítulo apresenta e analisa os resultados do estudo; a discussão é apresentada no quinto capítulo e discorre em função das hipóteses formuladas; e, a conclusão é apresentada no sexto capítulo, onde além da síntese e análise das implicações dos resultados encontrados discorre também sobre as limitações e indícios para futuras investigações.

2 Revisão da Literatura

2.1 O jogo de futebol

Segundo Castelo (2009) o jogo de futebol é visto por grande parte das pessoas como um desporto de fácil compreensão, porém quando estudado a fundo se mostra complexo e essa complexidade deve-se ao fato de o futebol conter inúmeras fontes de informação que vai muito além do vai e vem da bola. Um dos motivos da elevada complexidade é o fato de ser um desporto coletivo, logo, envolve ações individuais e conjuntas, de toda a equipa ou parte dela, de setores, podendo ocorrer com ou sem a posse de bola, sendo influenciado também conforme a filosofia do clube e o modelo de jogo adotado pelo treinador.

O jogo de futebol caracteriza-se como jogo coletivo de confronto entre duas equipas que rivalizam a disputa pela posse da bola e devem seguir as leis do jogo e o seu principal objetivo é marcar o golo, ou seja, introduzir a bola na baliza adversária e não deixar que o adversário introduza a bola em sua baliza. O confronto entre as equipas é determinado através da relação contrastante entre ataque e defesa, através de constante relação de cooperação e oposição (Castelo, 2009).

Em documento publicado pela International Football Association Board (IFAB, 2019) referente as leis do jogo, relata-se que o futebol é praticado em vários países, em diferentes níveis competitivos e escalões e que independentemente do local que é praticado as leis são as mesmas, universais. Também por esse motivo o futebol se faz uma potência, pois quando as federações de todo o mundo padronizam a forma de disputa, o desporto é massificado, visto que de alguma forma todos se sentem pertencentes ao espetáculo, que se assemelha ao que é apresentado na televisão. É fundamental que as leis do jogo sejam respeitadas, que o futebol seja praticado de forma correta, garantindo a beleza do jogo através da justiça: o chamado espírito do jogo.

Embasado nas leis do jogo e adaptando o jogo de futebol a idade e competência dos atletas em busca da formação e potencialização do desempenho desportivo a FPF diz que a formação desportiva do atleta tem que ir muito além do campo, do jogar. Contudo, a evolução do mesmo deve ser a nível desportivo, social e educativo (Milheiro et al., 2018).

É possível verificar na Tabela 2.1.1, que a FPF (2019) através do comunicado oficial número um, referente a época desportiva 2019/2020, que tem o intuito de padronizar os escalões, relacionando o ano de nascimento com o escalão que pertencem e a nomenclatura correta.

Tabela 2.1.1. Escalões competitivos de futebol e futsal, masculino e feminino.

Ano de nascimento	Escalão	Idade
Até 2000	Seniores	
1997		Sub 23 C
1998		Sub 22
1999		Sub 21
2000		Sub 20 A
2001	Sub 19 – Juniors A	Sub 19
2002	Sub 19 – Juniors A	Sub 18
2003	Sub 17 - Juvenis	Sub17
2004	Sub 17 - Juvenis	Sub 16
2005	Sub 15 - Iniciados	Sub 15
2006	Sub 15 - Iniciados	Sub 14
2007	Sub 13 – Infantis	Sub 13
2008	Sub 13 – Infantis	Sub 12
2009	Sub 11 – Benjamins	Sub 11 B
2010	Sub 11 – Benjamins	Sub 10 B
2011	Sub 9 – Traquinas	Sub 9 B
2012	Sub 9 – Traquinas	Sub 8 B
2013	Sub 7 – Petizes	Sub 7 B
2014	Sub 7 – Petizes	Sub 6 B

Nota: FPF (2019).

Consequentemente a padronização dos escalões na Tabela 2.1.2 é possível verificar que a FPF (2019) propôs um modelo de quadro competitivo com o objetivo de adequar o formato da competição com o escalão, adaptando o formato do jogo e as regras com as respectivas competências.

Tabela 2.1.2. Quadro competitivo conforme idade dos atletas.

Escalão	Formato da competição
Petizes	Futebol 3x3 com/sem guarda redes
Traquinas	Futebol 5x5
Benjamins	Futebol 7X7
Infantis	Futebol 9x9
Juniores A	Futebol 11x11
Juniores B	Futebol 11x11

Juniões C	Futebol 11x11
-----------	---------------

Nota: FPF (2019).

Conforme os escalões a FPF (2019) designa também a bola que deve ser utilizada, sendo que no escalão sub 13 se utiliza uma bola menor, número quatro. Já nos escalões com idades superiores ao sub 13 a bola é número cinco; dessa forma, a federação adapta a bola as competências inerentes ao escalão.

Em adição a isso, na Tabela 2.1.3 é possível verificar que a Associação de Futebol de Lisboa (AFL, 2019) através do regulamento de provas oficiais de futebol nove e futebol sete estabelecem as dimensões do campo e da baliza, adaptando ao formato da competição.

Tabela 2.1.3. Dimensões do terreno de jogo do futebol sete e nove.

Comprimento do campo	Largura do campo	Baliza
75 metros (máximo)	55 metros (máximo)	6 metros de largura
45 metros (mínimo)	40 metros (mínimo)	2 metros de comprimento

Nota: AFL (2019).

O escalão referente ao futebol nove é composto por atletas com 13 anos, o futebol sete é dividido em duas competições, uma que abrange atletas de 12 e 11 anos e outra que é composta por atletas de 10 e 9 anos, sendo que nas competições destinadas aos atletas mais novos não existe tabela classificativa das equipas. Também se tem uma divisão por idade dentro do próprio escalão, atletas com data de nascimento do primeiro ano do escalão e atletas com data de nascimento referente ao segundo ano do escalão disputam competições distintas (AFL, 2019).

Nas Tabelas 2.1.4 e 2.1.5 a Associação de Futebol do Porto (AFP, 2019) em comunicado oficial, circular número 113, referente à época 2019/2020 retifica o regulamento referente ao futebol sete e futebol nove, especifica os escalões e padroniza o formato da competição, o tamanho do campo e da baliza.

Tabela 2.1.4. Escalões de futebol sete e futebol nove.

Competição	Escalão
Campeonato Distrital Futebol Nove	Sub 13
Campeonato Distrital Futebol Nove	Sub 12
Campeonato Distrital Futebol Sete	Sub 15 e Sub 17 Feminino
Campeonato Distrital Futebol Sete	Sub 13
Campeonato Distrital Futebol Sete	Sub 12

Campeonato Distrital Futebol Sete	Sub 11
Campeonato Distrital Futebol Sete	Sub 10 e Sub 11 (Misto idades)
Campeonato Distrital Futebol Sete	Sub 10

Nota: AFP (2019).

Tabela 2.1.5. Dimensões do terreno de jogo do futebol sete e nove.

Comprimento do campo	Largura do campo	Baliza
75 metros (máximo)	64 metros (máximo)	6 metros de largura
45 metros (mínimo)	40 metros (mínimo)	2 metros de comprimento

Nota: AFP (2019).

Os jogos no futebol nove e futebol sete, até o sub 12, tem a duração de 60 minutos, divididos em dois tempos de 30 minutos e a bola utilizada é de número quatro. Apenas no caso do futebol sete, feminino, sub 15 e sub 17, a bola é de número cinco, com as demais regras sendo as mesmas. No futebol sete sub 11 e sub 10 o tempo de jogo se altera, passando para 50 minutos, com dois tempos de 25 minutos (AFP, 2019).

A AFP (2019) através de comunicado oficial, circular número 137, referente à época 2019/2020, comunica o regulamento oficial do futebol Traquinas e Petizes, que são praticados no formato futsal, sendo que pertencem ao escalão traquinas atletas sub 9 e sub 8, os jogos têm duração de 30 minutos divididos em dois tempos de 15 minutos. No escalão Petizes participam atletas sub 7 e sub 6, os jogos têm duração de 20 minutos divididos em dois tempos de 10 minutos.

Em Inglaterra, foi criado o *Elite Player Performance Plan* (2011), pelos gerentes da Academia da Premier League com o objetivo de desenvolver o jovem atleta inglês, através do desenvolvimento dos clubes. Ou seja, para desenvolver melhores atletas se qualifica e capacita os clubes, os tornando em um dos mais desenvolvidos do mundo, seja a nível de estrutura física e capacitação pessoal, como consequência passam a formar e fornecer melhores atletas para as equipas Sénior, mas também melhora a eficiência no investimento financeiro na formação e desenvolvimento dos atletas.

O processo de desenvolvimento dos atletas abrange dos sub 5 aos sub 21 e é dividido em três fases: fase de fundação que abrange atletas de sub 5 até sub 11; fase de desenvolvimento que abrange atletas sub 12 até sub 16; e, fase de desenvolvimento profissional que abrange atletas sub 17 até o sub 21. Por fim, após essas fases se encontra o escalão Sénior que está aberto a todas as idades (*Elite Player Performance Plan*, 2011).

O *Elite Player Performance Plan* (2011) estabelece a partir da época 2012/2013 um programa de jogos específicos para cada escalão, desenvolvido para atender as demandas dos atletas, atendendo as prioridades em treino e competição, iniciando com jogos reduzidos até alcançar o 11 x 11 atletas.

Na fase de fundação, que contempla atletas do sub 5 até o sub 11 a filosofia norteadora é aprender a amar o jogo, os jogos acontecem no estilo de festas regionalizadas possibilitando que os atletas passem maior tempo nos próprios clubes, podendo cada clube organizar jogos adicionais e treinar nos finais de semana, sendo que os clubes devem registrar o número e tempo de jogo de cada atleta na época. O formato dos jogos devem ser de 3 x 3 atletas até 9 x 9 atletas, e a bola deve ter o tamanho três ou quatro conforme for combinado pelas equipas (*Elite Player Performance Plan*, 2011).

A fase de desenvolvimento que abrange atletas do sub 12 até o sub 16 a filosofia norteadora deve ser aprender a competir na equipa, os jogos seguem sendo regionalizados limitando a viagem em no máximo 1 hora, progredindo gradualmente de festivais e torneios regionais para nacionais e depois internacionais. Os jogos devem ser de 11 x 11 atletas e a bola deve ter o tamanho quatro ou cinco conforme combinado entre as equipas (*Elite Player Performance Plan*, 2011).

A fase de desenvolvimento profissional que vai do sub 17 até o sub 21 a filosofia norteadora é aprender a vencer, tem o objetivo de possibilitar a prática e o ensaio para o jogo profissional sendo fundamental ambientes desafiadores, replicando sempre que possível os jogos do escalão Sênior (*Elite Player Performance Plan*, 2011).

Na Tabela 2.1.6 é possível verificar que no desporto Sênior a IFAB (2019) estabelece algumas regras padronizadas mundialmente, como dimensões do campo e dimensões da baliza, diferenciando competições nacionais de internacionais em relação a dimensões do campo.

Tabela 2.1.6. Dimensões do campo e da baliza instituídas mundialmente para o futebol Sênior.

Comprimento do campo	Largura do campo	Comprimento do campo	Comprimento do campo	Baliza
Competição Nacional	Competição Nacional	Competição Internacional	Competição Internacional	
120 metros (máximo)	90 metros	110 metros	75 metros	7.32 metros de largura 2.44 metros de comprimento
90 metros (mínimo)	(máximo) 45 metros (mínimo)	(máximo) 100 metros (mínimo)	(máximo) 64 metros (mínimo)	

Nota: IFAB (2019).

Em relação a bola de jogo a IFAB (2019) padroniza a circunferência entre 68 centímetros e 70 centímetros e o peso entre 410 gramas e 450 gramas.

Por fim, os modelos apresentados anteriormente, independente da Federação (Federação Portuguesa de Futebol, 2018, 2019; Associação de Futebol de Lisboa, 2019; Associação de Futebol do Porto, 2019 & Elite Player Performance Plan, 2011) acreditam na adaptação do jogo de futebol ao escalão e as competências dos atletas e apesar dos modelos não serem exatamente iguais seguem o mesmo ideal, tem o mesmo objetivo, ou seja, o jogo é adaptado as competências do escalão, seja em relação ao formato dos jogos, seja em relação as dimensões do campo, da baliza e da bola. Quando alcançam o escalão Sénior existe uma padronização mundial, seja em relação ao formato do jogo, regras ou materiais, colaborando para a massificação do desporto.

2.2 Formação e competências do treinador

Dentre as diferentes esferas relacionadas com o futebol, sejam os atletas, os clubes, adeptos, Federações, Comité Olímpico Nacional e Internacional, Órgãos Municipais, Regionais, Estaduais e Federais, uma vem ganhando cada vez mais destaque, é o treinador de futebol (Furtado et al., 2019).

Cada vez mais é desejado que o treinador possua diferentes e diversas competências, Rosado (2000) define competência como “o conjunto estruturado de conhecimentos, aptidões e atitudes necessários ao exercício profissional, ao exercício das funções profissionais” (p.24).

Para Furtado et al. (2019) o treinador cada vez mais é alguém que deve possuir diferentes competências, em diferentes níveis, seja na relação com os atletas, diretores e torcida, seja em relação ao treino e competição, sendo que, construir uma carreira como treinador de futebol se torna cada dia mais complexo, tendo que constantemente lidar com diferentes demandas, diferentes culturas dos atletas, torcida, imprensa, dirigentes e muitos outros intervenientes relacionados com o desporto em geral e especificamente inerentes ao clube.

Adilogullari, Gorgulu e Şenel (2019) através de estudo sobre se o treinador de futebol emocionalmente inteligente demonstra uma capacidade de comunicação mais eficaz, levando em consideração que o futebol é um desporto que gera diversas emoções, sendo o treinador o líder, ele deve ser capaz de se auto gerenciar e conseqüentemente gerenciar seus atletas tendo uma visão realista do contexto para exercer as suas funções. O estudo é composto por 431

treinadores turcos, avaliados acerca da inteligência emocional e comunicação. Como resultado os pesquisadores percebem que os treinadores casados são significativamente mais bem avaliados que os solteiros em relação a avaliação dos outros treinadores sobre a sua capacidade de gerir sentimentos, nas habilidades sociais. Em relação as emoções e comunicação houve diferença significativa em relação a idade dos treinadores, sendo que os treinadores com 37 anos ou mais foram mais bem avaliados em relação a percepção dos outros treinadores sobre a gestão dos seus sentimentos, habilidades sociais e emoções. Outra diferença significativa do estudo foi em relação a treinadores de equipa A se comparados com treinadores do escalão de formação, sendo que os treinadores de equipas A se sobressaem em relação ao sentimento, regulação da emoção e habilidades sociais.

Enfim o estudo de Adilogullari et al. (2019) demonstra, ainda, que a inteligência emocional faz diferença significativa na comunicação dos treinadores, pois conforme o aumento da inteligência emocional existe um aumento também na qualidade da comunicação, sendo a inteligência emocional uma competência importante a ser treinada nos treinadores de futebol.

É possível observar através do discurso de Rosado (2000) que o caminho da formação do treinador de futebol está em construção a algum tempo e ainda se constrói como profissão e apesar de ter um mercado de trabalho crescente ainda é pouco estruturado. Um exemplo são as distintas formações dos treinadores de futebol em Portugal e em outros lugares do mundo, podendo o treinador ser licenciado em Educação Física ou não, com histórico desportivo na modalidade ou não, podendo inclusive não ter nenhuma dessas experiências e mesmo assim atuar como treinador de futebol.

Nesse sentido Bórbon, Ulate, Sánchez, Cabrera e Vargas (2018) por meio de análise sobre a capacitação e as fontes de conhecimento buscada por 10 treinadores de futebol da primeira divisão da Costa Rica, seja em relação ao treino, seja para influenciar a tomada de decisão no seu ambiente desportivo. A análise se dá através de entrevista e questionário, sendo que ambos os instrumentos indagam o treinador de como e de onde adquirem seus conhecimentos profissionais. Através da determinação de três grandes categorias, educação formal, informal e recursos tecnológicos, como resultado se destacou a importância dada pelos treinadores ao conhecimento como ex atletas e experiência profissional como treinadores, por outro lado a interação e troca de saberes entre treinadores foi a subcategoria com menor valor para aquisição de conhecimento.

Para Rosado (2000) é fundamental que o treinador conheça a modalidade, no caso em questão o futebol, tendo em conta que cada desporto tem as suas peculiaridades e a sua identidade cultural, interferindo diretamente no comportamento dos atletas, diretores, pais e adeptos. Portanto é fundamental que o treinador conheça a cultura do desporto, que vai muito além da elaboração do treino.

No mesmo sentido Guia (2009) relata que o treinador de futebol tem que conhecer o desporto e também a cultura que está inserido, levando em consideração a cultura do país, a cultura do clube e de seus diretores, a cultura dos seus atletas e dos adeptos, sendo que o treinador de futebol tem que ser capaz de se auto gerir, gerir relações interpessoais, ser ótimo comunicador, se preocupar com a sua imagem, saber tomar decisões e ser líder.

Porém, na mesma proporção que o treinador tem que ser conhecedor da cultura da modalidade, apenas ser conhecedor dela não é o bastante, ou seja, não basta apenas ter sido atleta, ter feito parte do contexto, ter vivenciado a modalidade e suas peculiaridades, o grande treinador de futebol tem que ir além, reconhecendo que a vivência e experiência na modalidade caracteriza apenas uma das competências exigidas ao grande treinador de futebol (Rosado, 2000).

Para Araújo (2006) o treinador na busca de corrigir falhas ou mesmo potencializar o rendimento pode e deve intervir diretamente e individualmente no atleta, recorrendo a vídeos do próprio atleta ou de outros, que tenham comportamentos positivos que devem ser seguidos como referência, ou negativos, com o intuito de alertar o que não deve ser feito, com o objetivo de desenvolver no atleta exercícios individualizados de visualização do treino e da competição, assim como dos atletas que vai enfrentar, buscar estabelecer rotinas de alimentação, descanso e concentração, assim como discussões e reflexões de casos.

O treinador deve criar situações hipotéticas na elaboração do treino, em conversas com a equipa e em momentos individualizados, para que o atleta possa se imaginar em determinadas situações que nunca enfrentou, se preparando o máximo possível para diferentes circunstâncias que o jogo possa proporcionar (Araújo, 2006).

Reconhecendo as competências requeridas ao treinador de futebol Guia (2009) fala que os treinadores são uns dos maiores responsáveis pela evolução da modalidade, atuando diretamente em contextos presentes e futuros.

Para Castelo (2009) o treinador de futebol deve compreender que cada atleta é um ser único, individual, sendo fundamental perceber que quando o treinador se comunica com a equipa ele é compreendido de forma diferente por cada atleta, pois envolve o significado que

cada atleta dá a mensagem, seja ela uma teoria conversada e explicada no balneário ou através da prática na elaboração do treino e competição.

Resende, Sá, Barbosa e Gomes (2017) compreendem que o treinador necessita de amplos conhecimentos para ser competente e é fundamental que esse tenha uma filosofia norteadora da sua atuação, não apenas como treinador, mas uma filosofia de vida. Já que o treinador é referência, é fundamental também que seja capaz de planejar o treino e seus exercícios, e mais, seja capaz de fazer com que o atleta se sinta responsável pelo processo de treino, dessa forma a comunicação é fundamental, assim como saber avaliar, seja auto avaliação ou avaliação dos seus atletas. Por fim o treinador deve ser um líder, líder que entusiasma, motiva e desafia seus atletas para que esses possam sempre buscar a evolução.

Em estudo sobre as competências requeridas aos treinadores de futebol na perspectiva de 16 atletas brasileiros Silva, Prado e Scaglia (2018) compreendem que a maioria dos atletas entendem que o treinador de futebol deve passar pelos escalões de formação antes de assumir uma equipa Sénior. A grande maioria dos atletas também demonstram preferência em treinadores que foram ex atletas de futebol Sénior. Quando questionados sobre as competências necessárias para o treinador, subdivididas em três áreas, responderam, interpessoal (40%), profissional (35%) e intrapessoal (25%).

Segundo Rosado e Mesquita (2007) o treinador tem papel fundamental no futebol pois é ele o facilitador do processo de treino, o mediador entre o treino e o atleta, sendo o responsável por conduzir o processo, o treinador se situa entre o ambiente, no caso do futebol, o campo, os materiais da atividade e os atletas.

Através de pesquisa sobre como os treinadores estruturam os treinamentos para o desenvolvimento dos seus atletas, com o objetivo de avaliar a estrutura da sessão de treino O'Connor, Larkin e Williams (2018) em pesquisa com 34 treinadores que atuam nos escalões sub 11 ao sub 15, por meio de filmagem dos treinamentos, é possível analisar a estrutura do treino, sendo que os treinadores devem entregar antes da sessão de treino o plano de treino com as atividades. Como resultados percebe-se que os treinos de forma geral são positivos, com exercícios de treinamento e em forma de jogo, porém os atletas ficam cerca de 30% do tempo inativos, seja com orientações que antecedem o exercício ou durante o exercício.

Para Rosado e Mesquita (2007) o treinador de futebol tem o compromisso de embasar a sua atividade em diversos conhecimentos, sejam eles científicos, pedagógicos, organizacionais, técnico ou táticos, e, mais que isso, devem organizar esses saberes de forma coerente e transmitir de forma adequada aos atletas.

Em pesquisa sobre a formação de treinadores desportivos no viés da licenciatura em Educação Física, Milistetd, Galatti, Collet, Tozetto e Nascimento (2017) compreendem que o grande objetivo da licenciatura é munir os futuros treinadores de diferentes desportos de competências para a prática. Para isso é fundamental que os futuros treinadores compreendam que a formação acadêmica não é o fim mas sim o início da vida profissional, que deve seguir nos estudos em busca de aprimoramento, visto que para se tornar um treinador desportivo é preciso desenvolver competências em diversas esferas, seja a nível do treino, a nível pessoal, comportamental, entre outras.

Castelo e Matos (2013) mencionam que todos os treinadores de futebol, absolutamente todos, devem antecipar as situações de treino, ou seja, devem pensar o treino, pensar os exercícios e seus objetivos. Dessa forma o treino é um processo que tem início muito antes na cabeça dos treinadores, sendo essa uma das qualidades mais relevantes do treinador de futebol: antecipar o máximo de situações possíveis que pode encontrar no treino, sejam positivas ou negativas.

Por mais que tentamos desvincular o trabalho do treinador dos resultados competitivos, para Castelo e Matos (2013) é fato que é em competição que o treinador é testado, e os resultados é que vão dizer se os métodos de trabalho são positivos, e conseqüentemente, a escala de importância social do treinador está intimamente ligada aos resultados, podendo esse estar entre os melhores ou não.

O Instituto do Desporto de Portugal (IDP, 2010) elaborou um Programa Nacional de Formação de Treinadores, o novo modelo de formação de treinadores abrange uma série de modificações se comparado com os modelos anteriores, dentre eles o aumento da carga horária, exigências de estágios, entre outros.

Seguindo esse modelo IDP (2010) são pontuadas as competências necessárias para os treinadores, respeitando cada grau, partindo do básico, ou grau 1, para o grau 2 e 3, até o grau 4, que é o topo da hierarquia profissional do treinador de futebol.

O grau 1, segundo o IDP (2010) corresponde a primeira etapa, o treinador que se encontra nessa fase deve ser capaz de orientar, sob supervisão, atletas que se encontram em formação, porém o treinador não possui autonomia para o exercício profissional, nessa fase as competências necessárias são:

- “1. Tem conhecimentos sobre o papel do desporto na formação pessoal, social e desportiva dos praticantes. 2. Conhece a relevância e os mecanismos da fidelização à prática desportiva a longo prazo. 3. Tem conhecimentos acerca da modalidade desportiva adequados ao nível de intervenção. 4. Tem

conhecimentos precursores da criação de ambientes positivos de aprendizagem. 5. Conhece os métodos instrucionais em treino desportivo. 6. Conhece a estrutura da sessão de treino. 7. Tem conhecimentos elementares sobre os procedimentos de organização, gestão e avaliação do treino. 8. Conhece as etapas de desenvolvimento cognitivo, psicológico e motor, e as suas implicações para a prática do treino. 9. Tem conhecimentos elementares acerca das etapas de formação desportiva a longo prazo. 10. Tem conhecimentos básicos para a avaliação da execução das habilidades desportivas elementares. 11. Conhece os fundamentos de uma educação para a saúde. 12. Tem conhecimentos elementares sobre primeiros socorros e suporte básico de vida. 13. Conhece a estrutura da carreira de treinador desportivo e as respectivas exigências.” (p. 57)

No Grau 2 o IDP (2010) define que o treinador passa ao estágio autônomo na formação e no alto nível de rendimento, nesse estágio o treinador deve possuir as seguintes competências:

“1. Tem conhecimentos sobre ética desportiva e deontologia profissional do treinador. 2. Tem conhecimento da modalidade desportiva adequado ao nível de intervenção. 3. Tem conhecimentos acerca das determinantes do processo de desenvolvimento desportivo do praticante a longo prazo. 4. Tem conhecimentos acerca dos diferentes estilos de ensino. 5. Tem conhecimentos acerca da formulação de objectivos de preparação e de competição. 6. Conhece diferentes modelos de planeamento anual do treino e as suas diferentes componentes. 7. Tem conhecimentos nutricionais aplicáveis à optimização do processo de treino e de competição. 8. Tem conhecimentos sobre os procedimentos de organização, gestão e avaliação do treino. 9. Tem conhecimentos acerca do processo de avaliação e controlo do treino e da capacidade de rendimento desportivo. 10. Tem conhecimentos sobre os procedimentos de organização e avaliação do desempenho da equipa técnica. 11. Tem conhecimentos elementares acerca do processo de formação de treinadores. 12. Tem conhecimentos que lhe permitem identificar talentos desportivos da modalidade e encaminhá-los convenientemente tendo em vista o processo de formação desportiva a longo prazo. 13. Tem conhecimentos que lhe permitem participar na análise e avaliação dos adversários e demais participantes na sua modalidade desportiva.” (p. 63)

No Grau 3 o IDP (2010) define que o treinador passa a ser capaz de avaliar não só a sua equipa de atletas, mas também colegas treinadores com grau inferior ou igual ao seu, as suas competências são:

“1. Tem conhecimentos pluridisciplinares conducentes à optimização da sua intervenção profissional. 2. Tem conhecimentos aprofundados da modalidade desportiva adequados a todos os níveis de intervenção. 3. Tem conhecimentos acerca dos factores determinantes do rendimento desportivo de alto nível e dos respectivos processos de potenciação. 4. Tem conhecimentos das Ciências do Desporto e das inovações tecnológicas associadas à optimização do processo de treino desportivo. 5. Tem conhecimento de diferentes modelos de planeamento plurianual do treino e das suas componentes. 6. Conhece diferentes

modelos de participação competitiva adequados aos diferentes níveis de prática. 7. Tem conhecimentos acerca dos métodos e meios avançados de avaliação e controlo do treino e da capacidade de rendimento desportivo do praticante e da equipa. 8. Tem conhecimentos pluridisciplinares que lhe permitem gerir equipas técnicas que integram especialistas de diferentes domínios. 9. Tem conhecimentos acerca do processo e das determinantes da formação de treinadores 10. Conhece o processo de prospecção e desenvolvimento, a longo prazo, de talentos desportivos da modalidade. 11. Tem conhecimentos que lhe permitem analisar e avaliar de forma sistemática os adversários e demais participantes na sua modalidade desportiva.” (p. 68)

Por fim, segundo o IDP (2010) o Grau 4 é o topo da hierarquia, o treinador passa a coordenar, dirigir e planear todas as atividades técnicas, as competências necessárias são:

“1. Tem conhecimentos acerca da estrutura do sistema desportivo em que se insere e das políticas desportivas vigentes e perspectiváveis. 2. Tem conhecimentos acerca da concepção, coordenação, implementação e avaliação de programas de formação desportiva em contextos diferenciados e plurais de prática. 3. Tem conhecimentos acerca de concepção, coordenação, implementação e avaliação de programas avançados de prospecção de talentos e de avaliação e controlo do treino e da capacidade de rendimento desportivo do praticante e da equipa. 4. Tem conhecimentos transdisciplinares que emergem e concorrem para uma formação auto-regulada. 5. Tem conhecimentos aprofundados acerca da implementação de programas de formação de treinadores e acerca do respectivo processo de controlo de qualidade. 6. Tem conhecimentos acerca dos processos de produção científica, inovação e empreendedorismo.” (p. 73)

Dessa forma, através do modelo proposto pelo IDP (2010) fica evidente a importância da capacitação do treinador para o exercício da função, sendo fundamental a aquisição gradual das competências, sendo que, no grau 1 o treinador deve ter a competência de compreender o atleta e o desporto, através de uma visão abrangente e generalizada do processo. No grau 2 deve ser capaz de compreender e avaliar o treino, adquirindo uma visão mais específica para o desempenho da função. No grau 3 deve ser líder e gerir os atletas, assim como os demais profissionais da sua equipa técnica, sendo o líder do processo. Por fim, no grau 4 deve ser capaz de compreender e atuar em prol do crescimento do desporto, unindo ciência e prática.

Em suma, o treinador como figura fundamental no futebol necessita se capacitar continuamente em três esferas fundamentais: 1) se desenvolver como pessoa, como ser humano; 2) academicamente, através do estudo da teoria do jogo; e, 3) profissionalmente, através do conhecimento das peculiaridades do desporto, do clube, e dos atletas. Logo, é fundamental que

o treinador possua diferentes competências para lidar com os diferentes intervenientes inerentes ao desempenho da função e potencialização do atleta e da equipa.

2.3 Desenvolvimento humano e desportivo

O Comitê Olímpico de Portugal através da Carta do Atleta (2019), acredita que o atleta de elite deve ter uma vida saudável que vai para além do desporto, deve prezar pelo convívio familiar, valorizar atividades pessoais, estudantis, ou qualquer outra vertente. Apenas dessa forma o atleta alcançará o alto rendimento desportivo, que é definido como “prática desportiva em que os praticantes obtêm classificações e resultados desportivos de elevado mérito, aferidos em função dos padrões desportivos internacionais” (p.5).

Nesse sentido a Federação Portuguesa de Pentatlo Moderno através do Regulamento do Alto Rendimento e das Seleções Nacionais (2019) diz que o atleta e seus comportamentos se tornam de interesse público quando representam o desenvolvimento do desporto, representando Portugal, e dizem ainda que:

“Considera-se de Alto Rendimento a prática desportiva que corresponde à evidência de talentos e de vocações de mérito desportivo excecional, aferindo-se os resultados desportivos por padrões internacionais, sendo a respetiva carreira orientada para a excelência desportiva internacional; O Alto Rendimento é hoje reconhecido como um importante fator de desenvolvimento do desporto. Para além de representar um invulgar impacto no plano social, gera um interesse e entusiasmo pelo desporto que acaba por contribuir para a generalização da prática desportiva. O conceito está relacionado assim com um elevado cariz de eleição, rigor e exigência e por isso, só apenas alguns dos melhores praticantes se encontram abrangidos pela perspetiva deste nível de prática desportiva; O Alto Rendimento é um meio para o aperfeiçoamento técnico e para a otimização do desempenho desportivo, e não um fim em si. A inclusão de praticantes depende do mérito das classificações e resultados alcançados no plano desportivo internacional; A lógica de desenvolvimento do Alto Rendimento evolui de uma base alargada e acessível para um topo muito seletivo de gradual exigência e complexidade; A imagem e o exemplo do praticante de Alto Rendimento são vitais para a motivação de novos praticantes e para a divulgação e promoção do Pentatlo Moderno.” (p.2)

Rubio (2004) acredita que o desporto de alto rendimento está intimamente relacionado com o desporto espetáculo, integrado por profissionais em todos os setores, atletas, treinador,

jornalistas, entre outros, e que envolve um grande aporte financeiro por parte dos adeptos, seja através de patrocinadores ou das cotas televisivas.

Para Garcia (2017) independente dos diferentes entendimentos a respeito da definição de desporto de alto rendimento todos acreditam estar relacionado com a busca pela evolução, da excelência, isto é: “O desporto de alto rendimento é, então, aquele desporto que busca o limite da capacidade da espécie humana, mostrando muito mais do que uma aptidão individual” (p.99).

Rosado (2000) entende que o atleta é antes mesmo de ser atleta um ser social, que vai muito além do ser atleta, dos resultados desportivos, visto que o principal objetivo do clube e do treinador deve ser em primeiro lugar o desenvolvimento do ser humano, independentemente do escalão, do país, da cultura, do nível financeiro ou colocação social, o atleta deve antes de tudo ser compreendido com um ser único, com potencialidades e fraquezas, que atravessam momentos bons e ruins em diferentes perspectivas. O atleta de futebol não pode ser visto como uma máquina, e é função do treinador e da equipa técnica humanizar esse processo, o atleta tem que ser visto como um ser biopsicossocial, para além do clube, do balneário ou do campo.

Para Serpa (2017) os valores sociais condicionam a reação da sociedade, os estereótipos influenciam diretamente o atleta, condicionando a forma como interagem em público, com a mídia e com outros atletas. A avaliação pública do jogo e do comportamento do atleta influencia diretamente a sua postura e a sua tomada de decisão na vida social e futebolística. A capacidade de interpretar as mensagens que a sociedade, torcida, companheiros e treinadores transmitem deve fazer parte das capacidades do grande atleta.

É fundamental que o atleta entenda as normas e a cultura que está inserido, seja a cultura futebolística ou da sociedade, afinal, se torna inviável treinar, aperfeiçoar e cobrar o atleta para ter orientação para tarefa em campo se existe tantos outros aspectos descontextualizados fora dele (Serpa, 2017).

Ter visão humanista no exercício da profissão é uma competência fundamental do treinador de futebol, é sua função ser capaz de enxergar para além do rendimento e resultados em competição, sabendo administrar as necessidades humanas do atleta, até mesmo para que esse possa potencializar o seu rendimento dentro de campo, ou seja, o olhar humanizado gera um ganho no rendimento, não uma perda (Rosado, 2000).

Com o passar do tempo o futebol se desenvolve e incorpora cada vez mais a ciência aos treinamentos, nesse sentido Bangsbo, Mohr e Krstrup (2006) expressam que com a tecnologia apoiando cada vez mais a melhora no desempenho desportivo as diferentes possibilidades de

analisar taticamente as equipas também se desenvolve e se aprimora, seja análises coletivas ou individuais, demonstrando ter interferência direta nos aspectos físicos, pois dependendo da função dos atletas em campo, dependendo do modelo de jogo da equipa e dos compromissos individuais táticos dos atletas, conseqüentemente as demandas físicas se diferenciam, devendo ser levadas em consideração nas estratégias das equipas.

A tecnologia está cada vez mais inserida no futebol, apoiando todo o processo de treino e competição, podendo colaborar na observação e análise de muitos aspectos do jogo, sejam eles físicos, técnicos ou táticos. A análise de desempenho é um bom exemplo pois demonstra ser uma ferramenta que se bem utilizada tem potencial para potencializar o rendimento desportivo. Garganta (2001) através de revisão, considera a evolução dos anos trinta até os anos dois mil, e concluiu que existe um crescimento no número de estudos científicos sobre a análise de desempenho, o que conseqüentemente gera uma melhora e possível aperfeiçoamento, posto que a análise tem possibilitado:

- 1) configurar modelos da actividade dos jogadores e das equipas;
- 2) identificar os traços da actividade cuja presença / ausência se correlaciona com a eficácia de processos e a obtenção de resultados positivos;
- 3) promover o desenvolvimento de métodos de treino que garantam uma maior especificidade e, portanto, superior transferibilidade;
- 4) indiciar tendências evolutivas dos diferentes desportos. (p. 57)

Nesse sentido a evolução tecnológica isolada não gera necessariamente evolução em relação a análise, mas sem dúvidas gera melhora gradual e significativa na qualidade do material colhido, porém, se a qualidade do material colhido for combinada com uma boa utilização profissional com certeza ocorrerá evolução significativa no desporto (Garganta, 2001).

A utilização do GPS também é um ótimo exemplo da utilização tecnológica em prol do futebol. Cummins, Orr, O'Connor e West (2013) em pesquisa sobre a utilização de GPS no desporto coletivo, através da verificação da importância da tecnologia para auxiliar o trabalho do treinador e de sua equipa técnica, demonstra que a utilização do GPS é importante para medir o posicionamento do atleta, a distância percorrida, a velocidade e os padrões de movimento, se tornando um grande auxílio para o treinador que pode aceder esses dados em treino e competição. Enfim os dados gerados pelo GPS resultam em um excelente material para a programação dos próximos treinamentos, seja para os responsáveis pelo treinamento físico seja para o planejamento do treinamento por parte do treinador, assim como para análise dos dados individuais do atleta, em treino ou competição.

Em relação aos aspectos físicos, Schultze e Liberali (2011) caracterizam o futebol como um desporto com grande predominância do metabolismo aeróbico, dado que as maiores predominâncias das ações ocorrem em movimentos de baixas e moderadas intensidades, porém com lances mais agudos que atingem alta intensidade, utilizando metabolismo anaeróbico, dessa maneira caracterizam o futebol como um desporto misto. O calendário desportivo futebolístico é muito movimentado, com muitos jogos e deslocamentos, demandando muito dos aspectos físicos, sendo fundamental que o clube conheça individualmente as peculiaridades de cada atleta, as demandas energéticas, seu tipo físico, as ações de jogo, entre outras variáveis.

Na busca da relação entre os aspectos físicos e o sucesso de atletas nos jogos de futebol através de comparação do desempenho de atletas da primeira liga com os da segunda liga espanhola, Piqueira, Villora, Castellano e Teoldo (2019) em análise se a distância total percorrida, distância percorrida entre 21km/h e 24 km/h e acima, estabelecem alguma relação com o sucesso em competição, melhor dizendo, em relação aos pontos ganhos, golos marcados e sofridos em competição.

Finalmente constatam que a distância percorrida entre os atletas das equipas das duas ligas é semelhante, tendo diferença em relação a alta velocidade e muito alta velocidade, com atletas da primeira liga se saindo melhor, todavia as demais variáveis não demonstram diferença dentro da própria liga, dessa forma o estudo demonstra que nos treinamentos se deve treinar cada vez mais a velocidade pois apesar de não ser a base do jogo de futebol demonstra ser fundamental em momentos decisivos (Piqueira et al., 2019).

Reilly, Bangsbo e Franks (2000) acreditam que o atleta de futebol talentoso tem que se adaptar as demandas físicas dos jogos, os autores dizem que os atletas não necessariamente precisam ser extraordinários em determinadas áreas em relação ao desempenho físico, mas dizem ser fundamental ter capacidades razoavelmente altas em todas elas, e dizem ainda que devido a heterogeneidade referente as características antropométricas e fisiológicas dos atletas se torna inviável definir um padrão de sucesso.

Porém algumas características físicas demonstram ser essenciais independente do contexto analisado, dentre elas a potência aeróbica e anaeróbica, agilidade e flexibilidade das articulações, posto que atualmente a capacidade de tolerar o treinamento também demonstra ser uma capacidade fundamental para o atleta bem-sucedido, devido a altíssima carga de treino semanal e das exigências em competição. Finalmente, o modelo de jogo e a função que os atletas desempenham em campo demonstra interferir diretamente nas suas demandas e consequente capacidade física (Reilly et al., 2000).

Ainda em relação as demandas físicas dos atletas de futebol, através de análise da liga australiana, Haycraft, Kovalchik, Pyne e Robertson (2017) constatam que as maiores exigências para que o atleta tenha sucesso desportivo e alcance o patamar de elite está relacionado a resistência, força, velocidade e agilidade.

Gonaus, Birklbauer, Lindinger, Stoggl e Muller (2019) mediante estudo sobre as mudanças ao longo de uma década, 2002 a 2005 e 2012 a 2015, em relação a antropometria e condicionamento físico de jovens atletas de futebol sub 13 ao sub 18 austríacos, sendo realizado ao fim de cada época avaliações de aptidão física e antropométrica, constata-se que houve alteração em relação a velocidade, mudança de direção, maior força de membros inferiores, coordenação e resistência, os autores atribuem essas mudanças aos treinamentos e diferentes processos de seleção de atletas se comparado os dias atuais com o passado.

Complementarmente, Filgueira e Greco (2008) compreendem o futebol para além das competências físicas, como força e velocidade, enfatizam a importância cada vez maior da inteligência tática, que se dá na relação entre processos cognitivos de percepção e a tomada de decisão. Compreendendo o jogo de futebol como um jogo desportivo coletivo, as ações táticas podem ser individuais, setoriais, envolvendo pequenos subgrupos de atletas, e coletivas, envolvendo toda a equipa, todavia quanto maior o número de atletas envolvidos nas ações táticas mais complexas são as ações pois dependem da relação e automatização coletiva.

Através de revisão bibliográfica, Villora, Olivares, Vicedo e Teoldo (2015) ressaltam algumas ferramentas de análise tática que vem sendo utilizadas no futebol, utilizando como critério de seleção ferramentas que analisam os princípios táticos do jogo, a validade e confiabilidade publicada em revista científica com qualidade comprovada, realizado em diferentes contextos desportivos, dentre eles recreativo, educacional, competitivo ou então combinados.

Isto posto, os instrumentos que se enquadram nesses critérios segundo os autores são, *Game Performance Assessment Instrument (GPAI)*, *Performance Assessment in Team Sports (TSAP)*, *Procedural Tactical Knowledge Test (KORA)*, *Game Performance Evaluation Tool (GPET)*, *System Of Tactical Assessment in Soccer (FUT-SAT)*. Por fim, através desse estudo foi possível perceber a importância dada aos aspectos táticos dos desportos coletivos, nomeadamente ao jogo de futebol (Villora et al., 2015).

Ismail e Nunome (2020) ao longo de análise de 40 jogos da Copa do Mundo de Futsal da FIFA 2016, com o objetivo de encontrar os principais indicadores de desempenho em vitórias e derrotas através de comparação das equipas semifinalistas com as demais, constatam

que a maior porcentagem de posse de bola durante o jogo combinado com o maior número de remates são características diferenciadoras das equipas bem-sucedidas na competição, todavia a porcentagem de posse de bola isolada não demonstra interferência nos resultados.

Por meio de análise do comportamento tático de jovens atletas de futebol sub 11, sub 13, sub 15 e sub 17, Américo et al. (2016) percebem que as competências táticas evoluem conforme a idade e a experiência no desporto, quer dizer, atletas de escalões mais velhos demonstram melhor compreensão dos aspectos táticos se comparados com atletas de escalões mais jovens, porém atletas do escalão sub 15 demonstram queda no comportamento, que pode ser explicada pelas mudanças corporais acentuadas e questões sociais. Portanto fica evidente a importância de se trabalhar aspectos tático em treinamento, e mais do que isso, introduzir de forma gradual, respeitar o escalão, a idade e a fase de conhecimento dos atletas é fundamental para garantir a evolução dos mesmos, partindo de forma menos complexas no sub 11 e aprofundando cada vez mais a partir do escalão sub 13.

Praça, Soares, Matias, Teoldo e Greco (2015) consentem na importância das competências técnicas, táticas, físicas e mentais no desempenho dos atletas durante o jogo de futebol, mas enfatizam a falta de estudos que relacionem essas competências, ou ao menos algumas delas. Além disso o estudo dessas competências auxilia diretamente a melhor compreensão acerca dos desportos coletivos, colaborando consequentemente no entendimento e elaboração dos treinos.

Dessa forma através de pesquisa sobre a relação entre as competências táticas e técnicas em atletas de futebol os autores concluem que a técnica (drible, passe e finalização) e a tática (infiltração) não estão correlacionadas. Com efeito, os atletas que demonstram bom entendimento tático não são necessariamente os que se destacam nas competências técnicas, assim como os atletas mais técnicos não necessariamente se destacam no entendimento tático (Praça et al., 2015).

Em estudo sobre a evolução da técnica de atletas profissionais através de análise de três épocas desportivas no futebol alemão (Bundesliga) Konefal et al. (2019) concluem que a técnica evolui em direção a maior precisão, independentemente da posição ou função do atleta em campo, demonstra também declínio no número de ações totais durante a partida, e dizem ainda que a melhora tende a estar ligada a conscientização cada vez maior dos atletas sobre a importância da otimização das capacidades técnicas que giram cada vez mais em torno da qualidade e não da quantidade.

O jogo de futebol demonstra estar se alterando, evoluindo, acompanhando as alterações e evoluções da sociedade, sendo que o rendimento desportivo e humano dos atletas de futebol demonstram estar relacionados, ou seja, quando o clube e o treinador compreendem e potencializam o desenvolvimento do ser humano a nível pessoal, como consequência o atleta irá potencializar o seu rendimento desportivo, colaborando para o alcance do alto desempenho, seja a nível coletivo e individual, em todas as competências do jogo.

2.4 Desenvolvimento a longo prazo

Balyi e Hamilton (2004) enfatizam a importância da qualidade e planeamento no desenvolvimento dos treinos e da competição colaborando diretamente para o desenvolvimento dos atletas, sendo fundamental a formação a longo prazo. Desse modo os resultados imediatos devem ser menos valorizados do que a evolução do desempenho a longo prazo, sendo fundamental que o treinador conheça os períodos críticos e sensíveis de cada escalão.

Ainda segundo Balyi e Hamilton (2004) o desporto pode ser compreendido como de especialização precoce ou tardia, sendo os desportos de especialização precoce os desportos que demandam uma especialização específica como a ginástica artística e ginástica rítmica por exemplo. Os desportos de especialização tardia englobam os desportos coletivos que demandam uma abordagem mais generalizada.

Nesse sentido os desportos de especialização precoce englobam quatro fases, por outro lado os de especialização tardia englobam seis fases. De forma geral os desportos de especialização precoce não abordam as duas primeiras fases presentes nos desportos de especialização tardia, nomeadamente a fase fundamental e a fase que aprendem a treinar, isto é, não passa pelas fases prioritariamente lúdicas, iniciando no treino específico da modalidade (Balyi e Hamilton, 2004).

Rother e Mejia (2015) acreditam que o futuro atleta de futebol na imensa maioria das vezes inicia a vida desportiva ainda criança, inserido em diferentes contextos, formais e informais, em clubes desportivos, ruas, parques, ou qualquer outro espaço possível de prática desportiva. Inicialmente o desporto deve ser praticado como uma forma de brincadeira, diversão, mas com o passar dos anos pode se tornar o grande objetivo de vida do praticante e da sua família, portanto a formação do atleta profissional é longa e a maior parte fica pelo caminho, por diversos motivos.

Devido a essa longa trajetória desportiva e social o desenvolvimento humano se confunde com o atleta, com o sucesso ou insucesso em treinos e competições e envolve muito mais do que apenas o atleta, influenciando na dinâmica de toda a família, sendo que o jovem que ambiciona ser atleta de futebol profissional tem que passar por um processo sistemático de treinos e requer orientações a nível físico, técnico, técnico, mental, social, nutricional, entre outros (Rother & Mejia, 2015).

Por compreender que os grandes atletas de diferentes desportos se formam ao longo de toda a vida e entender que a formação do ser humano e do ser atleta caminham juntos, se desenvolveu diversos Modelos de Treinamento a Longo Prazo, com diferentes ênfases, podendo alguns modelos se pautar nos aspectos físicos, outros nos aspectos psicológicos, entre outras perspectivas possíveis. Em comum esses modelos acreditam na importância do desenvolvimento da criança e do adolescente de forma integral, como ser humano e atleta, acreditam também na importância de respeitar determinadas fases de desenvolvimento, além de valorizar o processo a longo prazo.

Nesse sentido a seguir será explorado alguns modelos dentre tantos possíveis para demonstrar a importância do treinamento a longo prazo. O modelo abordado como base será o *Long-Term Athlete Development (LTAD)*, e esse modelo é o escolhido pois serão citados também dois modelos de desenvolvimento a longo prazo no futebol, canadense e português, que tem como base o modelo LTAD.

Para Cunha (2016) de fato o que sabemos é que a maior probabilidade de se tornar um futuro talento desportivo vem da união entre talento e treino, sendo que esse treinamento deve ser de longo prazo, isto posto o modelo LTAD acredita ser preciso treinar de 8 a 12 anos para ser competitivo, ou 10.000 horas de treino. Ainda segundo Cunha (2016) o LTAD acredita em janelas de treinabilidade, isso quer dizer que conforme a idade e a etapa que o jovem se encontra o treinador deve enfatizar determinados aspectos no treino.

Será apresentado na Tabela 2.4.1 com base no LTAD, alguns modelos de diferentes Países que podem ser aplicados em diferentes desportos, sendo que os modelos se distinguem em relação as etapas e competências do atleta, mas em comum acreditam na importância do desenvolvimento a longo prazo.

Tabela 2.4.1. Modelos de treinamento a longo prazo, etapas e competências desenvolvidas.

Autor	Cunha (2016)	Canadian Soccer Association (2005)	Milheiro et al. (2018)	Balyi e Hamilton (2004)
Estudo	Long Term Athlete Development - LTAD	Long Term Player Development - LTPD	Federação Portuguesa de Futebol - FPF	Modelo de Especialização Tardia do Jogador - METJ
1ª Etapa	Início ativo 0 - 6 anos Movimentos fundamentais, atividades lúdicas	Início ativo Sub 6 meninos Sub 4 meninas O objetivo é brincar, se divertir	Escalão Sub 9 Diversão, jogo lúdico, início do processo cooperativo	Estágio Fundamental Homens 6-9 anos Mulheres 6-8 anos Desenvolvimento de habilidades motoras gerais (desenvolvimento Físico, técnico, tático e Psicológico)
2ª Etapa	Fundamental 6 - 9 anos meninos 5 - 8 anos meninas Participar no máximo de modalidades possível, janela para trabalhar velocidade, jogos lúdicos, capacidades motoras globais	Fundamentos 6 - 9 anos meninos 6 - 8 anos meninas Agilidade, equilíbrio e coordenação	Escalão sub 13 O principal objetivo é manter o prazer pelo jogo, período sensível para desenvolver as capacidades coordenativas, ritmo, equilíbrio e orientação espacial	Aprender a Treinar Homens 9-12 anos Mulheres 8-11 anos Habilidades desportivas gerais (desenvolvimento Físico, técnico, tático e Psicológico)
3ª Etapa	Aprender a treinar 9 - 12 anos meninos 8 - 11 anos meninas Janela para coordenação motora, foco não é o resultado em competição	Aprendendo a treinar 9 - 12 anos meninos 8 - 11 anos meninas Velocidade, flexibilidade, início do desenvolvimento da técnica no futebol através de jogos	Escalão sub 15 Período sensível para se trabalhar aspectos Físicos como força, velocidade, resistência e flexibilidade. Início das posições específicas e comportamentos táticos	Treinar para treinar Homens 12-16 anos Mulheres 11-15 anos Base aeróbica, força, habilidades específicas para o desporto (desenvolvimento Físico, técnico, tático e Psicológico)
4ª Etapa	Treinar para treinar 12 - 16 anos meninos 11 - 15 anos meninas Janela para desenvolvimento das capacidades físicas (aeróbio, velocidade), deve ser dada a mesma importância para treino e competição	Treinar para treinar 12 - 16 anos meninos 11 - 15 anos meninas Capacidades físicas (aeróbio, velocidade)	Escalão sub 17 Momento de maior instabilidade emocional	Treinar para competir Homens - 16-18 anos Mulheres - 15-17 anos Otimização da preparação física, habilidades individuais e específicas da posição (desenvolvimento Físico, técnico, tático e Psicológico)
5ª Etapa	Treinar para competir 16 - 23 anos meninos 15 - 21 anos meninas Início da carreira de atleta, otimização do desempenho, aprender a competir, treinos com intensidade alta	Treinar para competir 16 - 20 anos meninos 15 - 19 anos meninas O objetivo é desenvolver o atleta de futebol através de ambiente positivo	Escalão sub 19 Os atletas passam a ter comportamentos adultos, com objetivos claros desportivos	Treinar para vencer Homens 18 anos Mulheres 17 anos Maximização do desempenho (físico, técnico, tático e Psicológico)
6ª Etapa	Treinar para ganhar O objetivo é alcançar a vitória, o pódio o rendimento de excelência	Treinar para ganhar Meninos maiores de 19 anos Meninas maiores de 18 anos Construir o jogador para Copa do Mundo, otimizar o desempenho	Escalão sub 21 Momento de deslumbramento desportivo, é o momento de consolidação das especificidades individuais (físicas, técnicas, táticas, mental)	Retirada Atividades realizadas após retirada do desporto
7ª Etapa		Ativo para a vida Abrange pessoas de todas as idades e sexos O objetivo é desenvolver o futebol em prol da saúde		

Em adição ao que foi apresentado anteriormente, Balyi e Hamilton (2004) mencionam que o modelo de desenvolvimento a longo prazo deve levar em consideração a especificidade de cada modalidade, se adequando as demandas inerentes a ela. Acreditam também que o atleta deve ser visto de forma subjetiva, sendo que o modelo tem que se adequar ao atleta e não o contrário. Dizem ainda que não existe atalho na formação do atleta inserido no treinamento a longo prazo, por isso não se deve enfatizar a competição nas fases iniciais de treinamento pois além de não colaborar para o desenvolvimento a longo prazo pode prejudicar o atleta.

Ao contrário dos demais estudos apresentados, Balyi e Hamilton (2004) acreditam que um modelo de desenvolvimento de atletas a longo prazo não deve levar em consideração apenas a idade cronológica dos atletas entre os 10 e os 16 anos, pois segundo os autores existe uma grande variação no desenvolvimento físico, cognitivo e emocional nessa fase. Assim o ideal seria a determinação das idades biológicas e a utilização dessas informações como base para desenvolver o modelo. Por outro lado, assim como os demais modelos apresentados anteriormente os autores também acreditam em janelas de treinabilidade e em períodos críticos e sensíveis que devem ser aproveitados durante o processo de maturação.

A relação entre teoria e prática muitas vezes não ocorre com a naturalidade esperada, por diversos motivos, dentre eles está o olhar subjetivo que cada indivíduo tem da teoria, e por consequência como essa compreensão se reverte na prática. Outros aspectos relevantes é a filosofia dos clubes, a pressão exercida sobre o treinador, seja por dirigentes, coordenadores, pais e adeptos. Também devem ser consideradas as inúmeras possibilidades de se trabalhar o ser humano, quer dizer, nos estudos citados anteriormente os atletas devem ser trabalhados em quatro perspectivas, dentre elas física, técnica, tática e mental. Contudo, existem outras inúmeras perspectivas importantes no futebol, como a compreensão de aspectos nutricionais por exemplo.

As etapas de desenvolvimento também podem trazer alguma confusão na aplicação prática pois para um atleta passar de etapa basta ele alcançar determinada idade, mas e nos casos dos atletas talentosos, o atleta poderia avançar etapas caso alcance determinadas competências antes de completar determinada idade? Por outro lado, atletas menos capacitados podem estagnar em determinada etapa ou serem introduzidos em etapas iniciais para desenvolver alguma competência que ainda não possui? E a interferência cultural na formação e desenvolvimento do ser humano e do atleta deve ser levada em consideração? Essas questões são de importante compreensão para que o processo seja bem-sucedido para todos.

Finalmente, a participação do jovem atleta no desporto informalmente ou formalmente demonstra interferir positivamente no seu rendimento futuro e os modelos de treinamento a longo prazo demonstram ser grandes aliados dos clubes e dos treinadores no processo formal do treino, servindo como base da organização da época desportiva, colaborando para a compreensão das peculiaridades de cada escalão, e independentemente do modelo adotado pelo clube, o desenvolvimento subjetivo do atleta deve ser compreendido e respeitado durante todo o processo.

2.5 Talento desportivo

Sobre talento Garganta (2009) profere que “é plausível entender o talento como um atributo relacionado com a performance consistente e acima da norma, num dado domínio, não é menos razoável admitir que, para além de pessoal e intransmissível, o talento é actualizável” (p.3). Serpa (2017) diz que “está subjacente ao conceito de talento uma valorização social da característica ou desempenho que lhe é associado. Refere-se a uma expressão de superioridade. Pode ser uma aptidão natural, um dom, ou uma capacidade adquirida” (p.95).

No mesmo sentido Maia (1996) define talento como algo anormal e por consequência muito valioso, é quando o atleta se sobressai se comparado aos demais, podendo ser uma capacidade inata ou adquirida, ou seja, o atleta pode nascer com determinado talento ou adquiri-lo ao longo da vida através da relação positiva com o ambiente que está inserido. Nesse sentido Lanaro e Bohme (2001) dizem que “talentosos são indivíduos com predisposição para executar uma ou mais tarefas motoras e ou intelectuais acima da média da população” (p. 157).

Para Ford et al. (2011) o atleta talentoso é aquele que se destaca se comparado com os demais em um ou mais domínios do jogo. Quer dizer, pode possuir habilidades motoras, técnicas, físicas, intelectuais e emocionais melhores se comparado a média da modalidade desportiva. Porém, mesmo se destacando o atleta talentoso necessita se desenvolver constantemente para que possa se tornar realidade futuramente, sendo necessário participar de um processo de treinamento de longo prazo de qualidade.

Garganta (2009) menciona que a possibilidade de acesso à informação evidência que o talento resulta da interação de características dos atletas com as oportunidades que lhes são proporcionadas pelo meio envolvente, para que possam atualizar constantemente as respectivas

aptidões, isto é, existem potenciais talentos antes do processo sistematizado de treino, mas só se torna realmente um talento depois do processo de treino, através da relação entre o inato e o adquirido.

Paoli, Silva e Soares (2008) acreditam que existe uma alteração histórica na definição de talento no futebol, isto significa que segundo os autores antigamente era considerado talento o atleta que se sobressaia nos aspectos técnicos aos demais, porém hoje em dia e cada vez mais o futebol demanda do atleta talentoso não apenas qualidades técnicas individuais, mas também que o atleta seja capaz de contribuir com a equipa em outros aspectos, sejam eles táticos, físicos, mental, entre outros.

Williams e Reilly (2000) definem algumas características fundamentais para o atleta de futebol, dentre elas os aspectos sociais (suporte familiar, educação, horas de prática), psicológico e habilidades perceptivo cognitivas (motivação, concentração, tomada de decisão, criatividade), fisiológico (capacidade aeróbia e anaeróbia), e físicos (altura, massa corporal). Ou seja, o atleta tem que ser desenvolvido de forma integral para se tornar de fato um talento desportivo no escalão Sênior.

Devido à importância dada ao talento desportivo, os clubes investem cada vez mais na detecção, seleção e desenvolvimento do talento através de diversos projetos de treinamento a longo prazo. Por conseguinte, a detecção visa encontrar jovens atletas para integrar determinado projeto, de determinada equipa desportiva. Consequentemente, após a detecção de um grande número de atletas com potencial para o clube ocorre a seleção de alguns atletas que possuem capacidades e qualidades para integrar a equipa. Por fim após integrados ao projeto, vem a promoção, onde o clube passa a potencializar o atleta através de treinamento, da qualidade do treino, de ambiente positivo e profissionais capacitados (Bohme, 2007).

Nesse sentido os estudos de Baker, Schorer e Wattie (2018) e Paoli et al. (2008) enfatizam a importância de detectar os atletas talentosos cada vez mais cedo, sendo necessário identificar nesse jovem atleta potencial para o alto rendimento futuro e acreditar que inserido na filosofia e no processo de treino do clube esse atleta irá se desenvolver e alcançar o alto rendimento esperado, podendo contribuir com o clube no presente mas também futuramente.

Bohme (2000) diz que a detecção de atletas talentosos tem como objetivo encontrar jovens que estejam disponíveis e dispostos a participar e integrar as equipas e estejam dispostos a participar do programa desportivo do clube, ou seja, não basta ter talento, é preciso ter ambição e se dedicar.

Nesse sentido Paoli et al. (2008) acreditam que para detectar é essencial a observação do atleta na prática, em treino e competição, e normalmente os clubes abrangem um grande número de atletas, padronizando o olhar conforme as características do clube e do treinador, mas também devem considerar as diferentes características e competências necessárias para as diferentes funções do jogo de futebol.

Para Reilly, Williams, Nevill e Franks (2000) detectar de forma assertiva o atleta talentoso de futebol é essencial e precede a seleção pois em desportos coletivos a detecção e consequente seleção, se torna mais complexa do que em desportos individuais já que diversos intervenientes podem influenciar no desempenho do atleta, além de existir diferentes características e funções individuais, sejam elas técnicas, táticas ou físicas, podendo estar relacionadas também ao modelo de jogo do clube e do treinador.

Por fim, a promoção do atleta talentoso é fundamental, nesse sentido Paoli et al. (2008) enfatizam a importância de o clube potencializar o atleta, acompanhando e desenvolvendo de forma individual em relação ao maior número de competências possível, sejam elas táticas, técnicas, físicas, mental ou qualquer outra que possibilite o alto desempenho, sendo fundamental a qualidade do ambiente interno do clube e capacidade dos profissionais envolvidos em todo o processo.

Nesse sentido alguns estudos demonstram que a idade relativa tem bastante relevância na detecção e consequente seleção do talento no futebol. Saether (2015) em estudo com 92 atletas selecionados para integrar a seleção norueguesa entre os anos de 2006 e 2010 observam que 46% dos atletas nascem no primeiro trimestre em 2006 e que apenas 22% desses atletas são selecionados em 2010. Ou seja, a idade relativa pode ter interferido na seleção no início do processo, em 2006, mas a longo prazo não demonstra vantagem de selecionar esses atletas anteriormente.

Ainda sobre idade relativa Hill e Sotiriadou (2016) através de pesquisa-ação com treinadores sobre os efeitos da idade relativa no processo de seleção de atletas talentos nos escalões sub 13 e sub 15, sendo que na primeira fase do estudo ocorre intervenções verbais com o objetivo de treinar no treinador a consciência de idade relativa, explicando o que é e suas possíveis consequências. Na segunda fase acontece as representações visuais, os atletas são convidados a formar três grupos de meses de nascimento dentro da idade, com o objetivo de os treinadores observarem a diferença física entre os grupos. Na terceira fase os treinadores são lembrados verbalmente sobre a idade relativa dos atletas durante todo o processo de seleção.

A consciência dos efeitos da idade relativa no processo de seleção de talentos levando em consideração as datas de nascimento resulta em algumas mudanças no processo de tomada de decisão dos treinadores. Especificamente os treinadores se tornam mais conscientes da idade relativa durante o processo, porém verifica-se que essa conscientização do processo não resulta em qualquer alteração significativa na escolha pois os treinadores selecionam os atletas nascidos nos primeiros meses, com maior potencial físico, sendo mais altos e mais fortes (Hill & Sotiriadou, 2016).

Os exercícios em vídeo também demonstram ser cada vez mais utilizados na seleção de talentos no futebol. Bennett, Novak, Pluss, Coutts e Fransen (2018) recorreram à análise de vídeo de 328 atletas de futebol juvenil, divididos em quatro subgrupos, atletas da liga A, atletas da National Premier League, atletas da academia local, e ainda 59 participantes sem experiência competitiva no futebol que formam o grupo controle. Os exercícios de vídeo consistem em avaliar a tomada de decisão em situações de 2 x 1, 3 x 1, 3 x 2, 4 x 3 e 5 x 3 atletas, onde todos os atletas são instruídos a selecionar rapidamente a resposta que leva diretamente a oportunidade de marcar o gol. Os resultados não demonstraram diferença entre as academias no desempenho da tomada de decisão em vídeo, porém o número de anos praticando futebol influencia no desempenho, pois os atletas se saem melhor conforme o tempo de prática específica no desporto.

Também através de estudo sobre a detecção de talento através de tomada de decisão em vídeo Woods, Raynor, Bruce e McDonald (2015) em pesquisa realizada com 85 atletas australianos sub 18, sendo considerado talentosos os que pertencem a equipa de futebol e identificados como não talentosos os que não pertencem. O exercício consiste em disponibilizar atividades onde os atletas têm que concluir uma tarefa de tomada de decisão em 26 vídeos, todos em situação ofensivas e em situações reais de jogo. Como resultado o estudo demonstra que atletas identificados como talentosos tomam melhores decisões, são mais assertivos, somando mais pontos, demonstrando que a tomada de decisão em vídeo é uma ótima alternativa complementar para se analisar a tomada de decisão de atletas talentosos.

Em estudo sobre o processo de identificação e seleção de talentos no futebol juvenil australiano O'Connor, Larkin e Williams (2016) buscam através de habilidades perceptivo cognitivas a diferenciação de atletas selecionados como talentosos dos não selecionados. Participam do estudo 127 atletas sub 15, primeiro os atletas preenchem uma versão adaptada do Questionário de História da Participação para coletar dados pessoais e histórico desportivo, e após conclusão do questionário os atletas respondem uma avaliação baseada em vídeo

cognitivo-perceptivo, sendo que quatro atividades foram concluídas em sequência, incluindo a tomada de decisão, antecipação, probabilidade situacional e reconhecimento de padrões.

Através da análise de 20 vídeos de sequências ofensivas de jogos de elite, onde os vídeos são ocultos no momento importante sendo solicitado resposta do atleta de acordo com o objetivo da atividade, em seguida é adicionado um teste de antecipação onde os atletas devem prever que ação o atleta com posse da bola executará. Por fim, considera-se três possíveis resultados de decisão: passe, correr com a bola e finalização a baliza. Como resultados os atletas selecionados como talentosos tem pontuações de desempenho perceptivo-cognitivo melhor quando combinadas e apesar de se sair melhor em todos os comparativos, apenas em relação a tomada de decisão o grupo talentoso teve um desempenho significativamente melhor (O'Connor et al., 2016).

Por meio de estudo da avaliação multidimensional na identificação de talentos no futebol sub 18, realizado com 779 atletas australianos, Woods, Raynor, Bruce, McDonald e Robertson (2016) consideram como atletas talentosos os que pertencem a equipa de futebol e não identificados como talentosos os que não pertencem. Ambos os grupos realizam avaliação que consiste em testes de resultados de desempenho físico (altura em pé, altura do salto vertical dinâmico e teste de aptidão com vários estágios de 20 metros), técnico (finalização) e desempenho perceptivo-cognitivo (tarefa de tomada de decisão em vídeo). O resultado indica que a maioria dos atletas identificados como talentosos superou suas contrapartes identificadas sem talento em todas as avaliações, seja em relação ao desempenho físico, técnico e perceptivo-cognitivo.

Tribolet, Bennett, Watsford e Fransen (2018) por intermédio da abordagem multidimensional na identificação de 277 jovens atletas talentosos de futebol australianos do escalão sub 12 ao sub 15, através da avaliação da antropometria (estatura, massa corporal, comprimento das pernas), competências motoras (equilíbrio para trás, movimentação lateral e salto lateral), exercício físico (mudança de velocidade e direção, resistência muscular de membros superiores, potência de membros inferiores) e classificação de habilidades pelos treinadores (passe, marcação e finalização). Constata-se nesse estudo que a idade relativa é preponderante nos resultados. Os atletas selecionados para a equipa de futebol são mais velhos se comparados com os não selecionados e se saem melhor em relação as classificações antropométrica, condicionamento físico e habilidades relacionadas pelo treinador, sendo que no escalão sub 15 os atletas selecionados comparados com os não selecionados são mais

adiantados maturacionalmente, mais altos, mais pesados, mais explosivos, mais rápidos na mudança de direção e demonstram ter mais técnica na finalização e na marcação.

Bennett et al. (2018) por meio de estudo sobre o uso de jogos reduzidos como ferramenta de identificação de talento no futebol australiano sub 11 e sub 15, hipotetizou que atletas de alto nível apresentam maior proficiência em habilidades quando comparados com aqueles de nível inferior. Além disso foi hipotetizado também que esses atletas seriam capazes de manter a proficiência em habilidades em diferentes condições de jogo. Os atletas são divididos em dois grupos de acordo com o nível, dentro de seus níveis os atletas realizam jogos de 4 x 4 atletas em espaço reduzido de 30 × 20 metros em duas condições, condição um, cinco jogos de 3 minutos, e condição dois, três jogos de 5 minutos. As tentativas e os envolvimento de habilidades foram analisados através de análise de vídeo e os atletas são analisados em relação ao drible, passe, interceptação e finalização, por fim os atletas identificados como talentosos tentam e completam mais passes, finalizações e participação total em ambas as condições de jogo quando comparados com atletas não identificados como talentosos.

O estudo de Larkin e O'Connor (2017) busca entender os atributos que 20 treinadores e recrutadores australianos percebem como importantes na identificação e recrutamento no futebol sub 13, o estudo também tem como objetivo descrever os métodos atuais que os treinadores e recrutadores usam para avaliar e identificar talentos. Através de análise de diretores e treinadores australianos submetidos a três estágios, incluindo entrevista inicial e dois questionários subsequentes em que os atributos e as qualidades associadas à identificação do talento são classificados e justificados de acordo com a importância dada ao desempenho, as cinco habilidades técnicas que os treinadores pontuam como fundamentais são: toque na bola, um contra um, bater na bola, técnica sobre pressão e correr com a bola.

Os atributos táticos mais importantes enfatizados são tomada de decisão, consciência de jogo e antecipação, também se destacam alguns atributos psicológicos importantes para o desempenho, tais como: atitude, atitude positiva, amor ao jogo, confiança, criatividade e competitividade. Também é fornecido evidências dos atributos que não consideram importantes ao identificar os jovens atletas talentosos para uma equipa, incluindo fatores fisiológicos e antropométricos. Os treinadores dizem que velocidade e força são benéficas, mas não percebem no recrutamento de sub 13 como fator essencial, mas sim que a ênfase nessa faixa etária deve ser na capacidade técnica, e ainda eliminam as capacidades defensivas após o primeiro questionário (Larkin & O'Connor, 2017).

Em suma, o potencial atleta talentoso pode ser percebido muito cedo, quando ainda é criança, mesmo sem ter praticado o desporto formalmente, antes mesmo do treino, quer dizer, pode ser inato, porém a consolidação do atleta talentoso nas idades mais avançadas se dá através do processo formal de treino e competição, sendo que a deteção, seleção e promoção do talento desportivo leva em consideração diversos fatores que são influenciados pela cultura do clube. Isto é, a consideração da filosofia do clube em conjunto com as ideias de jogo do treinador, podendo ocorrer por meio de distintos processos de seleção, através da observação do treino e competição, de jogos reduzidos, da utilização da análise de vídeos, da análise de fatores multidimensionais, como aspectos físicos, técnicos, táticos e perceptivos cognitivos, sendo imprescindível a conscientização da interferência da idade relativa nas camadas jovens.

2.6 Tomada de decisão no futebol

Para Castelo e Matos (2013) a tomada de decisão está presente no cotidiano, todos os dias tomamos decisões, acontece que na maioria das vezes as decisões passam despercebidas pois estão automatizadas no cotidiano, se trata de pequenas decisões, decisões comuns. Por outro lado, decisões que se dão em situações menos habituais geram muitas reflexões e acabam por chamar atenção, são decisões mais valorizadas, se trata de grandes decisões, normalmente pelo impacto gerado.

No futebol não é diferente, para Castelo e Matos (2013) os atletas decidem a todo momento, decisão após decisão, seja através da constante adequação do posicionamento tático, defensivo e ofensivo, seja em relação aos aspectos físicos, na tomada de decisão de acelerar com ou sem bola, ou técnico, quando precisam decidir entre realizar o passe ou finalizar, sendo que essas decisões acontecem a todo momento e muitas vezes passam despercebidas por estarem automatizadas.

Araújo (2006) refere que a tomada de decisão emerge da relação constante do atleta com o ambiente competitivo, ou seja, não são isoladas ou estáticas, emergem das interações entre constrangimentos e nessa interação com o contexto os grandes atletas não devem ser reativos a demandas geradas em competição, mas sim antecipá-las, seja com ou sem a posse da bola, no momento ofensivo ou defensivo.

Compreendendo o futebol como um jogo de tomada de decisão, Castelo e Matos (2013) dizem que não vence quem se desloca mais rápido, quem salta mais alto, ou quem consegue correr por mais tempo, não necessariamente vence a equipa mais técnica. Todas essas

competências são importantes e podem de fato colaborar para o sucesso da equipa, mas o ponto fundamental do futebol é a leitura de jogo: o atleta tem que ser capaz de compreender qual a melhor forma de agir consoante ao contexto, sendo que no futebol na maioria das situações a reflexão deve preceder a ação.

Henriques e Araújo (2012) enfatizam que a tomada de decisão é um processo mental e complexo e muitos fatores podem influenciá-la pois acontece na relação das características pessoais do atleta com o contexto vivenciado, sendo a tomada de decisão uma escolha entre diversas possibilidades no jogo. Para Castelo (2009) “a tomada de decisão é, uma escolha entre muitos actos motores possíveis de resolução da situação” (p. 265). Guia (2009) refere que a tomada de decisão é uma escolha em determinada situação que o atleta tem diversas possibilidades para alcançar o objetivo, isto significa que os atletas podem alcançar o mesmo fim, porém o meio pode variar bastante.

A cada tomada de decisão Castelo (2009) menciona que um novo cenário se abre e o atleta precisa decidir novamente, é assim durante todo o jogo de futebol, decisão após decisão, quer dizer, o cenário gera decisões, que gera um novo cenário, conseqüentemente novas decisões devem ser tomadas sucessivamente, durante todo o jogo.

Afonso, Garganta e Mesquita (2012) mediante pesquisa sobre a complexidade envolvida na tomada de decisão em desportos coletivos entendem que os fatores essenciais a serem considerados na tomada de decisão é a atenção, a antecipação e a memória. É salientado ainda que a atenção deve sempre ter objetivo claro se tornando cada vez mais seletiva, a antecipação se bem empregada faz toda a diferença, porém pode ser prejudicial no caso de ser precipitada, ou seja, o atleta decide rápido se comparado com os demais, mas decide de forma equivocada, resultando em prejuízo. Enfim a memória demonstra ser a base do processo, respalda a atenção no objetivo correto e colabora para a antecipação assertiva no momento da tomada de decisão.

Da mesma forma Light, Harvey e Mouchet (2012) também compreendem a tomada de decisão como algo complexo que pode ser aprimorada e acreditam em uma abordagem de coaching centrada no atleta, através de relação positiva com o ambiente que está envolvido e diálogo nas relações sociais, melhor dizendo, é mais dependente do ambiente e das relações sociais do que de orientações dos treinadores, dessa forma as ações diárias em equipa passam a ser mais que treinos, grandes oportunidades de explicar e refletir sobre as complexas decisões tomadas, possibilitando aprender durante o processo, isto é, através de questionamento e reflexão constante.

No futebol assim como na vida a tomada de decisão está presente em todos os momentos, podendo ser automatizada, como se sentar ou se deitar, ou efetuar um simples passe ou drible, passando muitas vezes despercebidas aos olhos de todos por estarem automatizadas. Porém também tomamos grandes decisões, se trata de decisões com grande impacto futuro e conseqüentemente não passam despercebidas, por exemplo, mudar de serviço ou se casar, no caso do contexto social, ou decidir entre dar uma assistência ou finalizar a baliza em um jogo decisivo no contexto desportivo.

Enfim pode-se dizer que a tomada de decisão é o comportamento mais importante do futebol, pois a equipa e o atleta que tem melhores competências, isto é, se sobressai fisicamente, tecnicamente, taticamente e psicologicamente, ainda assim pode ser derrotada, basta utilizar as suas competências de forma equivocada, em momentos menos apropriados. Por outro lado, atletas menos capacitados, que decidem corretamente, podem alcançar resultados positivos.

De modo a clarificar as diferentes dimensões que podem influenciar a tomada de decisão no futebol, na Tabela 2.6.1 é apresentado alguns estudos com uma abordagem focada no treino e na competição, nas dimensões táticas, técnicas, físicas e mentais, através das quais serão analisadas qualitativamente a tendência de resultados da literatura e a sua interpretação. Essa análise representará a extensão de reflexão crítica dos estudos representativos dos temas que são apresentados de forma sumária.

Tabela 2.6.1. Aspectos táticos, técnicos, físicos e mental da tomada de decisão.

Autor / Ano	Amostra	Procedimento metodológicos	Principais resultados
Vaeyens, Lenoir, Williams, Mazyn e Philippaerts (2007)	87 atletas do futebol belga, todos do sexo masculino. Os atletas foram divididos em quatro subgrupos conforme experiência e nível competitivo (elite 14,7 ± 0,5 anos, subelite 14,6 ± 0,3 anos, regionais 14,6 ± 0,6 anos e grupo controle 14,5 ± 0,4 anos).	- Atividade: Através de vídeos de jogos de futebol, sempre em situação ofensiva, com o vídeo sendo paralisado quando o atleta de colete amarelo recebe a bola. Os atletas devem responder realizando o passe, finalizando ou driblando, e devem também verbalizar a resposta após a tentativa. - Testes: 1) sete treinadores estipulam a respostas ideal; 2) os tempos de decisão são registrados usando tapetes sensíveis à pressão localizados abaixo dos pés dos atletas e da bola; 3) a busca visual é coletada usando um sistema de integração olho-cabeça; 4) a localização da fixação é calculada como a porcentagem do tempo total de visualização gasto fixando várias áreas da tela.	- 1) em relação a precisão das respostas os três grupos tomaram decisões mais precisas nas condições de visualização 3 x 1 e 4 x 3 em comparação com o grupo controle; 2) todos os grupos foram menos precisos na condição 4 x 3 e mais precisos na condição 2 x 1; 3) não foram observadas diferenças significativas no tempo de reação entre os grupos, sendo: elite 230,5; subelite 229,9; regional 223,2 e grupo controle 235,4; 3) todos os grupos demonstram aumento significativo no tempo de reação juntamente com o aumento do número de participantes na atividade $F(2, 160) = 279.96, p < .001, n_2 = .78$; 4) em relação ao tempo para tomar a decisão, os três grupos empregaram tempos de decisão mais curtos do que o grupo controle, em todas os contextos; 5) os atletas empregaram os tempos de decisão mais rápidos na condição de visualização 3 x 1 e os mais lentos na condição de visualização 4 x 3; 6) não houve diferenças significativas entre os grupos no número médio de fixações por segundo, $F(3, 54) = 2,05, p > 0,05$, ou na duração média da fixação, $F(3, 54) = 1,36, p > .05$; 7) não houve diferenças significativas entre os grupos na frequência de alteração da fixação entre o atleta em posse da bola e qualquer outra área, $F(3, 54) = 7,58, p < 0,001, n_2 = 0,30$; 8) os atletas de elite ($0,154 \pm 0,010$) usaram uma ordem de pesquisa mais alta em comparação com os demais, grupo controle, $0,105 \pm .011$; regional $0,099 \pm .011$; subelite, $0,086 \pm .012$.
Roca, Ford, McRobert e Williams (2011)	40 atletas de futebol pertencentes ao escalão Sênior. Nos dois experimentos participam diferentes atletas, sendo, 10 atletas habilidosos (profissionais e semiprofissionais), e 10 menos habilidosos (amador ou recreativo). No primeiro experimento os atletas tem idade média de $23,6 \pm 3,8$ anos e no segundo	- Atividade: O estudo ocorreu em dois experimentos distintos, e em ambos experimentos são apresentados a mesma sequência de vídeo, filmados na perspectiva de primeira pessoa, em situação real de jogo 11 x 11. Na função de defesa central os atletas devem decidir e antecipar as decisões dos oponentes. Os vídeos são paralisados antes do atleta em posse da bola realizar o passe, finalizar ou driblar. O segundo experimento consiste em fornecer relatório verbal. No momento de decisão o atleta deve responder verbalmente “O que o atleta com bola estava fazendo?” e “Que decisão o próprio atleta tomou no momento da oclusão do vídeo?”. - Testes: 1) a precisão da antecipação foi definida se o atleta selecionou ou não corretamente a próxima ação do atleta em posse da bola no momento da oclusão do vídeo; 2) três treinadores de futebol qualificados da UEFA selecionam a decisão mais apropriada para o atleta executar a resposta à situação no momento da oclusão de vídeo em cada julgamento; 3) um sistema móvel de rastreamento ocular mede o ponto de	- Experimento 1: Os atletas mais habilidosos foram mais precisos do que os menos habilidosos em antecipar as ações dos adversários ($M = 70,0\%$, $DP = 6,7$ vs. $M = 36,5\%$, $DP = 6,7$), $t(18) = 11,22, P \setminus 0,001, d = 4,90$; os atletas mais habilidosos foram mais precisos em comparação com os menos habilidosos na decisão ($M = 81,0\%$, $DP = 5,7$ vs. $M = 48,0\%$, $DP = 10,3$), $t(18) = 8,86, P \setminus .001, d = 3,84$; houve diferenças significativas em relação a estratégia de busca visual dos atletas mais habilidosos, que envolveu mais fixações de menor duração e significativamente mais locais. Foi observada uma interação significativa Grupo x Local de Fixação, $F(2,07, 37,23) = 21,57, P \setminus 0,001, g_2 = 0,55$. Os atletas menos habilidosos gastaram significativamente mais tempo fixando o atleta em posse da bola ($M = 59,1\%$, $DP = 10,1$) e o movimento da bola ($M = 30,8\%$, $DP = 7,9$) em comparação com os atletas mais habilidosos ($M = 42,1\%$, $DP = 13,7$ e $M = 9,7\%$, $DP = 5,0$, respectivamente). Experimento 2: Os atletas mais habilidosos foram mais precisos em comparação com os demais em antecipar as intenções de seus oponentes ($M = 68,1\%$, $DP = 8,0$ vs. $M = 35,0\%$, $DP = 9,9$), $t(18) = 8,24, P \setminus 0,001, d = 3,65$; declaração verbal: Houve um efeito principal significativo para o grupo $F(1,18) = 17,40, P = 0,001, g_2 = 0,49$. Os atletas mais habilidosos ($M = 7,73$ declarações, $DP = 1,32$) geraram significativamente mais declarações verbais em comparação com atletas menos habilidosos ($M = 5,43$ declarações, $DP = 1,13$).

	com idade média de 23,8 ± 4,8 anos.	vista do olho em relação a uma câmera de cena montada na cabeça.	
Roca, Williams e Ford (2012)	64 atletas de futebol, do escalão Sênior, do Reino Unido, todos do sexo masculino. Divididos em dois grupos: experimental (atletas de alto desempenho) com idade média de 20,7 ± 2,4 anos e grupo controle (amadores e recreativos) com idade média de 22,1 ± 2,8.	- Atividade: Os atletas receberam sequência de 20 vídeo, envolvendo situações dinâmicas de jogo 11 x 11, filmadas da perspectiva de defesa central, em primeira pessoa. Os vídeos foram ocluídos no momento de decisão, os atletas devem interagir e se mover conforme a sequência dos vídeos. No final de cada vídeo os atletas devem responder" O que o atleta em posse de bola estava fazendo?" e " Que decisão os atletas tomaram ou estavam prestes a tomar no momento da oclusão do vídeo?". Após a conclusão do teste, os atletas respondem o Questionário de História da Participação, para obter informações sobre o perfil histórico de suas práticas. - Testes: O Questionário de História da Participação foi utilizado para rastrear o histórico desportivo dos atletas.	- 1) os atletas do grupo experimental (80,0 + 3,7%) registraram pontuações mais altas em relação as análises dos vídeos em comparação com os amadores (60,3 + 4,6%) e recreativos (42,8 + 5,8%); 2) a média de horas por ano em atividade de futebol durante a infância foi significativamente maior para os atletas do grupo experimental (449,2 + 146,5 h · ano ⁻¹) em comparação com os outros dois grupos; 3) o grupo experimental (339,0 + 125,4 h ano ⁻¹) passou significativamente mais horas médias por ano em atividades lúdicas específicas do futebol em comparação com os outros dois grupos; 4) não houve diferenças significativas para a média de horas por ano na atividade de futebol durante a adolescência entre os grupos experimental (467,1 + 92,3 h ano ⁻¹) e amadores (390,3 + 105,2 h ano ⁻¹); 5) um número significativamente maior de horas médias por ano foi gasto nas atividades de prática e competição de futebol do grupo experimental (178,1 + 54,6 h ano ⁻¹ e 94,2 + 31,2 h ano ⁻¹ , respectivamente) e amadores (137,4 + 44,4 h ano ⁻¹ e 90,7 + 31,2 h ano ⁻¹) quando comparados aos recreativos (47,7 + 48,2 h ano ⁻¹ e 36,6 + 37,7 h ano ⁻¹); 6) aos 18 anos de idade, os atletas do grupo experimental (5946,9 + 1469,7 h) acumularam mais horas totais na atividade de futebol em comparação aos amadores (4563,7 + 768,9 h), e ambos grupos acumulando mais horas em comparação ao grupo recreativo (2670,4 + 1075,0 h), F1, 45 ± 33,24, P 5 0,001, Z 2 ± 0,60; 7) a participação em outros desportos não diferenciou os grupos do grupo experimental em todas as idades (11,5 + 2,3 anos), amadores (10,8 + 1,7 anos) e recreativo (11,1 + 2,1 anos), F2, 43 0,47, P 4 0,05, Z 2 0,02.
Lorains, Ball e MacMahon (2013)	85 atletas do escalão Sênior do futebol australiano, com idade média de 23,2 ± 3,4 anos, todos do sexo masculino. Divididos em três grupos: (elite, subelite e iniciantes).	- Atividade: Os atletas foram analisados em 70 vídeos, em relação a precisão e tempo de reação, com velocidade de reprodução variável. As velocidades dos vídeos são aumentadas em 1,25, 1,5, 1,75 ou 2.0 da filmagem normal do dia do jogo (1.0) ou reduzida para 0,75. - Testes: As respostas são analisadas por treinadores pertencentes a federação australiana. Após cada vídeo os atletas devem avaliar a sensação de velocidade em relação ao vídeo, utilizando uma escala de sete pontos para avaliar a sensação da velocidade do jogo.	- 1) o grupo de elite é significativamente mais preciso do que os grupos de subelite e iniciantes, p <0,001; 2) na velocidade lenta (0,75), o grupo de elite é mais preciso do que o grupo de subelite (p. 0,019), que é mais preciso que o grupo de iniciantes (p. 0,027); 3) na velocidade normal (1.0) os grupos elite e subelite são mais precisos que o grupo iniciante; 4) na velocidade de 1,25, o grupo de elite superou os grupos subelite e iniciantes (p <0,001); 5) na velocidade de 1,5 e acima, o grupo de elite superou o grupo de subelite e o grupo de iniciantes que não diferiam significativamente um do outro em velocidades de 1,5, 1,75 ou 2,0; 6) o grupo de elite tem um desempenho significativamente mais preciso em vídeos de velocidade mais rápida (1,25, 1,5, 1,75, 2,0) em comparação com o normal (1,0) e velocidades lentas (0,75).
Villora, López e Jordán (2015)	57 atletas do futebol espanhol, todos do sexo masculino. Pertencentes a quatro escalões: sub 8, sub 10, sub 12, sub 14.	- Atividade: A coleta de dados é realizada através da gravação dos jogos dos próprios atletas. Os jogos são adaptados aos escalões: sub 8, 2 x 2; sub 10, 3 x 3; sub 12, 5 x 5; sub 14: 7 x 7, e as dimensões do campo, áreas e objetivos variaram de acordo com o escalão. - Testes: Para avaliar as capacidades técnico-táticas é utilizado o Game Performance Assessment Tool (GPET).	- 1) em relação a manter a posse da bola, 87,75% das decisões foram adequadamente resolvidas; 2) no princípio, avançando em direção à meta, foi analisado a maior parte das unidades de tomada de decisão, dos quais 88,13% foram resolvidos adequadamente; 3) no princípio, para alcançar o objetivo, 84,40% foi adequadamente resolvido. Resultados nos escalões: 1) a medida que avançam nos escalões, o princípio da situação de atingir o objetivo é reduzido (de 6,67% em sub 8, para 2,84% em sub 14); 2) se os resultados para o escalão sub 8 for omitido, e concentrar nos dados dos escalões sub 10 e sub 14, o primeiro princípio

Fenner, Iga e Unnithan (2016)	16 atletas do escalão sub 10 do futebol inglês, todos do sexo masculino.	<p>- Atividade: Seis jogos de 4 x 4 com duração de cinco minutos, com três minutos de recuperação, em campo com dimensões de 18,3 por 23 metros. Ao término de cada jogo os atletas foram reorganizados, não voltando a formar a mesma composição de equipa.</p> <p>- Testes: 1) os jogos aconteceram na metodologia SSG; 2) os atletas foram pontuados ao término de cada jogo, em relação a vitória, empate e derrota; 3) dois treinadores com qualificação nível 1 UEFA avaliaram tecnicamente os atletas; 4) medição da distância total percorrida e a distância percorrida em alta velocidade; 5) salto de contramovimento sem o uso dos braços; 6) corrida medida nos 10 metros e 30 metros.</p>	<p>de ataque (mantendo o bola) ganha uma importância cada vez maior (sobe de 7,6% em sub 10 anos e de 25,65% em sub 12 para 33,09% em sub 14 anos); 3) as situações avançando em direção ao objetivo, são reduzidas, mas ainda são as situações mais frequentemente repetidas; 4) progressão ocorre nas primeiras etapas do treinamento, sub 10, em relação ao avanço em direção à meta do oponente; 5) nos escalões sub 12 e sub 14, se encontra o princípio de manter a bola em jogo, a defesa mais ativa influencia essa evolução, pois nos escalões mais altos a equipa que defende bloqueia de maneira perceptível a progressão em direção à meta.</p>
Machado, Cardoso e Teoldo (2017)	51 atletas do futebol brasileiro pertencentes aos escalões, sub 13; sub 15 e sub 17.	<p>- Atividade: Análise de vídeo em 11 cenas em situação ofensiva. Com o vídeo pausado os atletas tem que responder “O que o atleta em posse de bola deve fazer?”</p> <p>- Testes: 1) as respostas dos atletas são comparadas com a resposta de um painel de cinco treinadores qualificados; 2) os dados de busca visual se dá através de câmara montada no vidro do computador; 3) as estratégias visuais através é medida com o número de fixações e o tempo de fixação.</p>	<p>- 1) foi identificada uma relação muito grande entre a tabela de pontuação técnica do jogo e o protocolo de pontos totais ($r = 0,758$, $P < 0,001$). As evidências sugerem que é possível identificar o atleta mais talentoso de acordo com o sistema de pontuação subjetiva do treinador, simplesmente examinando se ele venceu o maior número de jogos; 2) os atletas mais talentosos percorrem maior distância do que seus pares menos talentosos, 3) a distância total percorrida foi significativa e moderadamente correlacionada com a pontuação técnica no jogo ($r = 0,545$, $P < 0,05$) e total de pontos ($r = 0,438$, $P < 0,05$) com 21% e 19% da variabilidade compartilhada com a distância total percorrida, respectivamente; 4) não houve correlação significativa entre nenhuma das variáveis fisiológicas e a pontuação técnica no jogo ou total de pontos, sugerindo que os atributos de potência e velocidade podem não ter efeito na faixa etária analisada; 4) os resultados das avaliações técnica teve uma correlação significativa e grande com a distância de corrida em alta velocidade ($r = 0,547$, $P < 0,05$, $R^2 = 30\%$); 5) a distância total percorrida apresentou correlação significativa e moderada ($r = 0,545$, $P < 0,05$, $R^2 = 21\%$) e total de pontos ($r = 0,438$, $P < 0,05$, $R^2 = 19\%$).</p> <p>- 1) os resultados para busca visual mostraram diferenças significativas na categoria “espaço” entre o sub 13 ($74,35 \pm 12,41$) F (2,49) = 5,62, $P = 0,006$, $\eta^2 = 0,47$ em comparação com o sub 15 ($58,78 \pm 14,22$) e o sub 17 ($61,88 \pm 16,44$), sendo que, os atletas sub 15 e sub 17 não apresentam diferenças significativas em sua estratégia de busca visual para o número de fixação e o tempo de fixação; 2) os três escalões realizaram mais número de fixações na categoria "espaço" do que em qualquer outro local no vídeo.</p>
Huttermann, Nerb e Memmert (2018)	24 atletas do escalão Sênior do futebol alemão, todos do sexo masculino, com idade média de $24,2 \pm 3,7$ anos. Divididos em dois grupos: Especialistas (primeira divisão) e	<p>- Atividade: 1) os atletas devem avaliar 20 situações ofensiva da Premier League e da Segunda Liga da Alemanha, tendo que se colocar na posição de posse de bola quando o vídeo é pausado; 2) devem apontar todas as possíveis decisões para a continuação da jogada, por 45 segundos, hierarquicamente; 3) a capacidade de atenção é medida através de estímulos simultâneos ao vídeo dos jogos, através de triângulos cinza, apresentados na tela do computador.</p> <p>- Testes: 1) dois treinadores de alto nível avaliam as soluções, com pontuações que variam de 1 ponto (nada original), até 5</p>	<p>- 1) A capacidade atencional e o nível de especialização explicam uma quantidade significativa de variação na tomada de decisão criativa dos atletas ($R^2 = 0,514$, R^2 ajustado = 0,412, F (4,19) = 5,023, $p = 0,006$); 2) os atletas especialistas superam os amadores e declaram soluções mais criativas, t (22) = 3,222, $p = 0,004$, $d = 1,32$; 3) 3) em relação a janela de atenção, os atletas identificaram corretamente 63,47% ($dp = 15,82\%$) dos estímulos em todos os meridianos, e não houve relação entre atletas especialistas com atenção entre meridianos se comparados com amadores.</p>

	amadores (quarta e nona divisão).	pontos (muito original); 2) a capacidade de atenção visual é avaliada através da tarefa da janela de atenção.	
Steiner (2018)	Atletas do escalão Sénior com idade média de $24,2 \pm 3,7$ anos, pertencentes a quarta liga da Federação Suíça de Futebol, todos do sexo masculino. Participaram da primeira fase da pesquisa 30 atletas e 17 atletas completaram a segunda parte do estudo.	<p>- Atividade: Através de coleta de 22 jogos da Liga e posterior reunião com os treinadores dos atletas para colher informações sobre a estratégia de jogo que seguem, as formações de suas equipas e os dados individuais dos atletas são colhidos. Esta informação é utilizada para ilustrar graficamente 40 situações de jogo que foram personalizadas em relação a cada uma das duas equipas. As situações (lúdicas) dos jogos são criadas, sempre com a equipa em posse de bola, sendo que, cada um dos dez atletas de campo foi o portador da bola em quatro dos 40 cenários.</p> <p>- Testes: 1) durante a primeira fase da coleta de dados os players gráficos permanecem anônimos. 2) os atletas devem indicar suas decisões clicando no personagem correspondente; 3) para a segunda fase os nomes dos membros da equipa são indicados nos cenários; 3) os atletas classificaram todos os companheiros de equipa em termos de cinco itens: habilidades técnicas, compreensão do jogo, inteligência do jogo, controle de bola e capacidades gerais de futebol.</p>	- Na primeira fase, 1) os membros da equipa com as faixas de passagem mais abertas tiveram chances 1,5 vezes maiores de passes do que aqueles com as faixas de passagem mais fechadas; 2) os membros da equipa posicionados na frente da bola recebem 3,26 vezes maiores para passes do que aqueles atrás da bola, ou seja, estar na frente do portador da bola aumenta as chances de passes em um fator de 3,26; 2) comparando os atletas mais distantes com os mais próximos do portador da bola, os mais próximos apresentaram uma relação de odds de 3,59 vezes maior para. Na segunda fase, 1) quando a pontuação de um atleta da equipa aumenta em uma unidade, suas chances de receber um passe aumentam em um fator de 1,05. As medidas de pseudo R2 indicam que CS = 0,052 e NK = 0,104; 2) os atletas optam mais frequentemente por passar a bola aos membros da equipa que eles representaram subjetivamente como tendo habilidades relacionadas ao futebol de nível superior, em comparação com aqueles que representaram como tendo habilidades de nível inferior.
Gleeson e Kelly (2020)	10 atletas de futebol do escalão Sénior com idade média de $26,7 \pm 4,4$ anos, pertencentes a equipas na Europa e na África, todas do sexo feminino.	<p>- Atividade: 1) coleta de quatro jogos das próprias atletas; 2) confrontação das atletas com as decisões que tomaram nos jogos; 3) resposta verbal, enquanto assistem os vídeos das respectivas decisões;</p> <p>- Testes: Um analista de desempenho selecionou os lances. 1) análise de desempenho em momentos ofensivos, defensivos, transição e ação sem bola; 2) entrevista de auto confrontação na perspectiva fenomenológica (perspectiva dos atletas sobre as decisões tomadas em competição); 3) os registros das partidas é sincronizado com a verbalização das atletas sobre a tomada de decisão; 4) é analisada as exigências pré reflexivas das atletas, incluindo, experiências perceptivas, cognitivas, psicológicas e físicas, e o ambiente contextual, incluindo companheiras de equipa, oposição, o treinador e a situação, por fim, é construído o curso da tomada de decisão, cronologicamente.</p>	- 1) a análise fenomenológica revela o desdobramento sequencial do momento da decisão e elucida com sucesso as experiências intraindividuais pré-reflexivas combinadas e os eventos ambientais; 2) o curso de experiência do atleta durante uma decisão indica que os eventos cognitivos, perceptivos e ambientais do atleta estão inextricavelmente vinculados e influenciam o resultado da decisão; 3) durante o momento da tomada de decisão a combinação de dados ambientais e as experiências intraindividuais do atleta resultam em uma estratégia adaptativa de ações comportamentais até que a decisão seja tomada; 4) análise do curso de experiência do atleta sugere que durante o momento da tomada de decisão a combinação dos dados perceptivos, cognitivos e ambientais do atleta resulta na primeira ação comportamental. A medida que o momento avança as informações contextuais da oposição, dos companheiros de equipa e a percepção do atleta sobre os colegas de equipa e a capacidade das oposições, em conjunto com a antecipação dos resultados potenciais, resultam na ação comportamental.

Finalmente, os estudos apresentados na Tabela 2.6.1 demonstram as diferentes possibilidades de avaliação e potencialização da tomada de decisão do atleta de futebol, podendo ocorrer através de vídeos, treinos e jogos do atleta e de sua equipa, assim como de outros atletas e outras equipas, se aplicando em diferentes escalões, independente do sexo e nível competitivo.

2.7 O treino e a tomada de decisão

Para Guia e Araújo (2014) a constante evolução do futebol está intimamente relacionada com a evolução do treino, devido a introdução de novos conceitos e conteúdos, se tornando cada vez mais complexos, abrangendo diversos fatores, potencializando cada vez mais o atleta de forma integral. Dessa forma o jogo de futebol e por consequência o treino é cada vez mais determinado pelas ações táticas, ou seja, o treino deve abranger a subjetividade de cada atleta, mas também é imprescindível que compreenda as constantes relações do atleta com a sua equipa e com a equipa adversária, abrangendo o máximo de ações motoras individuais e coletivas.

Nesse sentido Castelo e Matos (2013) dizem que a organização da equipa é composta por missões individuais e coletivas, cada atleta tem suas características pessoais, únicas, e devem adequar essas características em prol do desenvolvimento coletivo, e a equipa da mesma forma deve compreender as características individuais dos seus atletas e procurar potencializá-los. Por esse motivo é fundamental o olhar subjetivo, individualizado sobre a tomada de decisão dos atletas, que devem treinar diariamente e decidir o máximo de vezes possível.

Para Araújo e Carvalho (2007) a tomada de decisão se treina, sendo fundamental adequar o treino as capacidades dos atletas e da equipa, sendo o treinador o responsável pelos constrangimentos, dessa forma é fundamental que o treinador tenha um diagnóstico global das capacidades dos atletas, mas também compreenda a tomada de decisão pontualmente, treino a treino. Por consequência o treinador conseguirá criar estratégias para os próximos treinos, seja para implementar, potencializar ou ressignificar as capacidades da equipa e individuais. Por fim é fundamental após cada treino avaliar se as estratégias obtiveram os resultados esperados ou não.

A automatização ou modificação dos comportamentos individuais e coletivos em jogo pode e deve segundo Castelo (2009) ser trabalhada em treino, sendo que o treinador deve

interferir na concepção e nas condicionantes do treino, sendo fundamental evocar uma realidade em treino cada vez mais parecida com o jogo, competitiva, com um grau de complexidade e exigência coerente com o patamar da equipa.

Segundo Castelo e Matos (2013) quando o modelo de jogo da equipa é claro para todos os envolvidos no processo e os treinos colaboram para aquisição desse modelo, consequentemente os atletas passam a ter raciocínios plausíveis pois quanto menor são as hipóteses possíveis de decisão melhor é a probabilidade dessa decisão ser assertiva, se o atleta tem claro o modelo de jogo coletivo e suas funções individuais, uma série de possíveis más decisões são excluídas, pois a leitura do contexto é facilitada. Quanto mais automatizado o atleta se encontra com o modelo de jogo da equipa menor também é o gasto mental pois ele se preocupa em analisar o jogo dentro dos combinados em treinamentos e exclui uma série de eventuais possíveis possibilidades, podendo no final a resolução da situação ser automatizada ou criativa.

Fink et al. (2018) em estudo sobre os padrões funcionais da atividade cerebral durante a geração de movimentos criativos em situações reais de vídeos, realizado com 30 atletas de futebol com idade média de $23,9 \pm 3,4$ anos, sendo que todos os atletas têm histórico de pelo menos 10 anos no desporto e jogam no mínimo uma vez por semana. O exercício consiste em os atletas gerarem movimentos mentais com a intenção de marcar o golo, sendo que o pensamento é monitorado através de ressonância magnética. Os atletas devem optar por movimentos óbvios ou criativos e as respostas são indicadas por uma lâmpada acesa (criativa, original) ou desligada (óbvia, convencional) tendo um período de resposta de 10 segundos para verbalizar o movimento imaginado. Os resultados demonstram maior ativação em contextos óbvios, isto significa que quando os atletas se deparam com situações óbvias conseguem ser criativos, por outro lado, quando se deparam com situações menos óbvias os atletas demonstram dificuldade em ser criativos, dessa maneira fica evidente que múltiplas informações fornecidas no treino se tornam cada vez mais importantes para que o atleta possa dominar o maior número de contextos e consequentemente consiga ser criativo, evidenciando assim a importância da automatização em treino, gerando benefícios na decisão criativas dos atletas.

Para Araújo (2006) os treinos devem ser contextualizados, levando os atletas a se desafiar no máximo de aspectos possível, buscando dessa maneira a maior aproximação das demandas da competição, mesmo que nos treinos sejam criadas regras que não existem, que se utilize materiais que não fazem parte do jogo, podendo inclusive variar o número de atletas, de

bolas, número e tamanho das balizas, mas sempre buscando representar a competição e gerar estímulos positivos.

Gulec e Yilmaz (2016) com o intuito de melhorar as habilidades de tomada de decisão e as experiências de aprendizado de 54 árbitros iniciantes de futebol na Turquia através da elaboração de jogos lúdicos, com o objetivo de chegar ao final do tabuleiro virtual, da forma mais rápida possível, através de perguntas referentes a lei do jogo elaboradas em três diferentes formatos: verdadeira ou falso, perguntas de múltipla escolha e perguntas em vídeo. Através desse estudo fica evidente que o ambiente de aprendizado através de jogos tem maior relevância se comparado com estudos em papel, visto que os resultados demonstram que essa plataforma se mostrou benéfica para educar os árbitros sobre as regras do jogo, contribuindo para a compreensão e para a tomada de decisão dos árbitros de futebol.

É fundamental a especificidade do treino, ou seja, os conteúdos desenvolvidos no treino devem ser totalmente transferíveis para competição, evitando exercícios descontextualizados da realidade vivenciada pelo atleta em competição, tendo como base o modelo de jogo da equipa, os compromissos coletivos e individuais. É imprescindível que antes de todo e qualquer treino o treinador e sua equipa técnica tenham claro quais são os objetivos dos treinamentos, esses devem ir de encontro com os objetivos da equipa em competição ou para especificamente o próximo jogo, sendo imprescindível também que o objetivo fique claro para os atletas, que devem ter conhecimento do processo (Castelo & Matos, 2013).

O treinador e por consequência o atleta devem compreender que o treino é o espelho da competição, sendo este estruturado pelo treinador e vivenciado de forma intensa pelos atletas, como se fosse a própria competição, visto que a conscientização da importância do processo é fundamental. Treino e competição estabelecem uma troca, a competição deve nortear as bases do treino através dos pontos positivos e negativos observados e o treino se embasa nas demandas da competição, peculiaridades do próximo jogo, pontos positivos e negativos da equipa adversária (Henriques & Araújo, 2012).

Castelo (2009) refere que um dos maiores desafios para o treinador de futebol é conseguir implementar nos treinamentos os desafios que serão encontrados em competição, não apenas em relação a intensidade, mas também conseguir adaptar os treinos aos novos e sempre presentes desafios dos diferentes jogos.

Se o atleta tem a possibilidade de vivenciar em treino situações que futuramente pode encontrar em jogo, Henriques e Araújo (2012) dizem que conseqüentemente saberá como decidir melhor, pois já decidiu fisicamente e mentalmente acerca, encontrando soluções, sejam

elas positivas ou negativas, colaborando para a próxima tomada de decisão pois o atleta tem a oportunidade de se embasar na vivência anterior, na experiência.

Para Castelo (2009) o treino é o melhor momento de se trabalhar a tomada de decisão dos atletas, a autonomia, criatividade e pensamento autônomo deve dividir espaço com a automatização e as tarefas táticas, assim a equipa se encontrará coesa, dando suporte para a tomada de decisão individual de cada atleta.

Nesse sentido Araújo (2006) menciona que o treino cada vez mais tem sido visto como fundamental para o desenvolvimento do atleta e da equipa, logo, o treino que visa a imitação sistemática demonstra ser ineficaz para a evolução da tomada de decisão dos atletas já que este tem um leque muito curto de vivências e apontam sempre para as mesmas situações, dificultado a inovação e o desempenho em condições diferentes, tendo maior probabilidade do atleta se deparar com situações desconhecidas e imprevisíveis.

Por outro lado, Castelo (2009) diz que é preciso compreender para mudar, quer dizer, só existe desenvolvimento do atleta quando a taxa de aprendizagem é superior à taxa de mudança. O treinador deve modificar diariamente a dinâmica do treino mas deve sempre se embasar no estágio que a sua equipa e que cada atleta se encontra, não sendo viável avançar um degrau sem que o anterior esteja consistente, pois se isso acontecer o atleta não conseguirá compreender, conseqüentemente não terá a capacidade de vivenciar plenamente e refletir acerca da prática.

Navarro, Kamp, Schor e Savelsbergh (2018) comparam o método de aprendizagem explícita e implícita na melhora da tomada de decisão em situações de penálti no futebol através da avaliação de 20 atletas, do qual 14 atuam na Holanda e 6 no Brasil. A primeira parte do estudo consiste em cobrança de penálti sem guarda redes, onde os atletas devem acertar círculos projetados no canto superior direito e esquerdo da baliza. Na segunda parte é inserido um guarda redes virtual e o chute deve seguir sendo no círculo, mas do lado contrário do salto do guarda redes, uma vez que os círculos variam de tamanho. O lado que o guarda redes opta por saltar é pré-definido pela distância do atleta da bola, ou seja, na corrida para a batida existe um sensor e quando o cobrador passa por esse sensor o guarda redes toma a decisão, dando tempo de o atleta decidir.

Esse estudo demonstra que a tomada de decisão pode melhorar a cognição e a memória, por outro lado o aumento dessas cargas pode interferir diretamente na qualidade dos aspectos motores, nesse caso na batida do penálti. Portanto se o objetivo é a batida na bola em situação de penálti o indicado é sem guarda redes, posto que a cobrança com guarda redes também deve

ser treinada, uma vez que uma possibilidade é o aumento gradual da dificuldade, seja em relação a distância do penáلتي, seja nas opções do guarda redes (Navarro et al., 2018).

Em adição a isso Lima e Paoli (2017) acreditam que o pensar deve ser estimulado a todo momento, devendo estar presente em todo o processo, sendo que o atleta deve ser motivado a refletir sobre o que está fazendo, o porquê e para que as ações táticas acontecem e como se dá sua ação técnica durante o processo. Assim a formação deve estar voltada para o desenvolvimento de atletas pensantes e inteligentes, não para simples executores.

Em pesquisa com 150 atletas de futebol com idade entre os 17 e 38 anos, com o objetivo de analisar os constrangimentos espaço temporais na tomada de decisão do tipo de remate escolhido na grande área no futebol, Clavijo, Denardi, Travassos e Corrêa (2016) em estudo com base na captura de vídeo de 12 jogos com duração de 90 minutos cada, ou seja, todos os remates dentro da grande área são computados, sendo examinado a influência das relações espaciotemporais na escolha do tipo de remate em relação à trajetória da bola e à parte do pé em contato com a bola. Foram analisadas três variáveis, ângulo do remate, distância interpessoal e extrapessoal, e as variáveis espaciotemporais analisadas a partir do momento em que o atleta tem a posse de bola (momento inicial) até o momento em que ele realiza o remate (momento final). Os resultados demonstram que a decisão do tipo de remate e trajetória da bola são influenciadas pelo ângulo do remate e distância dos outros atletas, a relação espacial com outros atletas, a grande área e a baliza são as informações mais relevantes.

Para Castelo (2009) a tomada de decisão não é apenas o agir, o gesto físico ou técnico, sendo fundamental que o atleta considere o seu entorno. Ou seja, realizar o passe e concretizar a ação não necessariamente é a decisão correta, é preciso avaliar o contexto: se não havia outros atletas melhor posicionado e se o atleta que recebeu a bola está em situação favorável.

Para Castelo e Matos (2013) a tomada de decisão quando é significativa, independente de ser positiva ou negativa, são gravadas na memória do atleta, sendo requerida sempre que esse se depara com situações iguais ou parecidas, portanto o jogo passa cada vez mais a ser com o passar dos treinos e competição um reviver da memória dos atletas, memórias de acontecimentos positivos e negativos, tomadas de decisão assertivas e equivocadas, colaborando dessa forma para a tomada de decisão no presente.

Nesse sentido Araújo, Passos e Esteves (2011) enaltecem a importância de o atleta ter planos previamente organizados antes da competição, mas de fato o seu comportamento, a tomada de decisão, a resposta ao estímulo, deve ser analisada em competição, ou seja, por mais que o atleta se prepare antes da partida para determinada situação deve ser capaz de analisar e

ser flexível o suficiente para decidir sobre a situação apresentada na prática. A reflexão prévia ajuda na tomada de decisão, mas é a leitura do momento que deve influenciar diretamente a decisão, assim embora as estratégias e comportamentos sejam planeados com antecedência, mentalmente e em treinos em campo, de fato, um jogo não é igual ao outro, logo, os comportamentos mudam, os contextos mudam, as decisões mudam, e o atleta deve ser capaz de perceber o mais rápido possível para conseguir antecipar de forma correta a situação.

Em estudo sobre a influência da instrução na tomada de decisão de 46 atletas de futebol pertencentes a liga australiana com idade média de $23,4 \pm 4,2$ anos, Buszard, Farrow e Kemp (2013) através de testes acerca do tempo na tomada de decisão, no acerto da tomada de decisão, foco visual e no tempo de fixação visual, através de análise de vídeo de situações de jogo em contextos ofensivos, com gravação do movimento ocular durante a tarefa, visto que os atletas são divididos em três grupos: o primeiro recebe a instrução de manter a bola distante do defensor, o segundo deve agir conforme a primeira opção que pensar e o terceiro não recebem instruções. A atividade decorre em três situações possíveis: ataque em inferioridade numérica, em igualdade e superioridade numérica, e o exercício consiste em o atleta na perspectiva de posse de bola escolher que decisão tomar e verbalizar a decisão. Enfim, treinamentos em diferentes contextos demonstram colaborar na tomada de decisão no futebol, visto que os atletas mais experientes demonstram maior dificuldade em se adaptar a tomada de decisão condicionadas do que atletas menos experientes, sendo os menos experientes mais facilmente influenciados a se adaptar ao contexto.

Araújo e Carvalho (2007) dizem que existem três categorias de constrangimentos que devem ser levadas em conta na tomada de decisão do atleta: a primeira são os aspectos relativos ao próprio atleta, como ele se encontram na partida, ou melhor, no exato momento, considerando que a confiança e a fadiga flutuam durante toda a partida, ou seja, a tomada de decisão em determinados momentos do jogo é influenciada pelo estado pessoal que o atleta se encontra, fisicamente e emocionalmente; a segunda são os aspectos ambientais, ou seja, clima, sol ou chuva, assim como torcida, demonstram influenciar diretamente na decisão do atleta; a terceira é a tarefa, que são as ações geradas durante o jogo, passe e recepção por exemplo.

Alguns estudos demonstram alguns métodos que podem ser utilizados para o treinamento da tomada de decisão, Farahani, Javadi, O'Neill e Walsh (2017) em investigação sobre a eficácia do treinamento através de vídeo na tomada de decisão de 73 atletas de futebol profissional apresentam aos atletas vídeos com situações reais de decisão que acontecem em jogo, sendo que os vídeos são apresentados em velocidade acima do real e consistem em uma

primeira tela com a localização da bola, seguido de videoclipe, na sequência é apresentado uma tela contendo três opções possíveis de decisão, sendo que os atletas devem indicar a decisão que entendem ser a correta. O estudo demonstra que as análises de vídeo em situações de jogos acelerados melhoram a eficácia e diminui o tempo de resposta na tomada de decisão no futebol, sendo necessário treinamento contínuo, demonstrando melhora se comparado atletas que realizam os testes durante uma semana com os que participam por cinco semanas.

Em pesquisa sobre a tomada de decisão e a velocidade reativa em 34 atletas do futebol austríacos pertencentes ao escalão sub 15 e sub 16, Nimmerichter, Weber, Wirth e Haller (2016), através da divisão de dois grupos (controle e experimental), sendo que o grupo experimental deve participar durante seis semanas de treinamento em vídeo para mensurar a tomada de decisão e a antecipação. O vídeo consiste em situações individuais defensivas em que o atleta leva a câmera na cabeça. Em análise posterior, os vídeos são pausados no momento da decisão e o atleta deve responder no formulário para que lado o atacante deve driblar para ter sucesso. Dessa forma, diferente dos vídeos de treinamento, os vídeos testes não são pausados automaticamente, devem ser pausados pelo atleta, sendo que após pausar deve verbalizar o lado que deve ocorrer o drible. A agilidade reativa é medida em um teste no relvado onde os atletas devem reagir ao ataque do supervisor se deslocando para direita ou esquerda. Os resultados demonstram que o grupo experimental melhora significativamente o tempo e o número de respostas certas, enquanto o grupo controle não demonstra melhora.

O treino demonstra ter papel fundamental na aquisição e potencialização da tomada de decisão assertiva dos atletas. Isto posto, o treinamento deve contemplar o atleta de forma individual e subjetiva, assim como compreendê-lo como pertencente da dinâmica coletiva, ou seja, o atleta como potencializador do sistema coletivo, mas também o coletivo como potencializador da individualidade. Dessa forma, através do treino diário, o modelo de jogo deve ser claro para o treinador, ou seja, antes do processo de treino é imprescindível que o treinador tenha claro o que espera da equipa, apenas dessa forma será possível a elaboração do treino e conseqüente compreensão e aquisição dos objetivos por parte do atleta, apoiando a decisão qualificada.

Como conseqüência a automatização através do treino demonstra ser fundamental para apoiar a decisão dos atletas, gerando menos gasto mental, facilitando o improvisado e a criatividade, e ainda é fundamental que o treino possibilite muitas e variadas decisões. Isto é, quanto maior o leque de decisões vivenciadas em treino, mais preparados os atletas estarão, sendo imprescindível dessa forma que seja manipulado em treino diferentes situações, e ainda,

que os treinadores apoiem os atletas a serem muito mais que meros executores, mas sejam seres pensantes e criativos.

Por fim, a tomada de decisão demonstra poder ser trabalhada de diversas formas, para além do treino e da competição, através de análise de vídeo, com decisões tomadas pelo atleta e pela sua equipa em situações reais, assim como por outros atletas e outras equipas, servindo como referência em futuras decisões, os vídeos podem também ser trabalhados em diferentes velocidades, facilitando e dificultando as decisões, conforme o nível da equipa e dos atletas. Jogos lúdicos e jogos reduzidos também demonstram ser uma ótima ferramenta, assim como a análise da experiência dos atletas no desporto em relação aos anos de prática e em relação a idade que iniciam no futebol demonstra fazer diferença significativa no sucesso da tomada de decisão dos atletas.

2.8 Aspectos táticos, técnicos e físicos na tomada de decisão

Os jogos coletivos são marcados por uma forte demanda tática, para o sucesso de uma equipa os movimentos dos atletas devem ser sequenciais, treinados e planejados, dependendo que todos realizem os combinados em alta velocidade de execução, sendo que durante os jogos as movimentações coletivas chamam a atenção, por vezes, aparentam ser espontâneos e instantâneas. Todavia, essa aparente espontaneidade é o resultado da automatização e aprendizagem em treinamentos (Garganta, 2009).

O nível de conhecimento tático do atleta demonstra estar intimamente relacionado com o tempo de prática, mas também com as características das competições, ou seja, atletas que participam de treinamentos sistemáticos em competições de nível elevado automaticamente se desenvolvem mais do que atletas que não treinam regularmente ou participam de competições de nível menor (Silva, Moreira, Praça, Morales & Greco, 2018).

Araújo et al. (2011) relatam que se o treinador quer que o atleta decida bem, é imprescindível que desenvolva no atleta a ação tática, é fundamental que seja capaz de entender o jogo, pois dois atletas com as mesmas qualidades, físicas, técnicas e mentais, no caso de um deles ter passado a integrar hoje a equipa e por consequência não saiba determinadas movimentações que geram determinados espaços, e o outro atleta pertença a equipa a algum tempo, estando automatizado, quando os dois são questionados sobre o espaço gerado em

determinada movimentação o atleta que passou a integrar a equipa recentemente não é capaz de perceber a situação e fica parado, já o que está na equipa a mais tempo ataca o espaço, ou seja, são incapazes de perceber aquilo que ainda não dominam.

Castelo (2009) diz que não é possível um mesmo atleta ter todas as missões táticas da equipa, sendo humanamente impossível alguém defender a zona esquerda e direita do campo ao mesmo tempo, assim como é humanamente impossível atacar pelo centro e pela lateral ao mesmo tempo, sendo fundamental que haja a especialização dentro de cada função, respeitando as características dos atletas, mas também os incumbindo de funções e missões coletivas.

Em pesquisa sobre a associação entre controle inibitório e o desempenho tático de 166 atletas sub 15 do futebol brasileiro, pertencentes a oito equipas, com treinos regulares três vezes na semana, Albuquerque, Gonzaga, Greco e Teoldo (2019) através de duas atividades: a primeira, de jogo reduzido no formato de 3 x 3 atletas mais guarda redes, em espaço de 36 x 27 metros, analisado pelo *Sistema de Avaliação Tática no Futebol* (FUT-SAT), que permite avaliar as ações táticas dos atletas, com e sem bola, tomando por base os dez princípios táticos fundamentais do jogo de futebol, dentre eles, ofensivo (penetração, cobertura ofensiva, mobilidade, espaço, unidade ofensiva, e defensivo (contenção, cobertura defensiva, equilíbrio, concentração e unidade defensiva). A segunda atividade tem o objetivo de medir o controle inibitório através do *Conners Continuous Performance Test - CPT-II*, realizado no computador, onde várias letras são apresentadas na tela e os atletas devem pressionar a barra de espaço sempre que qualquer letra aparecer, exceto a letra x, o tempo de reação também é medido. No final os resultados demonstram que atletas com pontuações mais altas no desempenho tático também apresentam tempo de reação mais rápido, demonstrando que o controle inibitório de atletas sub 15 está intimamente relacionado com o bom desempenho, nomeadamente com o comportamento de impulsividade, pois os atletas desse escalão demonstram potencial para antecipar as situações futuras, porém muitas vezes antecipam de forma equivocada o que acaba por atrasar a decisão, gerando uma grande perda de tempo.

No estudo de Cardoso, Vállora, Guilherme e Teoldo (2019) com 36 jovens atletas brasileiros de futebol do escalão sub 15, com o objetivo de analisar se os atletas com maior conhecimento tático exibem menor esforço cognitivo, são avaliados os conhecimentos declarativos através de simulação de vídeo e o conhecimento processual através do FUT-SAT. O esforço cognitivo é avaliado através da medida do diâmetro da pupila, enquanto os atletas assistem cenas em vídeo e o teste de campo é realizado em um espaço de 36 x 27 metros, através de jogo reduzido de 3 x 3 atletas com guarda redes, sendo que cada equipa conta com um

defensor, um médio e um avançado. Os atletas também analisam 11 cenas de vídeos de jogo 11 x 11 atletas, em que a cena é pausada no momento da ação com bola e o atleta é orientado a responder o mais rápido possível verbalmente o que o portador da bola deve fazer. Os resultados demonstram que o conhecimento tático tem interferência direta no esforço cognitivo já que atletas que se saem melhor em relação aos conhecimentos processuais e declarativos também apresentam menor esforço cognitivo.

Gonçalves et al. (2017) através de estudo sobre as associações da percepção periférica com a maturação e a influência no comportamento tático de atletas do futebol brasileiro, com a participação de 54 atletas pertencentes ao escalão sub 11, sub 13 e sub 15. O teste de percepção periférica tem duração de 15 minutos e consiste em o atleta rastrear um objeto enquanto leds aparecem na tela do computador, posto que quando uma linha vertical completa de led aparece o atleta deve pressionar o pedal o mais rápido possível. O comportamento tático é avaliado através do FUT-SAT. Finalmente os autores concluem que a percepção periférica está intimamente relacionada com os princípios táticos do jogo, e ambos estão relacionados com o amadurecimento dos atletas, quer dizer, quanto mais velhos melhor é a visão periférica e consequentemente melhor é a organização tática.

Os comportamentos técnicos e táticos são cada vez mais cobrados pelos treinadores, sendo a base do jogo de futebol, se caracterizando como a primeira tarefa do atleta em campo, se posicionar e agir de forma assertiva com a bola. O atleta deve ser capaz de se adaptar aos contextos do jogo, agindo sempre de forma eficiente na resolução do mesmo. Deve também ser capaz de antecipar o problema, se prevenindo e sabendo como agir prontamente, e por último deve ser criativo, trazendo imprevisibilidade a equipa adversária (Castelo, 2009).

As ações técnicas devem sempre estar associadas as demandas táticas sendo que o atleta deve compreender a configuração tática da sua equipa e da equipa adversária para que possa agir tecnicamente, visto que a técnica e a tática devem dialogar durante toda a partida de futebol. Segundo Castelo (2009):

Para um total de 90 minutos de jogo, cada jogador não detém a posse da bola por mais de 80/90 segundos (total por jogo), intervindo sobre esta entre 30 e 50 vezes (váticas dos jogadores, dentro da organização da equipa). Os valores relativamente “diminutos” traduzidos pela frieza das análises do jogo (uma intervenção sobre a bola entre 108 a 180 segundos), só vêm reforçar a importância que, os jogadores e treinadores devem dar ao treino de situações do carácter tático/técnico. (p.373)

Para Castelo (2009) o treino tático, a conscientização dos papéis, do modelo de jogo, da tomada de decisão dos atletas e do papel individual do atleta perante a equipa tem papel fundamental nos aspectos físicos da mesma. Quanto mais o atleta e por consequência a equipa demonstra ter racionalidade, coerência e sincronização em suas movimentações, menor é o gasto energético desnecessário ou desordenado. Logo, se o atleta não gasta energia de forma desnecessária terá energia para outras ações que podem fazer toda a diferença no jogo.

Em estudo sobre as exigências físicas de árbitros de futebol em relação a distância total percorrida, corrida em alta velocidade e a tomada de decisão Elsworth, Burke, Scott, Stevens e Dascombe (2014), através de exercícios em vídeo, analisam a precisão das marcações de falta durante o jogo, relacionando com o posicionamento do árbitro no momento da decisão. São analisados 29 árbitros do futebol australiano durante 20 jogos competitivos e apesar de o jogo exigir alta carga de trabalho físico, os resultados demonstram que durante todo o jogo a precisão das marcações de falta foram mantidas, quer dizer, o desgaste do jogo não influencia na tomada de decisão dos árbitros de futebol.

Na pesquisa de Paradis, Larkin e O'Connor (2015) que aborda a relação dos efeitos do esforço físico no desempenho da tomada de decisão de 18 árbitros do futebol australiano, divididos em 10 árbitros subelite e 8 árbitros júniores, através de 10 corridas de 300 metros, com cada repetição imediatamente seguida de teste de tomada de decisão baseado em vídeo, onde o árbitro deve responder em voz alta a decisão que toma na análise do vídeo. As imagens apresentadas são paralisadas logo após o desfecho do lance, não mostrando a decisão tomada pelo árbitro, sendo mensurado a precisão e a velocidade da resposta, e os resultados demonstram diferenças significativas entre os árbitros de subelite se comparados com árbitros júniores em relação a tomada de decisão, no entanto não houve diferença significativa no tempo da resposta, ou seja, o desempenho da tomada de decisão dos árbitros não é alterado com o aumento da carga do esforço físico.

Considerando uma breve análise de outros profissionais que estão inseridos no contexto do futebol, que fazem parte do espetáculo e necessitam assim como os atletas se capacitar, os árbitros de futebol podem e devem ser cada vez mais estudados. Dessa forma, os estudos de Elsworth et al. (2014) e Paradis et al. (2015) demonstram que o desgaste físico não interfere na tomada de decisão dos árbitros, não interferindo no seu rendimento e na sua assertividade na tomada de decisão em campo.

Enfim, os aspectos táticos, técnicos e físicos demonstram estar intimamente relacionados e fazem diferença significativa na tomada de decisão do atleta. A tática é a base

do desporto coletivo, sendo que a compreensão tática do jogo interfere de forma positiva na tomada de decisão do atleta, além de gerar um menor esforço cognitivo, o que gera um ganho muito grande já que o atleta estará disponível para tomar outras decisões, aumentando a possibilidade de se antecipar e ser assertivo. Em relação íntima com a tática está a técnica, ambas demonstram dialogar durante todo o jogo pois o entendimento e os compromissos táticos influenciam e moldam a decisão técnica, da mesma forma as decisões técnicas interferem nas decisões táticas. Por último, quanto melhor a compreensão tática do atleta e melhores são as decisões técnicas, conseqüentemente melhor será as decisões físicas, ou seja, o desgaste em movimentações desnecessárias é minimizado, o entendimento de momentos de aceleração e desaceleração são melhores compreendidos gerando grande benefício, pois se o atleta não se desgastada de forma desnecessária a energia estará disponível para grandes e corretas decisões, aumentando a chance de sucesso.

2.9 Aspectos mentais na tomada de decisão

Os aspectos mentais demonstram ter interferência direta no desenvolvimento e desempenho do atleta, diferenciando os atletas bem-sucedidos dos que não alcançam o alto nível, demonstrando ser fundamental quando inseridos no planeamento desde muito jovens, fazendo parte de forma natural da formação do atleta a longo prazo (Serpa, 2017).

Para Castelo (2009) as capacidades psíquicas demonstram ser imprescindíveis ao atleta bem-sucedido de futebol, seja em relação aos desafios diários da vida cotidiana ou inerentes ao desporto. Por exemplo, na compreensão do papel individual e coletivo perante a equipa, em relação a percepção assertiva que tem das diferentes situações proporcionadas pelo treino e competição, e por fim nas soluções mentais, pois embora o futebol permita situações preestabelecidas essas não se produzem de forma exata durante toda a partida, o atleta tem que estar preparado para essa imprevisibilidade, sendo capaz de reagir de forma rápida e assertiva.

Na perspectiva cognitiva Castelo (2009) discorre que a reflexão precede a ação, ou seja, o atleta pensa para agir, gerando um novo cenário o atleta pensa novamente, e age, assim sucessivamente durante todo o jogo, sendo imprescindível a velocidade entre o pensar e o agir do atleta, já que a demanda é cada vez mais rápida.

Em estudo sobre quais os processos mentais favorecem as decisões de qualidade de 90 atletas do futebol brasileiro pertencentes aos escalões sub 11, sub 12, sub 15, sub 17 e sub 20, Petiot, Aquino, Cardoso, Santos e Teoldo (2017) dividem cinco grupos com 18 atletas cada, que são testados em relação a decisão tática e devem responder através de vídeo composto por 11 cenários ofensivo de jogo de futebol 11 x 11 atletas. A imagem é congelada por 2 segundos e o atleta deve decidir o que fazer, sem tempo estipulado para responder e justificar a sua resposta. Os autores concluem que as vivências inerentes aos anos de prática fazem diferença na tomada de decisão, propiciando que os atletas avaliem mais as decisões que pretendem tomar, sendo mais precisas se comparado os mais velhos com os mais jovens, configurando a avaliação do cenário a competência mais importante da tomada de decisão, ainda que o conhecimento e a memória também demonstrem ser importantes.

Para Henriques e Araújo (2012) as emoções também demonstram ter papel fundamental na tomada de decisão, podendo resultar em decisões positivas ou negativas, sendo fundamental que os atletas não sejam vistos como máquinas, ou seja, existem emoções, pensamentos e sentimentos que devem ser considerados durante todo o processo de treino e competição, seja na vitória ou na derrota.

Outra capacidade fundamental no atleta de sucesso para Serpa (2017) é a motivação intrínseca, que demonstra ser companheira inseparável dos grandes atletas, durante todo o processo, seja em treino, competição e principalmente em momentos decisivos, sendo gerador de prazer, assim como um combustível na busca pelo aperfeiçoamento diário.

Nesse sentido Souza, Albuquerque, Teoldo, Diniz e Costa (2018) em pesquisa sobre o nível de motivação de 120 atletas brasileiros de futebol sub 20, comparou os que participam por mais tempo com os que participam por menos tempo das partidas durante a época desportiva e reconhecem a motivação como um dos elementos essenciais para a carreira do atleta, seja em relação a performance, seja em relação a manutenção da prática desportiva. Inicialmente é analisado o tempo jogado dos atletas através das súmulas das partidas, em seguida a motivação é avaliada através da Escala *Sport Motivation Scale* (SMS), sendo que os atletas são testados na oitava rodada, de dez da primeira fase da competição, com todas as equipas ainda podendo se classificar. Conclui-se que os atletas que atuam com maior frequência estão mais motivados do que os que não atuam, sendo fundamental que os treinadores tenham consciência da importância de gerir o tempo dos atletas em campo, mas também estabelecer uma relação positiva que permita que os atletas que não estão jogando possam se manter motivados para a oportunidade que tende a aparecer.

Para Castelo (2009) a confiança tem papel fundamental na tomada de decisão correta do atleta pois é através dela que o atleta consegue se manter calmo durante a partida, consegue executar os gestos técnicos de forma tranquila, sabendo que tem capacidade para determinadas escolhas em determinados momentos, tendo ações corretas com a bola, melhorando a eficácia de todos os aspectos relacionados ao jogo.

Fortes et al. (2018) em estudo sobre o efeito da ansiedade competitiva na tomada de decisão de 40 atletas brasileiros de futebol do escalão sub 17, através de avaliação das decisões tomadas pelos atletas durante o jogo, concluem que a ansiedade pode interferir na decisão no fundamento passe, podendo gerar erros ou opções pela decisão menos adequada para o momento.

Uma das capacidades fundamentais para o grande atleta segundo Serpa (2017) é a orientação para a tarefa. O grande atleta nunca deixa de buscar a vitória, mas compreende o processo de forma diferente da maioria, os grandes atletas focam-se no desempenho e desafios criados em determinados níveis de execução, desse modo os atletas não se apegam a feedback exteriores, já que o objetivo traçado e a interpretação se foi alcançada ou não é algo interno. Assim, o atleta tem total controle da situação, e a resolução de um eventual problema está ao seu alcance, isto significa que o atleta busca a vitória, mas muitas vezes não é a vitória o foco da tarefa, mas sim uma consequência da tarefa bem realizada, dessa maneira, focando na tarefa o atleta estará mentalmente disponível e preparado para a resolução dos problemas ocasionados em competição.

O atleta deve também ser concentrado, e para Serpa (2017) quando os atletas têm objetivos claros e bem definidos a concentração é beneficiada. O atleta deve saber os objetivos pessoais e da equipa na competição, sabendo no que se concentrar, não perdendo tempo ou desperdiçando energia e atenção, se concentrando no aqui agora.

Outra competência fundamental para o grande atleta é a atenção. Segundo Castelo e Matos (2013), está intimamente relacionada com a memorização pois é impossível alguém aprender e memorizar sem prestar atenção, portanto em jogo o atleta deve ser capaz de ter atenção no que o rodeia para decidir de forma adequada.

No mesmo sentido para Henriques e Araújo (2012), atenção e concentração estão relacionadas, sendo fundamental desenvolver no atleta a capacidade de se concentrar na tarefa e prestar atenção no que realmente tem relevância, sendo esse muitas vezes o maior problema na tomada de decisão, pois pode acontecer do atleta se concentrar no que não é relevante no

jogo, se desconcentrar antes e durante o jogo, do aqui agora, direcionando a sua atenção para a torcida, em acontecimentos passados ou preocupado com acontecimentos futuros.

Em estudo sobre o efeito do treinamento perceptivo desfocado na tomada de decisão de 22 árbitros de futebol da Associação Nacional holandesa, Biemen, Koedijker, Renden e Mann (2018) através de treinamento que remove informações menos importantes, com um grupo assistindo lances que as ações superficiais são borradas, enquanto o outro grupo assiste vídeos sem borrado. Os árbitros devem analisar 26 lances através de vídeo, divididos em 13 situação de falta e 13 situações de não falta. Na fase de treinamento os árbitros têm que opinar sobre a gravidade da falta e devem opinar se o lance deve ser sem cartão, cartão amarelo ou cartão vermelho. Como resultado o treinamento com imagens alteradas demonstra efetividade nas mudanças positivas em relação a precisão das respostas, colaborando na análise e tomada de decisão do árbitro de futebol.

Huttermann, Helsen, Put e Memmert (2018) em estudo que analisa se a atenção visual afeta a tomada de decisão em eventos dinâmicos complexos, através de análise de 24 árbitros assistentes na situação de marcação de impedimento, todos profissionais de primeira ou segunda divisão da Bélgica. Os árbitros realizam primeiro a atividade de atenção com o objetivo de determinar a capacidade atencional ao longo dos diferentes meridianos do foco, em seguida é realizada atividade de tomada de decisão em relação a 45 situações de possível impedimento, com uma duração de 5 segundos cada situação. Como resultado é constatado que os árbitros assistentes com maior nível de atenção horizontal cometem menos erros, os níveis de ativação podem explicar o nível de atenção mais altos, colaborando diretamente com a tomada de decisão e o sucesso na atividade

Em estudo que analisa 25 árbitros em 64 partidas da Copa do Mundo de futebol de 2014, Hossner, Schnyder, Schmid e Kredel (2019) em pesquisa sobre a influência da distância e ângulo de visão dos árbitros na tomada de decisão em marcação de falta ou não falta, com o objetivo de perceber se o posicionamento, a distância de visualização e o ângulo de visão influenciam na tomada de decisão do árbitro, uma vez que após disputa da partida os lances de falta e não falta são analisados através de vídeo. Foi analisado um total de 1.527 possíveis situações de falta, sendo que os árbitros julgaram corretamente 1.421 lances, caracterizando uma baixa taxa de erro geral 6,9%, e ainda não é revelado relação significativa entre o posicionamento, ângulo de visão e distância do árbitro para o lance. Conclui-se que o ideal é que os árbitros foquem em sua tarefa principal, buscando tomar a decisão embasado em

observações precisas, sendo que rotinas de treinamento com ênfase na percepção e tomada de decisão sob condições desafiadoras de visualização deve fazer parte do treinamento do árbitro.

A resiliência do atleta de futebol também demonstra ser uma capacidade fundamental, seja nos escalões de formação, quando o atleta está aprendendo determinados movimentos e demonstra mais dificuldade aos novos desafios, seja no escalão Sênior, que mesmo com os movimentos automatizados ainda existem erros e momentos de readaptação, assim como momentos menos felizes individuais e da equipa (Serpa, 2017).

Assim como a resiliência, a imagética também demonstra ser fundamental no desenvolvimento do grande atleta, e segundo Henriques e Araújo (2012) imagética é a capacidade do atleta reviver ou criar situações mentalmente, no caso do atleta ter alguma experiência no desporto e ter vivenciado determinada situação ele recorda a tomada de decisão que teve na situação anterior, analisa se foi positiva ou negativa e busca alternativas mentais para ela. No caso de recordação positiva sabe como se portar se se deparar com a mesma situação novamente, em caso de negativa, pensa como deveria ter se comportado e como pode se comportar na próxima oportunidade, sempre de forma antecipada.

Henriques e Araújo (2012) definem algumas automatizações que podem contribuir com o rendimento do atleta, no momento da pré competição, em competição e pós competição. Na pré competição os autores dizem que é fundamental estabelecer rotinas, de sono e alimentação, pensar no jogo, estabelecer objetivos, visualizar acontecimentos positivos e negativos e como se comportar perante eles, se concentrar no jogo e afastar pensamentos negativos também devem ser praticados. Durante a competição é preciso alcançar o estado ideal para render o máximo, se concentrando no jogo, no aqui agora. E após a competição é fundamental fazer autoanálise individual e coletiva, refletir sobre os aspectos positivos e negativos, buscar soluções para o que correu mal e potencializar o que correu bem.

Furley e Memmert (2015) em investigação sobre a relação da criatividade e capacidade de memória como um fator limitante na tomada de decisão de 61 atletas experientes de futebol na Alemanha, através da apresentação de 20 vídeos diferentes. Metade dos participantes visualiza 10 vídeos e 10 fotos apresentadas em ordem aleatória, enquanto para o outro grupo é invertido a ordem, os 10 vídeos são apresentados como fotos e as 10 fotos como vídeos. O material apresenta cenas de jogo ofensivo e possibilita grande variedade de tomada de decisão, sendo que o atleta é colocado na posição de portador da bola e o vídeo é pausado no momento da tomada de decisão. O objetivo da utilização de vídeos e fotos é perceber a diferença entre a interpretação da informação dinâmica e estática e cada participante tem 45 segundos para

apontar o maior número de decisões possíveis e em seguida gerar uma escala das melhores decisões de forma hierárquica. As soluções dadas pelos participantes são classificadas em categorias diferentes, por exemplo: remate à baliza, finta, entre outros, e cada decisão recebe uma pontuação. Concluiu-se que a capacidade de memória demonstra colaborar na tomada de decisão em algumas situações, como por exemplo, quando o atleta já realizou algumas vezes determinado comportamento e sempre resulta bem, ou em momentos de desconcentração, a tendência é que a resposta seja automatizada. Porém não existe relação entre a qualidade geral da decisão e a capacidade da memória, ou seja, a capacidade de memória não limita a tomada de decisão criativa.

Controlar a ativação também demonstra ser fundamental para a tomada de decisão correta, em um jogo decisivo, em ambientes hostis, ou em jogos em ambientes que o atleta teve vivências negativas, ou até mesmo momentos muito positivos, é fundamental que o atleta seja capaz de encontrar o nível ideal de concentração e comportamento, evitando decidir sem pensar, evitando cometer uma falta desnecessária, não sendo expulso ou não tomando uma decisão precipitada (Henriques & Araújo, 2012).

Para Duarte (2019) o jogo de futebol vai muito além dos aspectos físicos, técnicos, tático ou mental. Ter percepção situacional é fundamental, através do pensar o jogo o atleta é capaz de se antecipar aos acontecimentos, seja da sua equipa ou da equipa adversária, pois quando o atleta pensa mais rápido que os demais a assertividade da tomada de decisão tende a ser melhor.

Roca e Williams (2016) em pesquisa sobre a interação de diferentes habilidades perceptivo cognitivas e suas implicações no treinamento percebem que a capacidade de perceber pistas no ambiente, dentre elas a percepção do movimento corporal do adversário e leitura do contexto de como a jogada se desenrola faz com que o atleta antecipe, decidindo de forma rápida e assertiva, sendo que essas capacidades diferenciam os grandes atletas dos demais, fazendo das capacidades cognitivas perceptivas um diferencial no desporto.

Em relação a antecipação Savelsbergh, Kamp, Williams e Ward (2005) em estudo acerca do comportamento visual de 16 guarda redes em situação de penáلتi no futebol, com idade média de $25,7 \pm 7,1$ anos, que disputam uma das três principais ligas holandesas. O estudo desenvolveu-se através de avaliação dos guarda redes em relação a defesas, tempo de reação, correções do movimento e comportamento visual, em vídeos filmados em situação real na perspectiva do guarda redes, constatam que os guarda redes que não tem sucesso iniciam suas ações antes se comparado com os que tem sucesso, o sucesso demonstra também estar

relacionado ao foco na perna de apoio do batedor do penáلتي, evidenciando dessa forma que a antecipação quando não é assertiva acaba por não ser positiva, pelo contrário, se torna negativa.

Henry, Dawson, Lay e Young (2013) em pesquisa sobre as exigências físicas e a tomada de decisão de atletas do futebol australiano, através de comparação de atletas de alto padrão com atletas de padrão inferior durante jogos competitivos em decisões testadas através de estímulos em que os atletas deve reagir na direção correta do estímulo, sendo analisado também o tempo em que o atleta reage corretamente, também são utilizados testes de velocidade reativa baseado em vídeo. Finalmente, embora os erros na tomada de decisão piorem a agilidade reativa, a antecipação gera grande melhora no desempenho, visto que as melhorias geradas pelo treinamento de velocidade e tomada de decisão geram melhora em relação as capacidades do atleta, evidenciando a importância de se treinar aspectos físicos mas também aspectos relacionados com a consciência situacional, assim como a qualidade e velocidade de reação na tomada de decisão.

No estudo de Costa, Garganta, Fonseca e Botelho (2002) em relação a inteligência e o conhecimento específico de 44 atletas de futebol sub 16 e sub 17 que disputam diferentes níveis de competição, dentre eles campeonato nacional de juniors B e campeonato distrital, os atletas são avaliados através de protocolo de avaliação do conhecimento específico do jogo e teste de inteligência geral. Os resultados demonstram diferença dentro dos mesmos grupos, uma vez que os atletas que são melhores em relação ao conhecimento específico do jogo se saem pior nos testes de inteligência e os atletas de nível competitivo inferior se saem melhor nos testes de inteligência geral.

Através de revisão da literatura, Smith et al. (2018) descrevem o impacto da fadiga mental para além dos aspectos fisiológicos, mas principalmente o impacto na técnica e na tomada de decisão do atleta de futebol, sendo que os autores concluem que a fadiga mental contribui para a queda no desempenho na partida. Na mesma perspectiva, através de estudo que analisa se o cansaço mental prejudica a tomada de decisão de 12 atletas do futebol belga, Smith et al. (2016) por meio de análise de tarefas específicas de tomada de decisão em duas situações, dado que a tarefa de tomada de decisão é precedida por 30 minutos de fadiga mental para o grupo experimental e 30 minutos de leitura de revista para o grupo controle. A tarefa exige que os atletas observem simulações baseadas em vídeos de jogo de futebol em situação ofensiva, sendo que os atletas devem se imaginar como meia ofensivo. Quando a bola é passada para o atleta vestido de amarelo os atletas devem tomar decisões rápidas e precisas. Em cada sequência os atletas têm a opção de efetuar o passe, finalizar em direção a baliza ou driblar. Os atletas

devem ainda verbalizar a resposta para garantir que é realizado a ação pretendida. No final o estudo demonstra que os atletas com cansaço mental são prejudicados em relação a precisão e velocidade na tomada de decisão, visto que as classificações para fadiga e esforço mental demonstram ser superiores se comparado o grupo controle com o experimental. A precisão foi menor e o tempo de resposta maior no grupo experimental após atividade.

Badin, Smith, Conte e Coutts (2016) também mediante pesquisa sobre os efeitos do cansaço mental sobre o desempenho técnico em jogos reduzidos em dois clubes de futebol australiano, através de análise de 20 atletas com idade média de $17,8 \pm 1,0$ anos. A atividade consiste em jogos reduzidos de 15 minutos, em situação de 5 x 5 atletas sem guarda redes, e as equipas são instruídas a manter a posse de bola dentro do campo de 20 x 30 metros, visto que quando completos seis passes a equipa marca um ponto. O grupo controle assiste 30 minutos de um documentário enquanto o grupo experimental realiza 30 minutos de tarefa no computador. O exercício consiste em responder a cor das palavras, podendo ser vermelho, azul, verde ou amarelo, sendo que as palavras e as cores variam, por exemplo, amarelo pode estar escrito em amarelo ou em vermelho, o que deve ser respondido é a cor e não o significado. Através desse estudo os autores constataam que a fadiga mental não interfere no desempenho físico, porém os atletas relatam que a percepção do esforço aumenta.

Roca e Williams (2017) por meio de pesquisa sobre se a tomada de decisão é transferida para desportos semelhantes ao praticado pelo atleta, nesse caso específico se atletas de futebol transferem as habilidades de tomada de decisão para o basquete e para o ténis, uma vez que os futebolistas nunca praticaram esses desportos. O estudo conta com 20 atletas com idade média de $19,7 \pm 1,0$ anos que jogam a liga inglesa de Universidades. O teste constitui em tomada de decisão em vídeo em momentos ofensivos no futebol em situação 11 x 11 atletas, basquete 5 x 5 atletas e ténis 1 x 1 atletas, tendo que decidir qual ação executar no fim de cada vídeo. Os resultados demonstram que existe maior transferência de decisões positivas para o desporto semelhante, nesse caso o basquete, sendo que as melhores decisões são as tomadas no futebol, evidenciando a importância do tempo de prática no desporto específico.

Os aspectos mentais demonstram ter interferência direta na tomada de decisão no futebol, se tratando de uma competência exigida ao atleta de alto nível, sendo fundamental que o treinamento, a aquisição e potencialização das competências mentais estejam inseridas no processo de treinamento a longo prazo, em todos os escalões, se tornando algo natural e inerente ao processo de treino, dessa forma o atleta estará preparado para os desafios do ser atleta.

O atleta preparado mentalmente demonstra potencializar o seu rendimento em treino e competição, por conseguinte, quando se sente preparado consequentemente aumentará sua motivação, atenção e concentração, e ainda como consequência tende a diminuir a tensão, ansiedade, melhorando a autoconfiança. Dessa forma o atleta tende a treinar e competir melhor, potencializando o seu rendimento.

2.10 Autopercepção e a tomada de decisão

Segundo Kan (2014) “autopercepção é como nos percebemos. A autopercepção de alguém é definida por seu autoconceito, autoconhecimento, autoestima” (p. 5). Batista, Matos e Graça (2011) dizem que o desempenho profissional está intimamente relacionado com a percepção que os atletas têm das suas competências, da própria autoavaliação, tendo papel decisivo no desempenho profissional. Os autores dizem também que percepções das nossas competências são multidimensionais e estão constantemente em relação com o ambiente e com as pessoas, interferindo diretamente em nossos comportamentos, porém é fundamental enfatizar que a autopercepção não corresponde necessariamente as competências efetivas, ou seja, o atleta pode ter a autopercepção que tem determinada competência, quando na realidade não a possui.

Nesse sentido Pereira (2018), através de estudo de adaptação transcultural e validação do inventário de autoavaliação de competências táticas nos jogos desportivos coletivos (TACSIS), diz que é fundamental que o atleta consiga se autoavaliar de forma realista, sendo a autoavaliação subjetiva e construída através das vivências do atleta com contextos passados e presente. Dessa forma, se o atleta tem uma autoavaliação deturbada das suas capacidades consequentemente se comportará de forma inadequada, em treino e competição, impactando diretamente no seu rendimento e no rendimento da sua equipa. Assim a autoavaliação relaciona a autoeficácia, autoconfiança e autopercepção das competências.

Para além da crescente valorização da autopercepção e bem-estar no treino, normalmente quando se escuta falar da autopercepção do atleta, logo é relacionado aos aspectos físicos e fisiológicos, como no estudo de Rama, Borges, Cartaxo e Teixeira (2008) que investigam a autopercepção de esforço em nadadores, caracterizando diferentes escalas de autopercepção. Os autores dizem que a intenção em detectar e interpretar os esforços e suas escalas no processo de treino teve início com a escala de Borg, sendo que no presente estudo os autores utilizaram as escalas de Maglischo (1993) através da escala - CR10 e a escala de Bergglund e Safstrom

(1994) com a escala *Rating of Weekly Training Load* - RTL. Enfim concluem que ambas as escalas possuem potencialidades para avaliar a percepção do esforço na natação, compreendendo que a autoavaliação do esforço é um importante componente a ser mensurado no atleta de alto nível e deve ser considerada no processo de treino e competição.

Salvo os aspectos físicos e fisiológicos citados anteriormente as crescentes demandas táticas no desporto coletivo fazem com que Forsman et al. (2015) através de estudo sobre o desenvolvimento de competências percebidas em jovens atletas de futebol destaquem que a motivação para a prática desportiva está intimamente relacionada com a competência percebida dos atletas, assim como a relação entre velocidade percebida e agilidade. À vista disso os autores concluem que o desenvolvimento de jovens atletas de futebol deve abordar aspectos multidimensionais, e ainda é fundamental o olhar para aspectos mentais, tornando possível trabalhar as competências percebidas e a motivação em atletas de futebol.

No estudo de Pérez et al. (2014) sobre a autopercepção da competência na tomada de decisão em 690 atletas do futebol espanhol em diferentes níveis de competitividade, variando entre distrital, nacional a internacional, incluindo atletas de campo e de futsal, com idade média de $21,4 \pm 5,4$ anos. Através de aplicação do *Questionário sobre a Tomada de Decisão no Desporto* (DMSQ), que mede três fatores da tomada de decisão, dentre eles, a decisão percebida da competência, a ansiedade e esforço para decidir e o compromisso na aprendizagem decisional.

Através da comparação das respostas dos três subgrupos é possível observar que atletas de nível internacional se destacam positivamente em relação a competência decisional percebida, se saindo melhor também em relação a competência nas decisões globais, e ainda existe tendência decrescente no fator ansiedade e esforço conforme o nível de experiência. Isto posto, a autoconfiança em se sentir competente deve ser considerada e reforçada pelos treinadores pois fazem toda a diferença na decisão do atleta já que quando a autoconfiança é grande, conseqüentemente existe um declínio na ansiedade no momento da tomada de decisão, tendendo a melhorá-la (Perez et al., 2014).

Com o objetivo de analisar a autopercepção de inteligência contextual na tomada de decisão no futebol, Pérez, Navia, Espín, Coll e Nieto (2015) analisam 467 atletas de futebol do sexo masculino com idade média de $20,2 \pm 4,8$ anos, em três níveis distintos de participação desportiva, sendo elas autônoma, nacional e internacional. Foi aplicado o *Decision Making in Sport Questionnaire* - CETD, que é dividido em três sub escalas: competência da tomada de decisão percebida, ansiedade para decidir e compromisso no aprendizado da tomada de decisão.

Também foi aplicado o *Intelligence in Sport Questionnaire* – ICD composto também por três sub escalas, inteligência antecipatória, inteligência tática e inteligência competitiva. Através dos dados colhidos é possível perceber que esses questionários geram valiosos materiais a serem trabalhados, pois é possível acessar o pensamento dos atletas, a sua autopercepção acerca das suas competências em relação ao jogo. Por fim, constata-se relação entre a competência percebida na tomada de decisão e o compromisso com a aprendizagem da tomada de decisão, com relação positiva entre a inteligência antecipatória, inteligência tática e inteligência competitiva. Por outro lado, a ansiedade para decidir está negativamente relacionada com as três dimensões de inteligência contextual, e ainda apenas os atletas internacionais não demonstraram tal relação negativa.

O estudo de Stefanello, Figueiredo, Berbetz e Paes (2017) sobre a percepção da competência pessoal de 29 tenistas brasileiros, com o objetivo de associar a percepção de competência dos atletas e o aproveitamento desportivo, ou seja, verificar se a autopercepção se traduz em resultados em competição. A amostra do estudo é constituída por tenistas sub 12, todos do sexo masculino, que disputam em média 16 a 20 torneios anuais, todos a nível nacional. Para avaliar a percepção de competência dos atletas foi utilizado a *Escala de Percepção de Competência* - EPC, que contempla os aspectos de competência escolar, competência afetiva, competência atlética, aparência física, conduta comportamental e autoconceito geral. O aproveitamento desportivo é mensurado através de avaliação e relação entre o número de jogos e vitórias. Dessa forma é possível observar que as percepções de competência dos atletas não foram satisfatórias, tendo fraca correlação com os resultados, e ainda apesar de apresentar leve tendência positiva a percepção de competência aumenta conforme os resultados desportivos melhoram, mas ainda assim demonstram fraca correlação, sendo fundamental trabalhar a autopercepção para que o atleta consiga ter uma visão realista das suas capacidades.

Ainda sobre a autopercepção Elferink-Gemser, Visscher, Richart e Lemmink (2004) através do desenvolvimento do instrumento original *Tactical Skills Inventory for Sports* (TACSIS), entendem que cada vez mais os treinadores esperam dos atletas o entendimento do treino, e conseqüentemente do jogo, das suas funções individuais e coletivas, possibilitando alcançar o alto desempenho. Quando questionados pelos autores os treinadores desportivos dizem que as competências mais importantes nos atletas são, visão geral, antecipação, mudança rápida de posse de bola para perda da posse de bola, posicionamento, defesa homem a homem, defesa zona e compreensão do contexto. Essas competências dizem respeito ao domínio da competência táticas e cognitiva, já que o atleta deve pensar e perceber como deve se comportar.

Dessa forma, através do estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) é possível observar que o TACSIS demonstra ser um instrumento que possibilita uma excelente possibilidade de coleta e análise da autopercepção do desempenho no jogo de futebol pelo atleta, tendo o potencial de colaborar com o presente estudo. A autopercepção demonstra ser tão importante quanto as capacidades técnicas, táticas e físicas dos atletas, pois no caso de o atleta ter autopercepção equivocada das suas capacidades aumenta consideravelmente o risco de optar por más decisões, seja por ter a percepção que possui determinada competência que na realidade não possui, seja por ter a autopercepção que não possui determinada competência quando na realidade a possui.

Enfim é fundamental que o atleta seja capaz de se perceber para poder perceber o seu entorno e conseqüentemente saber agir de forma assertiva, seja em relação aos aspectos físicos. Por exemplo, perceber se é mais veloz ou não do que o seu adversário, seja em relação aos aspectos táticos, sendo capaz de avaliar se está cumprindo seus compromissos coletivos, e em relação a autopercepção das suas competências técnicas, na tomada de decisão do que consegue e do que não consegue executar (Elferink-Gemser et al., 2004).

A seguir será apresentado na Tabela 2.10.1 três estudos, dentre eles o estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) na língua inglesa, o estudo de Noronha (2011) traduzido da língua inglesa para a língua portuguesa, e o estudo de Ribeiro, Vianna, Lauria, Coelho e Werneck (2019) que aplicou o TACSIS também em língua portuguesa.

Tabela 2.10.1. Estudos que aplicaram o TACSIS, na língua inglesa e portuguesa.

Estudo	Amostra	Procedimento metodológicos	Principais resultados
Elferink-Gemser, Visscher, Richart e Lemmink (2004)	415 atletas de hóquei em campo e futebol, com idade média de 15,8 ± 1,6 anos 283 atletas do sexo masculino e 132 atletas do sexo feminino.	- Atividade: para construir uma medida prática, confiável e válida de habilidades táticas no desporto, foi realizado quatro estudos: estudo 1) aplicação e análise fatorial para examinar a estrutura das relações entre os itens da amostra original, com o objetivo de reuni-los em um conjunto menor de variáveis ou construtos; no estudo 2A foi examinado a consistência interna do inventário; no estudo 2B foi examinado a confiabilidade teste-reteste; no estudo 3 foi realizado a validade da construção do instrumento, através da aplicação do inventário em atletas juvenis de elite e não elite. - Testes: 1) 19 treinadores altamente qualificados de equipas nacionais e distritais de seleção esportiva na Holanda foram convidados a apresentar os elementos que consideravam mais importantes para o alto desempenho; 2) avaliação interna da confiabilidade do inventário; 3) aplicação do TACSIS.	- Estudo 1: O TACSIS é dividido em quatro fatores, dois de conhecimento declarativo, que inclui o conhecimento sobre ações com bola e conhecimento sobre ações de colegas ou adversários, e dois de conhecimento processual, que inclui posicionamento e tomada de decisão, e agir em situações de mudança; Estudo 2A: as correlações item total mostraram que os itens tiveram correlações mais altas com a escala atribuída do que com qualquer outra escala, com exceção da questão 11, da questão 12, e da questão 17; Estudo 2B: o zero estava dentro do intervalo de confiança de 95% da diferença média para as escalas 1, 3 e 4 e a soma das escalas. As escalas 1, 3 e 4 e a soma das escalas apresentaram um CCI variando entre 0,76 e 0,89. Somente a Escala 2 não atendeu ao critério, com um CCI de 0,53; Estudo 3: os menores escores médios foram obtidos para o conhecimento sobre ações de colegas ou adversários, as maiores pontuações médias para agir em situações de mudança, em todas as escalas os atletas de elite pontuaram mais alto que atletas não elites ($p < 0,01$); o coeficiente alfa de Cronbach para todas as quatro escalas estavam acima do valor de critério de 0,70, indicando boa consistência interna.
Noronha (2011)	300 atletas de ambos os sexos, pertencentes a cinco desportos coletivos (basquetebol, handebol, rugby, futebol e polo aquático). Com idade média de 15,3 ± 1,5 anos.	- Atividade: Os procedimentos metodológicos são divididos em dois momentos: Primeiro momento: tradução do Tactical Skills Inventory for Sports (Elferink- Gemser et al., 2004) para a língua portuguesa; Segundo momento: aplicação do instrumento traduzido. - Testes: Primeiro momento: É estabelecido três grupos de peritos: 1) dois peritos em língua inglesa, com habilitações académicas em Letras, especialmente em língua inglesa e com experiência em traduções; 2) dois peritos em Ciências do Desporto e Educação Física, com vivência nas práticas do treino desportivo, com habilitações académicas no domínio Stricto- Senso e com publicações contínuas em periódicos de língua inglesa; 3) Dois peritos em Ciências do Desporto e Educação Física, com vivências nas práticas do treino desportivo, com habilitações académicas no domínio Stricto- Senso, com publicações contínuas em periódicos de língua inglesa. Segundo momento: aplicação. Antes de prosseguir com a análise da base de dados, foi efetuada uma sintetização de conteúdo dos itens de acordo com as quatro escalas aplicadas pelo estudo original.	- Primeiro momento: Os peritos dos grupos um e dois, realizaram a tradução dos 34 itens da versão original e enviaram ao grupo três, para que estabelecessem as melhores frases para o inventário. Se configurando em 34 questões, divididas em quatro fatores, dois de conhecimento declarativo, que inclui o conhecimento sobre ações com bola e conhecimento sobre ações de colegas ou adversários, e dois de conhecimento processual, que inclui posicionamento e tomada de decisão, e agir em situações de mudança. Cada questão deve ser pontuada em até 6 pontos pelos atletas, sendo que, 1 significa muito pobre e 6 excelente, ou 1 quase nunca e 6 sempre. Segundo momento: A aplicação demonstra requerer maior consolidação.
Ribeiro, Vianna, Lauria,	62 atletas brasileiros de basquete,	- Atividade e testes: Os atletas foram submetidos a uma bateria de teste para avaliar o desempenho em relação a: 1) antropometria; 2) físico motor; 3) psicológico; 4) Indicadores de habilidades; 5) indicadores	- Através dos resultados foram classificados, 7 atletas com baixo potencial, 27 com potencial médio e 16 com alto potencial. 1) observou-se que no grupo de alto potencial os atletas eram cronologicamente mais velhos, com maior % de TPM e maior altura predita para adultos, maior

Coelho e Werneck (2019)	pertencentes aos escalões sub 15 e sub 17.	socioambientais; 6) potencial maturacional; 7) Desportivo, através de avaliação dos treinadores.	tamanho corporal, menor soma de dobras cutâneas e maior desempenho físico-motor; 2) atletas de basquete de alto potencial apresentaram maior estatura, envergadura, membros inferiores mais longos, maior altura prevista; 3) não foram observadas diferenças entre os grupos no tempo de prática e apoio familiar, competência percebida, estágio maturacional, habilidades técnicas e táticas e nas demais variáveis psicológicas; 4) os treinadores classificaram 19 atletas como baixo potencial (fraco e razoável), como potencial mediano (bom e muito bom) e oito como alto potencial (excelente), observou-se associação estatisticamente significativa entre a classificação do potencial esportivo realizada por treinadores e estágio maturacional dos atletas ($X^2 = 7,723$, $p = 0,021$).
-------------------------	--	--	--

É possível observar na Tabela 2.10.1 que o estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) propõem o TACSIS em sua versão final com 22 questões, divididas em quatro sub escalas, duas de conhecimento declarativo, que inclui, conhecimento sobre ações com bola, questões (16, 17, 18, 19) e conhecimento sobre ações de colegas ou adversários, questões (11, 15, 20, 21, 22), e duas de conhecimento processual, fazem parte, posicionamento e tomada de decisão, questões (1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10), e agir em situações de mudança, questões (3, 12, 13, 14). Cada questão deve ser pontuada em até 6 pontos pelos atletas, sendo que 1 significa muito pobre e 6 excelente, ou 1 quase nunca e 6 sempre.

Embasado no exposto anteriormente se faz necessário a conceitualização acerca do conhecimento declarativo e processual, que para Elferink-Gemser et al. (2004) é “saber o que fazer refere-se ao conhecimento declarativo e fazê-lo refere-se ao conhecimento processual” (p.884). Para French e Thomas (1987) e Williams Davids (1995) citado por Elferink-Gemser et al. (2004) conhecimento declarativo é “o conhecimento das regras e objetivos do jogo” (p. 884), e French e Thomas (1987) e Williams Davids (1995) citado por Elferink-Gemser et al. (2004) definem conhecimento processual como “a seleção de uma ação apropriada dentro do contexto do jogo (p. 884).

Ainda nesse sentido Gréhaigne, Godbout e Bouthier (2001) citado por Pereira (2018) definem conhecimento declarativo como “conhecimento sobre objetivos, princípios, regras de ação e regras de organização do jogo” (p.48), e Kannekens, Gemser e Visscher (2011) citado por Pereira (2018) definem conhecimento processual como “tomar decisões adequadas às diferentes situações de jogo sobre o que fazer, como e onde se posicionar, como agir, reagir ou antecipar-se à ação do adversário” (p.48).

Com o objetivo de realizar a tradução do TACSIS, para a língua portuguesa e verificar sua aplicação em jogos desportivos coletivos, o estudo de Noronha (2011) através de minuciosa tradução do TACSIS, e assim como no estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) é utilizado a divisão em quatro fatores e a pontuação de 6 pontos pelos atletas, como expresso na Tabela 2.10.1, porém o estudo necessita de maior consolidação em relação a aplicação prática.

Por esse motivo o presente estudo se embasa em Pereira (2018) que também realiza tradução e validação do TACSIS para a língua portuguesa, porém, diferentemente de Noronha (2011) que utiliza a versão final do TACSIS com 22 questões, além de realizar também uma adaptação transcultural do inventário. Primeiro, o que para Elferink-Gemser et al. (2004) como citado anteriormente, é dividido em duas escalas, passa a ser dividido em dois fatores, nomeadamente, fator 1 e fator 2, sendo que o fator 1 diz respeito a percepção do tempo e espaço,

e o fator 2 diz respeito ao ajuste da tomada de decisão, dessa forma o primeiro fator aparece associado à ideia de conhecimento e percepção das ações com bola e das movimentações da própria equipa e da equipa adversária e integram as questões (5, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22). O segundo contempla o ajuste da tomada de decisão ligada a leitura dos cenários de jogo, nomeadamente a antecipação, desmarcação e posicionamento, e integram as questões (1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12).

Dessa forma as questões do fator 1 do estudo de Pereira (2018) abrangem todos as questões correspondentes as duas escalas referentes ao conhecimento declarativo do estudo de Elferink-Gemser et al. (2004): conhecimento sobre ações com bola e conhecimento sobre ações de colegas ou adversários. Mas integra também três questões das duas escalas do conhecimento processual, nomeadamente as questões (5, 13 e 14). O fator 2 de Pereira (2018) é composto pelos demais itens das duas escalas de Elferink-Gemser et al. (2004) relativas ao conhecimento processual.

Em suma, o estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) inicialmente composto por 34 questões, após análise, os autores concluem que 23 questões atendem aos critérios estabelecidos, e ainda, após aplicação, a questão 17 não alcançou o coeficiente de confiabilidade. Dessa forma a versão final contempla 22 questões. Em seu estudo de tradução e aplicação do TACSIS Noronha (2011) se embasou na versão inicial, contemplando 34 questões, e ainda, o estudo demonstra necessitar de maior consolidação em relação a aplicação. Com efeito, o estudo de Pereira (2018) demonstra estar mais alinhado com os objetivos do presente estudo, se embasando na última versão com 22 questões que atendem aos critérios e confiabilidade do estudo de Elferink-Gemser et al. (2004), para além da aplicação, que no caso do estudo de Pereira (2018) demonstra consistência entre a objetivo, metodologia, resultados e discussão.

3 Metodologia

3.1 Caracterização geral da investigação

3.1.1 Problema e questões de investigação

Através do presente estudo pretende-se conhecer e analisar a autoperceção de um grupo de atletas seniores, de futebol, com características similares às dos estudos apresentados na Tabela 2.1.6 (Gleeson & Kelly, 2020; Huttermann et al., 2018; Lorains et al., 2013; Roca et al., 2011; Roca et al., 2012; Steiner, 2018), sobre o seu percurso na modalidade, assim como suas competências táticas atuais.

A definição dos grupos competitivos considerou os trabalhos precedentes de Vaeyens et al. (2007), Roca et al. (2011), Lorains et al. (2013) e Huttermann et al. (2018). A ausência de consistência entre os estudos mencionados levou a que se definissem dois grupos: o primeiro nomeado como amadores que é composto por atletas que disputam competições distrital/amador, e o segundo nomeado como nacionais/profissionais, com atletas que disputam competições nacionais.

Considerando a Anamnese gerada, consideraram-se um conjunto de questões de partida, a saber:

Questão 1. Em relação as vivências no futebol de formação, vivenciou treinos e jogos adaptados ao seu escalão? Por exemplo, adaptação no número de atletas nas situações de jogo, tamanho do terreno de jogo, tamanho da baliza e tamanho da bola.

Questão 2. Em relação as experiências no futebol de formação, compreende que a infraestrutura física era adequada? Por exemplo, qualidade do terreno de jogo, materiais de treino e competição.

Questão 3. Em relação as experiências no futebol de formação, compreende que o respaldo profissional era adequado? Por exemplo, respaldo de equipa multidisciplinar que incluía preparador físico, fisioterapeuta, psicólogo e/ou nutricionista.

Questão 4. Os seus treinadores nos escalões de formação demonstraram as competências necessárias para desempenhar plenamente a função, integrando conhecimentos teóricos e práticos?

Questão 5. Foi prazerosa a relação estabelecida nos escalões de formação entre vida social e vida desportiva?

Questão 6. Com quantos anos começou a jogar futebol informalmente?

Questão 7. Com quantos anos começou a jogar futebol formalmente?

Questão 8. Qual a autoperceção das suas competências táticas, técnicas, físicas e mentais na tomada de decisão no jogo de futebol?

Subsequentemente foram consideradas questões de investigação que resultam da informação passível de ser extraída da aplicação do TACSIS (Pereira, 2018):

Questão 9. Existem diferenças estatisticamente significativas em função do nível competitivo no fator 1, perceção do tempo e espaço no TACSIS?

Questão 10. Existem diferenças estatisticamente significativas em função do nível competitivo no fator 2, ajuste da tomada de decisão no TACSIS?

Questão 11. Atletas que atuam como defesa, médio e avançado demonstram diferenças significativas nas pontuações relacionadas a autoperceção das suas competências no fator 1, perceção do tempo e espaço e no fator 2, ajuste da tomada de decisão no TACSIS?

Finalmente são elaboradas questões em torno das possíveis associações entre as variáveis resultantes das respostas da Anamnese e as respostas do TACSIS:

Questão 12. Atletas com pontuações mais altas em relação ao jogo adaptado ao seu escalão e as suas competências no futebol de formação tem maior probabilidade de se tornar atleta profissional? E ainda, tem relação com o melhor desempenho no fator 1 e/ou 2 no TACSIS?

Questão 13. Atletas que pontuam melhor as competências dos seus treinadores no futebol de formação têm maior probabilidade de se tornar atleta profissional? E ainda, tem relação com o melhor desempenho no fator 1 e/ou 2 no TACSIS?

Questão 14. Atletas que pontuam melhor a relação de prazer que estabelecem entre a vida social e desportiva no futebol de formação tem maior probabilidade de se tornar atleta profissional de futebol? E ainda, tem relação com o melhor desempenho no fator 1 e/ou 2 no TACSIS?

Questão 15. Acesso a infraestrutura de qualidade no futebol de formação aumentam a probabilidade do atleta se tornar profissional? E ainda, tem relação com o melhor desempenho no fator 1 e/ou 2 no TACSIS?

Questão 16. Acesso a equipa multidisciplinar no futebol de formação aumentam a probabilidade do atleta se tornar profissional? E ainda, tem relação com o melhor desempenho no fator 1 e/ou 2 no TACSIS?

Questão 17. Quanto mais novos os atletas começam a jogar futebol (informalmente e formalmente) maior a probabilidade de alcançar o futebol profissional? E ainda, tem relação com o melhor desempenho no fator 1 e/ou 2 no TACSIS?

Questão 18. Pontuações mais altas em relação as competências técnicas, táticas, físicas e mentais, diferenciam atletas amadores de atletas profissionais? E ainda, tem relação com o melhor desempenho no fator 1 e/ou 2 no TACSIS?

3.1.2 Variáveis

O conjunto de variáveis pesquisadas no presente estudo integra, numa primeira fase, a informação resultante da Anamnese e tem o objetivo de mensurar os aspectos pessoais do atleta, assim como seu histórico no futebol (Anexo 2).

Em relação ao segundo conjunto de variáveis pretende-se analisar à autopercepção do atleta de futebol em relação as suas capacidades táticas atuais no jogo, através do inventário TACSIS, originalmente desenvolvido na língua inglesa por Elferink-Gemser et al. (2004) apresentado no (Anexo 3).

O TACSIS foi traduzido para a língua portuguesa por Noronha (2011) contendo ainda 34 questões referentes a versão inicial do inventário de Elferink-Gemser et al. (2004), como é possível observar no (Anexo 4). Por fim o presente trabalho se embasa no estudo mais recente de Pereira (2018) que assim como Noronha (2011) realizou a tradução do TACSIS para a língua portuguesa (Anexo 5), em sua versão final com 22 questões.

3.1.3 Hipóteses

Hipótese 1. Os atletas com as melhores pontuações em relação a adaptação do jogo ao seu escalão e as suas competências no futebol de formação (tamanho do campo, baliza, bola e número de atletas) são os atletas de futebol profissional.

Hipótese 2. Os atletas que pontuam mais alto as vivências no futebol de formação em equipas com infraestrutura de qualidade, são os atletas de futebol profissional.

Hipótese 3. Os atletas que pontuam mais alto as vivências no futebol de formação em equipas com trabalho multidisciplinar, são os atletas de futebol profissional.

Hipótese 4. Os atletas que pontuam melhor as competências dos seus treinadores nos escalões de formação, são os atletas de futebol profissional.

Hipótese 5. Os atletas que pontuam mais alto a relação de prazer entre desporto e vida social durante o futebol de formação, são os atletas de futebol profissional.

Hipótese 6. Os atletas profissionais começaram a jogar futebol informalmente mais novos se comparado com atletas amadores.

Hipótese 7. Os atletas profissionais começaram a jogar futebol formalmente mais novos se comparado com atletas amadores.

Hipótese 8. Os atletas profissionais pontuam melhor a sua auto perceção de competências (físicas, técnicas, tática e mental) se comparado com atletas amadores.

Hipótese 9. Os atletas profissionais têm melhor pontuação se comparado com atletas amadores no fator 1, perceção do tempo e espaço no TACSIS.

Hipótese 10. Os atletas profissionais têm melhor pontuação se comparado com atletas amadores no fator 2, ajuste da tomada de decisão no TACSIS.

Hipótese 11. Os atletas que atuam como defesa, médio e avançado não demonstram diferenças significativas nas pontuações relacionadas a auto perceção das suas competências no fator 1, perceção do tempo e espaço e no fator 2, ajuste da tomada de decisão no TACSIS.

Hipótese 12. Os atletas profissionais pontuam mais alto as vivências adaptadas às suas competências nos escalões de formação e pontuam mais alto no fator 1 e 2 no TACSIS.

Hipótese 13. Os atletas profissionais pontuam mais alto as competências dos seus treinadores nos escalões de formação e têm melhor performance no fator 1 e 2 no TACSIS.

Hipótese 14. Os atletas profissionais demonstram ter mais prazer na relação entre vida social e desportiva nos escalões de formação, e ainda pontuam melhor no fator 1 e 2 no TACSIS.

Hipótese 15. Os atletas profissionais pontuam mais alto o acesso a infraestrutura de qualidade no futebol de formação e pontuaram melhor no fator 1 e 2 no TACSIS.

Hipótese 16. Os atletas profissionais pontuam mais alto o acesso ao trabalho multidisciplinar no futebol de formação e pontuam melhor no fator 1 e 2 no TACSIS.

Hipótese 17. Os atletas profissionais iniciam no futebol mais novos (informalmente e formalmente) e pontuam mais alto no fator 1 e 2 no TACSIS.

Hipótese 18. Os atletas profissionais pontuam mais alto as suas competências (técnicas, táticas, físicas e mental) e se saem melhor no fator 1 e 2 no TACSIS.

3.2 Metodologia

3.2.1 Natureza do estudo

Respeitando os limites conceituais e metodológicos o presente estudo tem uma natureza não experimental, visto que os atletas devem responder no formato on-line dois instrumentos: a Anamnese e o inventário TACSIS. Tal como estudos precedentes (Costa, Tomaz, Araújo, Medeiros & Galdino, 2019; Lopes et al., 2019; Rossi, Vitorino, Salles & Cortez, 2016), a recolha de dados é transversal, realizada em atletas que jogam futebol no escalão Sénior, pertencentes a dois grupos, amadores e profissionais. O método utilizado no presente estudo é quantitativo American Psychological Association (APA, 2015) de carácter exploratório e descritivo.

3.2.2 Caracterização da amostra

A amostra será composta por atletas que contemplam alguns pré-requisitos, dentre eles, ser atleta de futebol de língua oficial portuguesa, pertencer ao escalão Sénior, não ser guarda redes e disputar competições nacionais ou distritais. Dessa forma, após preencher os critérios anteriores os atletas devem concordar em participar do estudo, e ainda autorizar que os seus dados sejam utilizados em análise (Harris, MacSween & Atkinson, 2019).

Conforme exposto anteriormente os critérios para participação no estudo foram definidos previamente e assim como nos estudos de Almeida, Teles, Teixeira, Ravazzi e Pereira (2019) e Rossi et al. (2016) não é possível aplicar o presente estudo em todo o universo da amostra. Dessa forma o estudo é de seleção não probabilística, alternando sequencialmente, assim como no estudo de Cardoso e Pimenta (2020), de uma amostra de conveniência para uma amostra em bola de neve, pois inicialmente o estudo foi aplicado em atletas cujo o contato já existia anteriormente, porém o número não atingiria a dimensão desejada ($n = 30$). Com efeito, os atletas que participaram do estudo indicaram outros atletas possuidores de características similares.

Foram aplicados e preenchidos 30 Anamneses e inventários TACSIS a um total de 15 atletas profissionais e 15 atletas amadores. Não foram excluídos instrumentos por não estarem preenchidos na totalidade.

3.3 Instrumentos de recolha de dados

A pesquisa por instrumentos de recolha de dados foi realizada entre os meses de Agosto de 2019 até Julho de 2020 e incluiu a pesquisa em livros, artigos publicados em revista científica, documentos desportivos oficiais nacionais e internacionais e dissertações de Mestrado. A seleção dos estudos teve como preferência os publicados a partir do ano de 2016, porém, estudos publicados anteriormente a essa data não foram descartados. As palavras-chave foram escritas em três línguas, português do Brasil, português de Portugal, e língua inglesa, e ainda foram considerados todos os resultados de pesquisa independente da língua do estudo.

As pesquisas ocorreram nas bases de dados Google (primeiras dez páginas), Google acadêmico (primeiras dez páginas), Scielo (primeiras dez páginas), PubMed, Science & Sports, b-on, SportDiscus, Capes Periódico, EBSCO, SPORTDiscus, EBSCO Psy e Beh, EBSCO Psycl INFO, Web of Science, Europeana, Revista Portuguesa de Ciências do Desporto (2010 até 2017) abrangendo todas as edições dentro dos respectivos anos.

Foram utilizados um total de 81 palavras-chave em língua portuguesa (Brasil e Portugal) e um total de 91 palavras-chave na língua inglesa.

As estratégias de pesquisa seguiram as seguintes normas e estratégias, em todas as bases de dados a busca por estudos ocorreu até no máximo a página 10, em todas as bases de dados a pesquisa inicial foi na língua portuguesa, e posteriormente na língua inglesa. Em todas as bases de dados os estudos selecionados deveriam conter, obrigatoriamente, uma ou mais palavras-chave no título ou no resumo, em todas as bases de dados a busca era modificada quando duas páginas consecutivas não continham as palavras-chave no título ou no resumo. Independentemente do número de páginas pesquisadas ou restantes, os estudos em língua inglesa sempre foram pesquisados duas vezes, com as palavras-chave football e soccer, para além das bases de dados, os materiais que constam no presente estudo podem ser derivados de compartilhamento do orientador da dissertação, ou então, por professores ou colegas do Mestrado.

Entre os questionários e inventários utilizados nos estudos pesquisados foram selecionados três instrumentos de interesse, *Sistema de Avaliação Tática no Futebol - FUT-SAT* (Albuquerque, Gonzaga, Greco & Teoldo, 2019; Américo et al., 2016; Cardoso, Villora, Guilherme & Teoldo, 2019), *Game Performance Evaluation Tool – GPET* (Villora, López & Jordán, 2015; Villora, Olivares, Vicedo & Teoldo, 2015) e *Tactical Skills Inventory for Sports*

– TACSIS (Elferink-Gemser et al., 2004). Na sequência procedeu-se a busca e análise pelos estudos de validação dos instrumentos, e por consequência os mesmos foram lidos integralmente com o objetivo de gerar uma melhor compreensão do material e avaliar se poderiam ser utilizados no presente estudo. Por fim, dentre os três estudos selecionados foi considerado o TACSIS como o instrumento que mais se identifica com os objetivos do presente estudo.

3.3.1 Critérios de inclusão

A revisão sistemática da literatura efetuada, incluiu no primeiro momento estudos que as palavras-chave estivessem relacionadas com desporto, seja no título ou no resumo do material e que tivessem sido publicados a partir do ano de 2016. Após primeira pesquisa, se necessário o ano de publicação dos estudos eram alterados, abrangendo estudos mais antigos, mas igualmente qualificados. Posteriormente foram separados estudos que abrangem especificamente o futebol de estudos que abrangem outros desportos, no título ou no resumo. E ainda após primeira leitura foram excluídos os estudos de outros desportos, que não futebol, que não fosse possível estabelecer relação ou transferência para o presente estudo. Por fim é possível constatar que foi dada preferência a estudos cuja o ano seja o mais próximo possível de 2020 e cujo a temática seja o futebol.

3.3.2 Critérios de exclusão

Foram prontamente desconsiderados todos os estudos cujo título ou resumo não se relacionam com desporto, em seguida foram excluídos estudos que abordam outros desportos, que não futebol e que não fosse possível realizar a transferência dos temas abordados para o futebol. No final foram excluídos estudos sobre futebol que abordam temas que não se enquadram ao presente estudo.

3.3.3 Extração de dados dos estudos e aplicação do instrumento

Para a extração dos dados dos estudos selecionados foi elaborada uma tabela no Word com o objetivo de colher as informações relevantes dos estudos, visto que a extração foi executada por um só investigador e as informações selecionadas remetem para as características gerais dos estudos, dentre elas a identificação do estudo, amostra, procedimento metodológicos e principais resultados.

Os instrumentos utilizados foram: 1) Anamnese; 2) Inventário de Habilidades Táticas no Desporto – TACSIS, aplicado na versão em português (Pereira, 2018).

Os instrumentos foram aplicados no formato on-line, assim como nos estudos de Faleiros et al. (2016) e Davis et al. (2020), todos em língua portuguesa. A opção pela aplicação no formato on-line ocorre assim como nos estudos de Zhong et al. (2020) e Ahmad e Murad (2020) devido ao surto da pandemia Covid-19, que além de paralisar treinos e competições também dificulta o contato pessoal com os clubes, treinadores e atletas.

3.3.4 Anamnese

A Anamnese (Anexo 2) contém 23 questões e tem o objetivo de colher dados pessoais e construir um breve histórico do atleta no futebol, do início da carreira, ainda no futebol formação, aos dias de hoje, possibilitando a comparação dos atletas em relação ao início na modalidade, seja ela formal ou informal, a qualidade dos clubes e dos profissionais que fizeram parte da sua formação futebolística, assim como a autopercepção que tem das suas competências no futebol.

As questões da Anamnese quando orientadas para respostas pessoais como nome, sexo, data de nascimento, nacionalidade, País e clube que joga, necessitam de resposta descritiva, por extenso. As questões relacionadas com o histórico desportivo, como questões sobre o nível competitivo, histórico no futebol formação e competências no futebol, são questões de múltipla escolha, ou seja, os atletas devem classificar as questões em uma escala de 6 pontos, sendo que 1 significa muito pobre e 6 excelente, ou 1 quase nunca e 6 sempre.

As questões de múltipla escolha que não são relacionadas com a escala de 6 pontos dizem respeito a dias e horas de prática específica de futebol ou outros desportos ou exercícios físicos durante a semana, e ainda, a questão sobre o nível competitivo é apresentado duas opções de resposta (nacional/profissional ou distrital/amador). A questão referente a idade que iniciou no desporto formalmente e informalmente é apresentado ao atleta as possíveis idades de início

em anos. Por fim, os atletas são orientados a responder as questões se comparando com os melhores atletas e melhores clubes de futebol do mundo.

3.3.5 Inventário de Habilidades Táticas no Desporto – TACSIS

O inventário TACSIS foi originalmente criado na língua inglesa por Elferink-Gemser et al. (2004) e posteriormente traduzido para a língua portuguesa por Noronha (2011) e Pereira (2018).

O estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) propõe o TACSIS em sua versão final com 22 questões, divididas em quatro subescalas, duas de conhecimento declarativo, que inclui, conhecimento sobre ações com bola, questões (16, 17, 18, 19) e conhecimento sobre ações de colegas ou adversários, questões (11, 15, 20, 21, 22), e duas de conhecimento processual, fazem parte, posicionamento e tomada de decisão, questões (1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10), e agir em situações de mudança, questões (3, 12, 13, 14). Cada questão deve ser pontuada em até 6 pontos pelos atletas, sendo que 1 significa muito pobre e 6 excelente, ou 1 quase nunca e 6 sempre.

Com o objetivo de realizar a tradução do TACSIS, para a língua portuguesa, e verificar sua aplicação em jogos desportivos coletivos, o estudo de Noronha (2011) realizou minuciosa tradução do TACSIS, e assim como no estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) foi utilizado a divisão em quatro fatores, e a pontuação de 6 pontos pelos atletas, como expresso na Tabela 2.10.1, porém, necessita de maior consolidação em relação a aplicação.

Por esse motivo, o presente estudo se embasa em Pereira (2018) que também realizou a validação do TACSIS para a língua portuguesa, porém, diferentemente de Noronha (2011) utilizou a versão final do TACSIS com 22 questões, além de realizar também a adaptação transcultural do inventário. Primeiro, o que para Elferink-Gemser et al. (2004), como citado anteriormente, é dividido em duas escalas, passa a ser dividido em dois fatores, nomeadamente, fator 1 e fator 2. Sendo que, o fator 1 diz respeito a percepção do tempo e espaço, e o fator 2 diz respeito ao ajuste da tomada de decisão, dessa forma, o primeiro fator aparece associado à ideia de conhecimento e percepção das ações com bola e das movimentações da própria equipa e da equipa adversária, e integram as questões (5, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22). O segundo contempla o ajuste da tomada de decisão, ligada a leitura dos cenários do jogo, nomeadamente a antecipação, desmarcação e posicionamento, e integram as questões (1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12).

As questões do fator 1 do estudo de Pereira (2018) abrangem todas as questões correspondentes as duas escalas referentes ao conhecimento declarativo do estudo de Elferink-Gemser et al. (2004), conhecimento sobre ações com bola e conhecimento sobre ações de colegas ou adversários, mas integra também três questões das duas escalas do conhecimento processual de Elferink-Gemser et al. (2004), as questões (5, 13 e 14). O fator 2 de Pereira (2018) é composto pelos demais itens das duas escalas de Elferink-Gemser et al. (2004) relativas ao conhecimento processual.

3.4 Procedimentos

Inicialmente procedeu-se à aplicação e aceitação do Termo de Consentimento e Participação Voluntária no Estudo (Anexo 1), aos treinadores das equipas, embasado no material de Harriss et al. (2019), referente aos padrões éticos na pesquisa em ciências do desporto e do exercício.

O Termo tem como objetivo primeiramente apresentar informações de quem o aplica, ou seja, informações referentes a instituição, universidade responsável, Mestrando e orientador do estudo, o Termo também tem como objetivo apresentar o estudo e os dois instrumentos que serão utilizados, por fim, garantir o direito ao treinador de autorizar a participação do atleta ou não.

O Termo de Consentimento e Participação Voluntária no Estudo é destinado aos treinadores pois é somente após autorização do mesmo que o contato com os atletas pode ter início, dessa forma, o treinador deve preencher e consentir a participação dos atletas da sua equipa no estudo.

Na sequência, em caso de feedback positivo, os atletas recebem no formato on-line a Anamnese (Anexo 2), e o inventário TACSIS (Anexo 5).

3.5 Análise de dados

O tratamento de dados foi inicialmente realizado no Microsoft Office Excell 2008, com o objetivo de organizar as respostas em tabelas, considerando as pontuações de forma individual e somadas dentro dos grupos de pertencimento, e em seguida no software Statistical Program for Social Sciences – SPSS, versão 19.0 para Windows.

Para as diferentes variáveis em estudo procedeu-se a uma análise inicial de natureza descritiva, tendo sido calculadas frequências, percentagens, médias e desvios padrão. Em seguida recorreu-se à estatística inferencial não-paramétrica (*teste Mann-Whitney U* e o *teste Kruskal-Wallis ANOVA*) com o objetivo de testar as hipóteses formuladas. Os critérios que precederam à escolha das técnicas estatísticas não-paramétricas em detrimento das paramétricas (*e.g.*, ANOVA 1-way) foram os sugeridos por Newton e Rudestam (1999).

Posteriormente procedeu-se à comparação múltipla (*post hoc*) dos casos em que se verifica a segmentação da amostra em três ou mais subgrupos. Para determinar o grau de associação entre variáveis contínuas recorreu-se ao coeficiente de correlação de *Pearson*. Tratando-se de determinar o grau de associação entre variáveis ordinais ou nominais com variáveis contínuas recorreu-se ao coeficiente de correlação *rho de Spearman* (Bryman & Cramer, 2011).

4 Resultados

4.1 Apresentação e análise de resultados

4.1.1 Caracterização da amostra

Na Tabela 4.1.1.1 é realizada a caracterização da amostra, sendo possível verificar o perfil dos atletas que participam do presente estudo, considerando as seguintes variáveis.

Tabela 4.1.1.1. Estatística descritiva para as variáveis caracterizadoras da amostra (n=30).

Variáveis	Frequência (n)	Porcentagem (%)	Média	Desvio Padrão
Idade Cronológica (anos)			30,71	3,98
Grupo Etário (anos)				
21-25	4	13,3		
26-30	11	36,7		
31-35	12	40,0		
36-40	3	10,0		
Nível Competitivo				
Amador	15	50,0		
Profissional	15	50,0		
Posição em Jogo				
Defesas	12	40,0		
Médios	12	40,0		
Avançados	6	20,0		
Informação desportiva futebol				
Duração época (meses)			9,3	2,5
Treinos semanais (#)			4,4	2,3
Volume semanal (horas)				
1 a 3	10	33,3		
4 a 6	6	20,0		
7 a 9	1	3,3		
10 a 12	4	13,3		
Mais de 12	9	30,0		
Jogos semanais (#)			1,5	0,5
Informação treino complementar				
Treinos semanais (#)			2,9	1,1
Volume semanal (horas)				
1 a 3	23	76,7		
4 a 6	6	20,0		
7 a 9	1	3,3		
História desportiva futebol				
Idade início informal (anos)			5,6	1,4
Idade início formal (anos)			8,3	1,7
Relação vida social (#)			5,4	1,0
Competências treinadores (#)			4,3	1,3

Jogo ajustado à idade (#)	3,7	1,6
Infraestruturas equipas (#)	3,8	1,6
Apoio multidisciplinar (#)	3,3	1,9
Autoperceção competências (#)	4,9	0,9

A Tabela 4.1.1.1 demonstra que a amostra é composta por 30 atletas de futebol, sendo 15 pertencentes ao grupo profissional (50%) e 15 pertencentes ao grupo amador (50%). Os atletas têm uma média de $30,71 \pm 3,98$ anos, a maioria atua como defesa (40%) e médio (40%), e a minoria (20%) como avançado. Os atletas encontram-se em competição em média durante $9,3 \pm 2,5$ meses do ano e treinam uma média de $4,4 \pm 2,3$ vezes na semana. Em relação as horas de treino semanal específicos em futebol a maioria (33%) treina de 1 a 3 horas e (30%) mais de 12 horas por semana, e ainda, encontram-se em competição uma média de $1,5 \pm 0,5$ vezes por semana. Em relação aos treinos complementares, ou seja, não específicos em futebol (76%) dos atletas treinam de 1 a 3 vezes por semana.

Em relação ao histórico desportivo a Tabela 4.1.1.1 demonstra que os atletas iniciam a prática do futebol informalmente em média aos $5,6 \pm 1,4$ anos e formalmente em média aos $8,3 \pm 1,7$ anos.

A Tabela 4.1.1.1 considera também a pontuação média dos atletas em relação as suas vivências no escalão de formação no futebol, considerando que a pontuação mínima para cada item é de 1 ponto e máxima de 6 pontos, os atletas consideram que o prazer estabelecido na relação entre vida social e desportiva, nesse caso especificamente no futebol, é em média de $5,4 \pm 1$ pontos, sobre as competências dos treinadores no futebol de formação os atletas pontuam em média $4,3 \pm 1,3$ pontos. Os atletas também pontuam em média $3,7 \pm 1,6$ pontos o ajuste do jogo ao seu escalão no futebol de formação e pontuam em média $3,8 \pm 1,6$ pontos a infraestrutura das equipas que integraram, e ainda, uma média de $3,3 \pm 1,9$ pontos o apoio multidisciplinar, e por fim pontuam uma média de $4,9 \pm 0,9$ pontos a autoperceção das suas competências relacionadas ao jogo de futebol atualmente.

4.1.2 Análise de consistência interna

As Tabelas 4.1.2.1 e 4.2.2.2 tem o objetivo de avaliar as propriedades do TACSIS referente aos dois fatores e suas respectivas questões, embasadas no estudo de Pereira (2018). Além da estatística descritiva é apresentada a correlação do item com o total da escala, excluindo o próprio item, e foi realizada a análise da consistência interna através do coeficiente

Alfa (α) de Cronbach (Cronbach, 1951), que é considerado o método de análise mais adequado para as escalas do tipo Likert (Hill & Hill, 2008).

A Tabela 4.1.2.1 é referente ao fator 1 do TACSIS, que diz respeito a percepção do tempo e espaço, sendo que, as questões são classificadas em uma escala de 6 pontos, 1 representa muito pobre, e 6 representa excelente, ou 1 quase nunca e 6 sempre. O fator 1 integra as questões (5, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22), sendo que cada atleta pode somar no mínimo 12 pontos e no máximo 72 pontos nesse fator.

Tabela 4.1.2.1. Consistência interna da escala relativa ao fator 1 do TACSIS.

	Itens	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total ^a	Alpha de Cronbach Corrigido
5	Quando a minha equipa tem posse de bola a minha leitura do jogo é adequada	4,4	1,6	0,89	0,98
11	A minha capacidade de avaliação do jogo do adversário é adequada	4,3	1,3	0,90	0,98
13	Se a minha equipa perde a bola durante o jogo, eu percebo rapidamente qual deve ser o meu posicionamento defensivo	4,5	1,5	0,89	0,98
14	Eu reajo rapidamente às mudanças, tais como passar de não possuidor da bola (defensor) a possuidor da bola (atacante)	4,2	1,5	0,91	0,98
15	Eu percebo rapidamente como o adversário está a querer jogar	4,1	1,4	0,82	0,98
16	Eu sei exatamente quando devo passar ou não passar a bola a um colega de equipa	3,9	1,6	0,90	0,98
17	Quando a minha equipa entra em posse de bola, eu sei exatamente o que fazer	4,3	1,5	0,91	0,98
18	Quando estou a executar uma ação durante o jogo, eu já estou a ver o que devo fazer de seguida	4,1	1,6	0,94	0,97
19	Quando estou na posse da bola, sei ver a quem devo passar	4,1	1,6	0,93	0,97
20	Apesar de não estar a ver os meus adversários, eu tenho ideia para onde eles se vão dirigir	3,7	1,4	0,81	0,98
21	Sem estar a ver os meus colegas, eu calculo para onde eles se vão dirigir	3,8	1,6	0,84	0,98
22	Se um adversário recebe a bola, eu tenho ideia o que ele vai fazer	3,6	1,6	0,77	0,98
Alpha de Cronbach = 0,98					

^a Excluindo o próprio item.

A grande média das respostas das questões é de $4,1 \pm 0,3$ sendo possível observar que o valor da Correlação Item Total é de 0,87. Reportando-nos ainda a esta escala podemos verificar que o valor de Alpha de Cronbach obtido é de 0,98 o que revela uma consistência interna muito elevada e as correlações de cada item com o total da escala são positivas e estatisticamente significativas.

A Tabela 4.1.2.2 é referente ao fator 2 do TACSIS, que diz respeito ao ajuste da tomada de decisão, sendo que assim como no fator 1 as questões são classificadas em uma escala de 6 pontos, 1 representa muito pobre e 6 representa excelente, ou 1 quase nunca e 6 sempre. O fator 2 integra as questões (1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12), dessa forma cada atleta pode somar no mínimo 10 pontos e no máximo 60 pontos nesse fator.

Tabela 4.1.2.2. Consistência interna da escala relativa ao fator 2 do TACSIS.

	Itens	Média	Desvio Padrão	Correlação Item-Total^a	Alpha de Cronbach Corrigido
1	As decisões que eu tomo durante o jogo são geralmente adequadas	3,9	1,2	0,88	0,96
2	Eu sei como me desmarcar adequadamente durante o jogo	3,9	1,6	0,81	0,96
3	A minha capacidade de interceptar a bola ao adversário é adequada	3,8	1,7	0,71	0,96
4	O meu posicionamento durante um jogo é geralmente adequado	4,2	1,4	0,89	0,96
6	A minha capacidade de antecipação (pensar no que vai acontecer no momento seguinte) é adequada	4,0	1,6	0,86	0,96
7	Geralmente tomo decisões corretas nos momentos certos	3,7	1,4	0,86	0,96
8	Na opinião do meu treinador, a minha capacidade de compreensão do jogo é adequada	4,0	1,3	0,89	0,96
9	A minha capacidade de desmarcação e de posicionamento no campo é adequada	4,0	1,6	0,87	0,96
10	Na opinião do meu treinador, o meu posicionamento em campo durante o jogo é adequado	4,1	1,4	0,91	0,96
12	A minha capacidade de interceção da bola é adequada	3,9	1,5	0,70	0,96
Alpha de Cronbach = 0,96					

^a Excluindo o próprio item.

A média das respostas das questões é de $4,0 \pm 0,1$ sendo possível observar que o valor da Correlação Item Total é de 0,83. Reportando-nos ainda a esta escala podemos verificar que o valor de Alpha de Cronbach obtido é de 0,96 o que revela uma consistência interna muito elevada e as correlações de cada item com o total da escala são positivas e estatisticamente significativas.

4.2 Estatística descritiva

As tabelas a seguir apresentam as questões referentes ao questionário TACSIS, sendo que a Tabela 4.2.1 é referente o fator 1, percepção do tempo e espaço, e a Tabela 4.2.2 é referente o fator 2, percepção do ajuste da tomada de decisão.

Tabela 4.2.1. Perceção dos atletas do tempo e espaço, fator 1 do TACSIS (n=30).

Itens	1		2		3		4		5		6		
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
5	Quando a minha equipa tem posse de bola a minha leitura do jogo é adequada	0	0	4	13,3	8	26,7	2	6,7	3	10,0	13	43,3
11	A minha capacidade de avaliação do jogo do adversário é adequada	0	0	4	13,3	5	16,7	6	20,0	9	30,0	6	20,0
13	Se a minha equipa perde a bola durante o jogo, eu percebo rapidamente qual deve ser o meu posicionamento defensivo	1	3,3	2	6,7	7	23,3	2	6,7	8	26,7	10	33,3
14	Eu reajo rapidamente às mudanças, tais como passar de não possuidor da bola (defensor) a possuidor da bola (atacante)	1	3,3	4	13,3	5	16,7	5	16,7	8	26,7	7	23,3
15	Eu percebo rapidamente como o adversário está a querer jogar	0	0	5	16,7	6	20,0	5	16,7	9	30,0	5	16,7
16	Eu sei exatamente quando devo passar ou não passar a bola a um colega de equipa	1	3,3	7	23,3	6	20,0	1	3,3	9	30,0	6	20,0
17	Quando a minha equipa entra em posse de bola, eu sei exatamente o que fazer	0	0	4	13,3	7	23,3	4	13,3	6	20,0	9	30,0
18	Quando estou a executar uma ação durante o jogo, eu já estou a ver o que devo fazer de seguida	0	0	7	23,3	6	20,0	2	6,7	7	23,3	8	26,7
19	Quando estou na posse da bola, sei ver a quem devo passar	1	3,3	4	13,3	8	26,7	2	6,7	7	23,3	8	26,7
20	Apesar de não estar a ver os meus adversários, eu tenho ideia para onde eles se vão dirigir	1	3,3	6	20,0	7	23,3	6	20,0	7	23,3	3	10,0
21	Sem estar a ver os meus colegas, eu calculo para onde eles se vão dirigir	2	6,7	6	20,0	6	20,0	2	6,7	11	36,7	3	10,0
22	Se um adversário recebe a bola, eu tenho ideia o que ele vai fazer	3	10,0	6	20,0	4	13,3	7	23,3	7	23,3	3	10,0

Tabela 4.2.2. Percepção dos atletas do ajuste da tomada de decisão, fator 2 do TACSIS (n=30).

Itens	1		2		3		4		5		6		
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
1	As decisões que eu tomo durante o jogo são geralmente adequadas	0	0	4	13,3	8	26,7	7	23,3	8	26,7	3	10,0
2	Eu sei como me desmarcar adequadamente durante o jogo	2	6,7	4	13,3	8	26,7	5	16,7	4	13,3	7	23,3
3	A minha capacidade de interceptar a bola ao adversário é adequada	2	6,7	7	23,3	6	20,0	2	6,7	7	23,3	6	20,0
4	O meu posicionamento durante um jogo é geralmente adequado	0	0	3	10,0	9	30,0	4	13,3	6	20,0	8	26,7
6	A minha capacidade de antecipação (pensar no que vai acontecer no momento seguinte) é adequada	1	3,3	5	16,7	9	30,0	2	6,7	5	16,7	8	26,7
7	Geralmente tomo decisões corretas nos momentos certos	1	3,3	5	16,7	10	33,3	3	10,0	7	23,3	4	13,3
8	Na opinião do meu treinador, a minha capacidade de compreensão do jogo é adequada	1	3,3	3	10,0	7	23,3	8	26,7	7	23,3	4	13,3
9	A minha capacidade de desmarcação e de posicionamento no campo é adequada	1	3,3	5	16,7	7	23,3	4	13,3	6	20,0	7	23,3
10	Na opinião do meu treinador, o meu posicionamento em campo durante o jogo é adequado	0	0	4	13,3	8	26,7	4	13,3	8	26,7	6	20,0
12	A minha capacidade de interceção da bola é adequada	1	3,3	6	20,0	4	13,3	8	26,7	5	16,7	6	20,0

A Tabela 4.2.1 demonstra que em relação ao fator 1 do TACSIS das 12 questões abordadas em 8 a maioria dos atletas pontuou a autopercepção das suas competências em 5 pontos, são eles: o item 11 (30%), item 13 (26,7%), item 14 (26,7%), item 15 (30%), item 16 (30%), item 20 (23,3%), item 21 (36,7%) e o item 22 (23,3%). Por fim, em quatro itens a maioria dos atletas responderam com a pontuação máxima, 6 pontos, são eles os itens 5 (43,3%), item 17 (30%), item 18 (26,7%), e item 19 (26,7%).

A Tabela 4.2.2 demonstra que em relação ao fator 2 do TACSIS das 10 questões abordadas em 7 a maioria dos atletas responderam 3 pontos, sendo elas o item 1 (26,7%), item 2 (26,7%), item 4 (30%), item 6 (30%), item 7 (33,3%), item 9 (23,3%) e o item 10 (26,7%), sendo que no item 1 (26,7%) dos atletas também responderam 5 pontos, e no item 9 (23,3%) dos atletas também responderam 6 pontos, e ainda no item 10 (26,7%) dos atletas responderam 5 pontos.

4.3 Estatística inferencial

A Tabela 4.3.1 apresenta a comparação das pontuações dos atletas amadores e atletas profissionais em relação ao TACSIS.

Tabela 4.3.1. Resultados do *teste Mann-Whitney U*, referentes às dimensões em estudo, em função do nível competitivo.

Fator	Amador (n = 15)		Mean Rank	Profissional (n = 15)		Mean Rank	z	P
	Média	DP		Média	DP			
Tempo e espaço	3,6	1,2	11,9	4,6	1,4	19,1	- 2,22	0,03 *
Tomada de decisão	3,5	1,1	12,1	4,4	1,3	18,9	- 2,10	0,04 *

(*) $p < 0,05$; (**) $p < 0,01$.

Os resultados revelam que no fator 1, referente ao tempo e espaço, se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, com vantagem para os atletas profissionais ($z=-2,22$; $p=0,03$). Também se verificam diferenças estatisticamente significativas, com a mesma tendência, em relação ao fator 2, referente a tomada de decisão ($z=-2,10$; $p=0,04$).

A Tabela 4.3.2 verifica a variação associada à posição em jogo no fator 1 e 2 do TACSIS, e a Tabela 4.3.3 correlaciona as diferentes variáveis apresentadas no estudo.

Tabela 4.3.2. Resultados do teste *Kruskal-Wallis ANOVA*, referentes às dimensões em estudo, em função da posição em jogo.

Fator	Defesas (n=12)		Mean Rank	Médios (n = 12)		Mean Rank	Avançados (n = 6)		Mean Rank	χ^2	p	Post Hoc Comparação Múltipla
	Média	DP		Média	DP		Média	DP				
Tempo e espaço	4,1	1,4	16,0	4,2	1,3	16,2	3,8	1,6	13,3	0,49	0,78	N.A.
Tomada de decisão	4,1	1,4	16,7	3,9	1,0	15,4	3,7	1,5	13,4	0,55	0,76	N.A.

D = Defesas; M = Médios; A = Avançados; N.A. = Não aplicável.

(*) $p < 0,05$; (**) $p < 0,01$.

Tabela 4.3.3. Correlação entre diferentes variáveis em estudo.

Variáveis	IC	NC	PJ	TS	VS	JS	III	IIF	RVS	CT	JAI	IE	AM	AC	Fator 1	Fator 2
IC	1															
NC	-0,07	1														
PJ	-0,12	0,00	1													
TS	-0,02	0,85**	0,03	1												
VS	0,07	0,88**	0,14	0,86**	1											
JS	0,13	0,40*	-0,10	0,48**	0,46*	1										
III	-0,14	-0,50*	0,15	-0,42*	-0,40*	-0,22	1									
IIF	0,19	-0,07	0,05	-0,01	-0,01	0,08	0,41*	1								
RVS	-0,35	0,13	0,17	0,05	0,17	-0,02	0,04	-0,25	1							
CT	-0,38*	0,42*	0,01	0,33	0,38*	0,02	-0,06	-0,09	0,35	1						
JAI	-0,38*	0,13	0,02	-0,11	0,09	-0,11	0,07	0,00	0,34	0,60**	1					
IE	0,07	0,32	0,13	0,22	0,31	0,13	-0,12	0,10	0,52**	0,34	0,13	1				
AM	-0,17	0,48**	0,13	0,38*	0,41*	0,25	-0,35	-0,15	0,49*	0,43*	0,16	0,79**	1			
AC	-0,07	0,61**	-0,06	0,52**	0,51*	-0,03	-0,37*	-0,32	0,09	0,38*	0,19	0,34	0,48**	1		
Fator 1	0,10	0,41*	-0,09	0,32	0,44*	0,36	-0,34	-0,27	0,09	0,16	0,19	0,32	0,46*	0,58**	1	
Fator 2	0,04	0,39*	-0,13	0,35	0,49**	0,29	-0,34	-0,29	0,15	0,23	0,23	0,21	0,35	0,55**	0,94**	1

IC = Idade cronológica; NC = Nível competitivo; PJ = Posição em jogo; TS = Treinos semanais; VS = Volume semanal; JS = Jogos semanais; III = Idade início informal; IIF = Idade início formal; RVS = Relação vida social; CT = Competências treinadores; JAI = Jogo ajustado à idade; IE = Infraestruturas equipas; AM = Apoio multidisciplinar; AC = Autoperceção competências.

(*) $p < 0,05$; (**) $p < 0,01$.

Os resultados da Tabela 4.3.2 referentes a posição de jogo na comparação entre os defensores, médios e avançados não demonstram diferenças significativas, não havendo diferença entre os grupos em relação ao fator 1 ($\chi^2 = 0,49$; $p < 0,78$) e não havendo diferença entre os grupos em relação ao fator 2 ($\chi^2 = 0,55$; $p < 0,76$).

Os resultados da Tabela 4.3.3 indicam que existe correlação positiva e estatisticamente significativa entre os atletas profissionais e o maior número de treinos específicos em futebol na semana ($r = 0,85$; $p < 0,01$), assim como é significativa também a relação com o volume de treino semanal ($r = 0,88$; $p < 0,01$) e significativa em relação ao número de jogos semanais ($r = 0,40$; $p < 0,05$). Dessa forma fica evidente que os atletas profissionais tendencialmente treinam e competem mais dias e mais horas na semana se comparados com os atletas amadores.

Ainda nesse sentido o nível competitivo demonstra correlação inversa e estatisticamente significativa com o início informal no futebol, ou seja, atletas profissionais iniciam mais novos a prática do futebol informalmente ($r = -0,50$; $p < 0,05$).

Em relação à associação do nível competitivo com a autopercepção dos atletas em relação as vivências no futebol de formação, demonstra correlação positiva e estatisticamente significativa entre o atleta ser profissional e pontuar melhor as competências dos seus treinadores no futebol de formação ($r = 0,42$; $p < 0,05$). É possível observar também a correlação positiva e estatisticamente significativa dos atletas profissionais em relação a autopercepção do apoio multidisciplinar durante o futebol de formação ($r = 0,48$; $p < 0,01$).

O nível competitivo dos atletas apresenta correlação positiva e estatisticamente significativa em relação a autopercepção dos atletas em relação as suas competências ($r = 0,61$; $p < 0,01$) e em relação aos dois fatores do TACSIS, fator 1 ($r = 0,41$; $p < 0,05$) e fator 2 ($r = 0,39$; $p < 0,05$), com os atletas profissionais pontuando mais alto se comparados com os atletas amadores.

Em relação à associação estabelecida com os treinos semanais, os resultados demonstram que existe correlação inversa e estatisticamente significativa em relação ao início informal no futebol ($r = -0,42$; $p < 0,05$) com o apoio multidisciplinar no futebol de formação ($r = 0,38$; $p < 0,05$) e relação estatisticamente significativa da autopercepção que o atleta tem das suas competências ($r = 0,52$; $p < 0,01$). Ou seja, atletas que treinam mais vezes na semana iniciam no futebol informalmente mais novos, demonstram ter a autopercepção de maior apoio multidisciplinar no futebol de formação e compreendem que são mais competentes atualmente no futebol.

O volume de treino semanal demonstra apresentar correlação positiva e estatisticamente significativa em relação ao número de jogos por semana ($r = 0,46$; $p < 0,05$), demonstra também estabelecer correlação inversa com o início informal no futebol ($r = -0,40$; $p < 0,05$), assim como em relação a autopercepção das competências do treinador no futebol de formação ($r = 0,38$; $p < 0,05$) e ao apoio multidisciplinar ($r = 0,41$; $p < 0,05$). Ou seja, os atletas que têm maior volume de treino semanal jogam mais vezes, iniciam mais novos a prática do futebol informalmente, tem a autopercepção que os seus treinadores no futebol de formação eram mais competentes, e ainda vivenciam a prática do futebol com maior apoio multidisciplinar nos escalões de formação.

Ainda nesse sentido o volume de treino semanal demonstra correlação significativa em relação a autopercepção que os atletas têm das suas competências ($r = 0,51$; $p < 0,01$), e significativa relação com a melhor pontuação no fator 1 ($r = 0,44$; $p < 0,05$) e em relação ao fator 2 ($r = 0,49$; $p < 0,01$) do TACSIS. Portanto os atletas que tem um maior volume de treino demonstram ter a autopercepção mais elevada em relação as suas competências relacionadas ao futebol atualmente.

O início informal no futebol apresenta correlação positiva e estatisticamente significativa com o início formal no futebol ($r = 0,41$; $p < 0,05$) e uma correlação inversa e estatisticamente significativa com a autopercepção das competências no jogo de futebol ($r = -0,37$; $p < 0,05$).

A relação estabelecida pelo atleta entre o prazer na vida social e no desporto demonstra correlação positiva e estatisticamente significativa com a infraestrutura vivenciada nas equipas que integrou ($r = 0,52$; $p < 0,01$) e associação positiva com o apoio de equipa multidisciplinar ($r = 0,49$; $p < 0,05$). Melhor dizendo, o prazer estabelecido entre vida social e desportiva demonstra estar intimamente relacionado com a infraestrutura das equipas no futebol de formação, assim como com o apoio multidisciplinar vivenciado.

Em relação as competências dos treinadores no futebol de formação os atletas associam de forma positiva e estatisticamente significativa o jogo ajustado a idade ($r = 0,60$; $p < 0,01$), de forma significativa o apoio multidisciplinar ($r = 0,43$; $p < 0,05$) e existe associação com a autopercepção das suas competências no jogo de futebol ($r = 0,38$; $p < 0,05$). Isto é, a competência do treinador está intimamente relacionada com o ajuste do desporto a idade no futebol de formação, ao apoio multidisciplinar, e a autopercepção das competências atuais, demonstrando dessa forma que o treinador é peça fundamental na vivência inicial e no desempenho futuro do atleta.

O apoio multidisciplinar no futebol de formação demonstra correlação positiva e estatisticamente significativa com a autoperceção das competências do atleta de futebol ($r = 0,48$; $p < 0,01$), e ainda, apresenta correlação positiva e estatisticamente significativa com o fator 1 ($r = 0,46$; $p < 0,05$) do TACSIS. Quer dizer, o apoio multidisciplinar no futebol de formação demonstra colaborar positivamente para a autoperceção das competências futuras do atleta de futebol.

A autoperceção das competências demonstra correlação positiva e estatisticamente significativa com o fator 1 ($r = 0,58$; $p < 0,01$) e com o fator 2 ($r = 0,55$; $p < 0,01$) do TACSIS, e ainda, o fator 1 apresenta associação positiva e estatisticamente significativa com o fator 2 ($r = 0,94$; $p < 0,01$) do TACSIS, evidenciando que os atletas que pontuam melhor a autoperceção das suas competências também se saem melhor em relação a pontuação do TACSIS.

5 Discussão

A discussão tem o anseio de auxiliar na compreensão e contextualização dos resultados, embasada na autopercepção que os atletas têm das suas vivências no futebol de formação e na autopercepção das suas competências em relação às habilidades táticas no futebol atualmente, relacionando os resultados encontrados no presente estudo com a literatura.

5.1 Histórico no futebol - Anamnese

Hipótese 1.

No que diz respeito à primeira hipótese, formulada e embasada nos estudos apresentados na seção 2.1, com o objetivo de enfatizar a importância da adaptação do jogo ao escalão e competências dos atletas, a FPF (2019) propõem um modelo de quadro competitivo com o objetivo de adequar o formato da competição ao escalão, adaptando o formato do jogo e as regras as respectivas competências dos atletas.

No mesmo sentido a AFL (2019) estabelece as dimensões do campo e da baliza, adaptando ao formato da competição, e a AFP (2019) especifica os escalões e padroniza o formato da competição, o tamanho do campo e da baliza.

Dessa forma através dos resultados apresentados na Tabela 4.3.3 do presente estudo é possível verificar que apesar de receber respaldo da literatura a hipótese 1 não recebe apoio dos dados do presente estudo, ou seja, os atletas com as melhores pontuações em relação a adaptação do jogo ao seu escalão e as suas competências no futebol de formação (tamanho do campo, baliza, bola e número de atletas) não são os atletas que atingiram o nível profissional.

Hipótese 2.

A segunda hipótese é formulada com o objetivo de confirmar a influência da infraestrutura dos clubes no futebol de formação e o alcance do atleta no nível profissional no escalão Sênior. Na sua base está o documento técnico *Elite Player Performance Plan* (2011), que apresenta uma proposta orientadora com o objetivo de desenvolver o jovem atleta inglês. É disponibilizada uma proposta de desenvolvimento integral dos atletas e são identificadas as condições, recursos e processos necessários para a capacitação dos mesmos, seja a nível de

estrutura física ou capacitação pessoal, impactando diretamente na qualidade da formação do atleta.

À vista disso, através da hipótese de que os atletas que pontuam mais alto as vivências no futebol de formação em equipas com infraestrutura de qualidade são os atletas de futebol profissionais, é possível observar através dos resultados apresentados na Tabela 4.3.3 do presente estudo que a hipótese 2 não recebe apoio dos dados, não sendo confirmada.

Hipótese 3.

Apresentado na seção 2.4, com o objetivo de confirmar a influência positiva do trabalho multidisciplinar no futebol de formação e o alcance do nível profissional no futebol Sénior o estudo de Balyi e Hamilton (2004) através do METJ (2004) enfatiza a importância do desenvolvimento físico, técnico, tático e psicológico do atleta, em todos os escalões, progressivamente.

No mesmo sentido Raya-Castellano e Uriondo (2015) enfatizam a importância da abordagem multidisciplinar no desenvolvimento de atletas no futebol, sendo necessário cada vez mais que profissionais de diferentes áreas de conhecimento científico trabalhem juntos em busca do desenvolvimento de atletas de elite, sendo que esses necessitam adquirir e potencializar habilidades em diversas áreas.

Isto posto, os resultados do presente estudo confirmam a hipótese 3, quer dizer, é possível observar através da Tabela 4.3.3 que existe correlação positiva entre o nível competitivo dos atletas e o apoio multidisciplinar. Isto significa que atletas profissionais tem a autoperceção de terem vivenciado no futebol de formação maior apoio multidisciplinar se comparado com atletas amadores.

Hipótese 4.

Pautado na seção 2.2 e na hipótese quatro do presente estudo, com o objetivo de relacionar a autoperceção das competências dos treinadores no futebol de formação e o alcance do nível profissional, o IDP (2010) elaborou um Programa Nacional de Formação de Treinadores, onde são pontuadas as competências necessárias, respeitando os quatro graus de desenvolvimento progressivo. Nesse mesmo sentido o estudo de Rosado (2000) enfatiza que

cada vez mais é desejado que o treinador possua diferentes e diversas competências, seja em relação ao campo de jogo como fora dele.

O estudo de Furtado et al. (2019) enfatiza que o treinador cada vez mais é alguém que deve possuir diferentes competências, em diferentes níveis, quer dizer, em comum os estudos abordam a importância do treinador no processo de aprendizado e potencialização do atleta de futebol, indo muito além da organização do treino e da competição, demandando cada vez mais diversas competências como líder do processo, na perspectiva teórica e prática, sendo ator principal no desenvolvimento do atleta e interferindo diretamente no sucesso futuro do mesmo.

Nessa perspectiva os resultados do presente estudo expostos na Tabela 4.3.3 demonstram que a hipótese 4 é confirmada, pois os atletas profissionais têm a autopercepção das competências dos seus treinadores durante o futebol de formação mais elevadas se comparados com os atletas amadores.

Hipótese 5.

A quinta hipótese tem o objetivo de ressaltar a importância de compreender o atleta como um todo, o reconhecendo como ser social, que vai muito além do campo e da competição, nesse sentido Rosado (2000) enfatiza que o atleta é antes mesmo de ser atleta um ser social, que vai muito além do ser atleta, dos resultados desportivos, visto que o principal objetivo do clube e do treinador deve ser em primeiro lugar o desenvolvimento do ser humano.

Nesse mesmo sentido Gleeson e Kelly (2020) compreendem que as múltiplas interações que resultam na tomada de decisão tornam a compressão do processo mais humanizado e mais plausível, ambos os estudos demonstram que os atletas necessitam ser compreendidos de forma integral, como seres sociais, sendo essencial estabelecer uma relação de prazer para além dos treinamentos e competição, mas também fora do contexto desportivo.

Dessa forma através da seção 2.3 e da hipótese cinco do presente estudo é enfatizado a importância de o atleta estabelecer uma relação de prazer entre o ser social e o ser atleta, entre vida social e vida desportiva. Porém, os resultados do presente estudo não suporta a hipótese, como é possível observar através do exposto na Tabela 4.3.3.

Hipótese 6 e Hipótese 7.

Outro fator mensurado no presente estudo é a relação entre o início antecipado no futebol informalmente e formalmente e a relação com o sucesso futuro, entende-se como sucesso o alcance do futebol Sénior no nível profissional.

Embasado nas seções 2.4 e 2.5 do presente estudo, com o objetivo de responder as hipóteses seis e sete, apesar do estudo de O'Connor et al. (2016) não estabelecer diferenças significativas entre os atletas selecionados como talentosos e os atletas não selecionados em relação ao início informal e formal no futebol.

O estudo de Rother e Mejia (2015) enfatiza a importância de o futuro atleta de futebol iniciar o quanto antes a prática na modalidade independente do contexto ser informal ou formal. No mesmo sentido o estudo de Bennett et al. (2018) estabelece relação entre o número de anos de prática de futebol e o melhor desempenho futuro dos atletas.

Roca et al. (2012) relacionam o maior número médio de horas de prática específica de futebol durante a infância com o alcance do alto desempenho, e ainda apontam que o grupo de alto desempenho participou, significativamente, em mais horas dedicadas a atividades específicas em futebol na infância se comparado com atletas amadores e recreativos.

Dessa forma através dos resultados apresentados na Tabela 4.3.3 do presente estudo é possível observar que o nível competitivo demonstra correlação inversa e estatisticamente significativa com o início informal no futebol, ou seja, atletas profissionais iniciam mais novos a prática do futebol informalmente, confirmando a hipótese 6.

Apesar do início formal no futebol também apresentar correlação positiva e estatisticamente significativa com o início informal no futebol, a hipótese 7 não se confirma, pois não é encontrada associação esperada entre início formal e o alcance do nível profissional no escalão Sénior.

Hipótese 8.

A hipótese 8 decorre da necessidade de análise entre as variáveis derivadas da Anamnese e o TACSIS, embasado nos estudos apresentados na Tabela 2.6.1 que demonstram diferentes formas de se trabalhar a tomada de decisão no atleta de futebol, e pautado nas seções 2.6 a 2.9 que abordam diferentes aspectos envolvidos na tomada de decisão no futebol, e ainda na seção 2.10 que discorre sobre a importância da autopercepção do atleta sobre a tomada de decisão.

Batista, Matos e Graça (2011) enfatizam que o desempenho profissional está intimamente relacionado com a percepção que o atleta tem das suas competências. Pereira (2018) diz ser fundamental que o atleta consiga se autoavaliar de forma realista, pois se tiver uma autoavaliação deturbada da realidade a tendência é que se comporte de forma equivocada.

No estudo de Perez et al. (2014) atletas internacionais demonstram ter a autopercepção das suas competências acerca da tomada de decisão no futebol mais elevadas se comparados com atletas de nível distrital e nacional. Nesse mesmo sentido os resultados encontrados na Tabela 4.3.3 do presente estudo confirmam a hipótese 8, isto significa que atletas profissionais demonstram ter autopercepção das suas competências mais elevadas se comparados com atletas amadores.

5.2 Inventário de habilidades táticas no desporto – TACSIS

Hipótese 9 e Hipótese 10.

Através da análise da Tabela 4.3.1 que apresenta a comparação das pontuações dos atletas amadores e atletas profissionais em relação ao TACSIS, separados em fator 1, percepção do tempo e espaço, e fator 2, percepção do ajuste da tomada de decisão, e através dos resultados apresentados na Tabela 4.3.3 que realiza a correlação entre diferentes variáveis em estudo, é possível observar que a hipóteses 9 e a hipótese 10 são confirmadas.

O estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) realizado com atletas de ambos os sexos, com idade média de $15,8 \pm 1,6$ anos, que praticam hóquei de campo e futebol, divididos em grupo elite e não elite, dedicou-se à aplicação do TACSIS dividido em quatro fatores, dois de conhecimento declarativo (conhecimento sobre ações com bola, e conhecimento sobre ações de colega e adversários) e dois de conhecimento processual (posicionamento e tomada de decisão, e agir em situação de mudança). Quando mensurado os resultados encontrados no estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) e comparados com os resultados do presente estudo, em ambos fatores os atletas de elite ou profissionais apresentam pontuação média significativamente mais alta se comparados com os atletas não elite ou amadores. Isto é, apesar dos estudos se diferenciarem a nível desportivo, escalão, sexo e organização dos fatores, os resultados do presente estudo e do estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) estão alinhados.

Ainda nesse sentido Pereira (2018) aplica o TACSIS na versão em português e assim como no presente estudo divide em dois fatores, sendo fator 1, percepção do tempo e espaço, e fator 2, ajuste da tomada de decisão. A amostra considerou atletas de basquetebol do sexo feminino, com idade média de $15,87 \pm 4,36$ anos, integrantes de dois níveis competitivos, um grupo com atletas da Seleção distrital e outro grupo com atletas da segunda divisão distrital.

Os resultados do presente estudo, estão alinhados com os resultados do estudo de Elferink-Gemser et al. (2004) e os resultados de Pereira (2018) em relação ao fator 1, no qual os atletas de melhor nível competitivo se autoavaliam como melhores na percepção do tempo e espaço do que os atletas de não-elite. No que diz respeito ao fator 2, ajuste na tomada de decisão, os resultados do presente estudo são concordantes com os resultados de Elferink-Gemser et al. (2004), beneficiando os atletas profissionais.

Hipótese 11.

Através dos resultados apresentados na Tabela 4.3.2, que estabelece comparação entre as diferentes posições que os atletas atuam em campo, podendo ser defesa, médio ou avançado, e relacionam com a pontuação no TACSIS, dividido em fator 1 e fator 2, e através dos resultados apresentados na Tabela 4.3.3 que correlaciona as diferentes variáveis apresentadas no estudo, a hipótese 11 é confirmada.

Melhor dizendo, atletas que atuam como defesa, médio e avançado não demonstram diferenças significativas nas pontuações relacionadas a autopercepção das suas competências no fator 1 e no fator 2 do TACSIS.

Colaborando com os resultados encontrados no presente estudo Schumacher, Schmidt, Wellmann e Braumann (2018) através de análise de tarefas de antecipação, comparando guarda redes, defensores, médios e avançados concluem que os atletas não apresentam diferenças significativas conforme a posição que atuam.

O estudo de Breed, Mills e Spittle (2018) que examina a habilidade perceptivo cognitiva de atletas de elite do escalão Sênior, comparando os atletas que atuam como médio com os demais, não encontram nenhuma diferença significativa entre os atletas.

No mesmo sentido o estudo de Ruschel et al. (2011) compara atletas de futebol de diferentes níveis competitivos (amador e profissional) e posições (guarda redes, defesa central, defesa lateral, médios defensivos, médios ofensivos e avançados) e concluem que os resultados

demonstraram que o tempo de reação dos atletas foi semelhante quando comparados por posições.

5.3 Relação entre as variáveis resultante da Anamnese e TACSIS

Hipótese 13, Hipótese 16 e Hipótese 18.

Através dos resultados apresentados na Tabela 4.3.3 é possível observar correlação entre diferentes variáveis resultantes dos dois instrumentos em estudo, confirmando as hipóteses 13, 16 e 18. Em relação a hipótese 13 os resultados do presente estudo demonstram que atletas profissionais pontuam mais alto as competências dos seus treinadores nos escalões de formação e têm melhor performance no fator 1 e 2 no TACSIS. E ainda, em relação a hipótese 16 atletas profissionais pontuam mais alto o acesso ao trabalho multidisciplinar no futebol de formação e pontuam melhor no fator 1 e 2 no TACSIS. Estas percepções confirmam hipóteses que, não tendo sido levantadas em literatura prévia, derivam da experiência profissional do investigador.

Em relação a hipótese 18 os atletas profissionais pontuam mais alto as suas competências (técnicas, táticas, físicas e mental) relacionadas ao futebol e se saem melhor no fator 1 e 2 no TACSIS, corroborando o estudo de Batista et al. (2011) que dizem que o desempenho profissional está intimamente relacionado com a percepção que os atletas tem das suas competências. A mesma tendência de suporte dos resultados é encontrada no estudo de Perez et al. (2014) onde atletas de nível internacional se saem melhor se comparados com atletas nacionais e distritais em relação a autopercepção das suas competências em relação a tomada de decisão.

Hipótese 12, Hipótese 14, Hipótese 15 e Hipótese 17.

Encerrando este segmento, com a última fase de hipóteses que derivam da experiência profissional do investigador, percebe-se, mediante análise da Tabela 4.3.3, que as hipóteses 12, 14, 15 e 17 do presente estudo não são suportadas pelos dados. Em relação a hipótese 12 não é estabelecida relação entre a pontuação mais alta dos atletas profissionais em relação a adaptação

do futebol de formação as suas competências e melhor pontuação no fator 1 e 2 do TACSIS. Assim como não é encontrado suporte para a hipótese 14, ou seja, os dados não comprovam relação positiva entre prazer entre vida social e desporto e melhor pontuação no fator 1 e 2 do TACSIS se comparado atletas profissionais e amadores. A hipótese 15, também não recebe suporte dos dados, isto é, não existe correlação positiva entre o atleta ser profissional e pontuar mais alto o acesso a infraestrutura de qualidade no futebol de formação e ainda pontuar mais alto no fator 1 e 2 do TACSIS se comparados com os atletas amadores. Por fim, a hipótese 17 também não é suportada pelos resultados, pois não é estabelecida relação entre o atleta ser profissional e iniciar mais novos informalmente e formalmente no futebol e ainda pontuar mais alto o fator 1 e 2 do TACSIS.

6 Conclusões

6.1 Limitações do estudo

Assim como as demais investigações científicas o presente estudo apresenta algumas limitações, reconhecendo que o conhecimento científico e profissional é constantemente atualizado, se tornando uma busca incessante e infindável.

O trabalho que agora termina, foi desenvolvido na expectativa de prover um contributo para aumentar a compreensão e enriquecer a reflexão em torno das habilidades táticas no futebol. De fato, não se tendo apresentado, desde o início, como uma tarefa simples, esta investigação permitiu tomar consciência de algumas limitações que lhe são imputáveis e que exigem alguma reserva na consideração dos resultados obtidos. Em primeiro lugar, a natureza quantitativa do estudo limitou o número de variáveis a considerar, para além de não ter dado lugar a uma exploração mais aprofundada de algumas questões, o que seria possível com uma aproximação qualitativa.

A opção pela mensuração da autoperceção através da aplicação on-line da Anamnese e do inventário TACSIS se deu, pois, o pesquisador não estava inserido no processo de treino, conseqüentemente a melhor maneira encontrada para mensurar e analisar a tomada de decisão dos atletas foi através da sua autoperceção.

Sendo o presente estudo de natureza não experimental, torna difícil a efetivação de conclusões baseadas em relações de causalidade entre as variáveis consideradas. No que se refere à amostra utilizada, bem como à generalização dos resultados, face ao caráter não probabilístico do processo de amostragem e baixo número amostral, é necessária alguma prudência na generalização das conclusões. Uma outra limitação prende-se com o estudo ter se baseado apenas nas autoperceções de dois grupos específicos de futebolistas, ambos pertencentes ao escalão Sénior. As perceções de futebolistas de diferentes percursos e contextos competitivos, grupos etários, e do sexo feminino, poderiam auxiliar na melhor compreensão do objeto de estudo.

Finalmente, será legítimo afirmar que a superação das limitações identificadas, paralelo a um aperfeiçoamento das escalas em estudo, enquadram um conjunto de questões que se julga merecedoras de investimento em futuras pesquisas. Mais especificamente, valerá a pena, em nossa opinião, recorrer a técnicas de amostragem probabilísticas, considerando os mesmos

objetivos da presente investigação. Seria igualmente pertinente recorrer à utilização de uma metodologia qualitativa que responda às mesmas questões deste estudo.

6.2 Conclusões

O presente estudo foi desenvolvido com o objetivo de analisar a auto percepção de futebolistas seniores sobre a qualidade do seu percurso formativo no futebol e o nível atual das suas competências táticas.

O conjunto de variáveis pesquisadas no presente estudo integra, numa primeira fase as informações resultantes da Anamnese, e conclui-se que existe uma auto percepção positiva das múltiplas vivências nos escalões de formação por parte dos atletas que atingiram o nível profissional.

Em relação ao segundo conjunto de variáveis, com o intuito de analisar a auto percepção do atleta de futebol em relação as suas capacidades atuais relacionadas às habilidades táticas, através do inventário TACSIS. Conclui-se que os atletas profissionais têm a auto percepção das suas competências táticas associadas ao jogo de futebol mais elevadas se comparado com os atletas amadores, suportando a noção de que a auto percepção positiva das suas competências potencializa a confiança e a assertividade na tomada de decisão.

Isto posto, em relação as implicações práticas, é notório que a formação qualificada, que engloba diferentes perspectivas e desenvolve o maior número de competências no atleta deve ser o grande objetivo dos profissionais envolvidos no desporto, sendo essencial também a mensuração e o treino da auto percepção do atleta em relação as suas competências relacionadas às demandas táticas no jogo de futebol.

Finalmente, no presente estudo não foram alcançadas todas as respostas necessárias, mas certamente foi produzido um material enriquecedor para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Referências

- Adilogullari, I., Gorgulu, R., & Senel, E. (2019). Duygusal olarak zeki futbol antrenörü daha etkili iletişim becerileri gösterir mi?. *Uluslararası Spor Egzersiz ve Antrenman Bilimi Dergisi*, 5(1), 46–57. DOI: 10.18826/useabd.534341.
- Afonso, J., Garganta, J., & Mesquita, I. (2012). Decision making in sports: The role of attention, anticipation and memory. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 14(5), 592-601. DOI: 10.5007 / 1980-0037.2012v14n5p592.
- Ahmad, A. R., & Murad, H. R. (2020). The impact of social media on panic during the COVID-19 pandemic in iraqi kurdistan: Online questionnaire study. *Journal of Medical Internet Research*, 22(5), 1-11. DOI: 10.2196 / 19556.
- Albuquerque, M. R., Gonzaga, A. S., Greco, P. J., & Teoldo, I. (2019). Association between inhibitory control and tactical performance of under-15 soccer playes. *Revista de Psicologia Del Deporte*, 28(1), 63-70.
- Almeida, D. B. D., Teles, L. S., Teixeira, C. D. F., Ravazzi, T. P. Q., & Pereira, L. C. (2019). Comparação das medidas extraorais com as medidas intraorais na confecção da prótese total. *Revista da Faculdade de Odontologia da Universidade de Passo Fundo*, 24(1), 114-119. DOI: 10.5335/rfo.v24i1.7086.
- American Psychological Association. (2015). *Manual de Publicação da APA*. Brasil: Artmed.
- Américo, H. B., Cardoso, F. D. S. L., Machado, G. F., Andrade, M. O. C. D., Resende, E. R., & Teoldo, I. (2016). Analysis of the tactical behavior of youth academy soccer players. *Journal of Physical Education*, 27(1), 1-9. DOI: 10.4025/jphyseduc.v27i1.2710.
- Araújo, D. (2006). *Tomada de decisão no desporto*. Lisboa. Portugal: Faculdade de Motricidade Humana.
- Araújo, D., & Carvalho, J. (2007). A tomada de decisão também se treina: Uma aplicação no ténis. In Pizarat, P., & Coutinho, C. *Investigação e ténis*. Cruz Quebrada, Portugal: FMH Edições.
- Araújo, D., Passos, P., & Esteves, P. (2011). Teoria do treino da tomada de decisão no desporto. In Alves, J., & Brito, P.A. *Psicologia do Desporto: Manual do Treinador*. Lisboa, Portugal: Omniserviços.
- Associação de Futebol de Lisboa. (2019). Regulamento de provas oficiais – futebol de nove e de sete, futebol lúdico. Lisboa, 01-24. Consultado a 16 de janeiro de 2020. Disponível em: https://afl.pt/_docs/documentacao/regulamentos/2020/RPO_Futebol_9_e_Futebol_7_1920.
- Associação de Futebol do Porto. (2019). *Comunicado oficial. circular nº 137*. Porto, 01-11. Consultado a 16 de janeiro de 2020. Disponível em: [https://www.afporto.pt/AFP/PDFS-2019-2020/CIRCULAR%20N%C2%BA.137%20\(19-20\)%20Regulamentos%20Especiais%20C.D.%20Futsal%20%20C3%89poca%202019-2020%20-%20Encontros%20de%20Traquinas%20e%20Petizes](https://www.afporto.pt/AFP/PDFS-2019-2020/CIRCULAR%20N%C2%BA.137%20(19-20)%20Regulamentos%20Especiais%20C.D.%20Futsal%20%20C3%89poca%202019-2020%20-%20Encontros%20de%20Traquinas%20e%20Petizes).
- Associação de Futebol do Porto. (2019). *Comunicado oficial. circular nº 113*. Porto, 01-32. Consultado a 16 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.afporto.pt/AFP/PDFS->

2020-

2021/CIRCULAR%20N%C2%BA.113%20(20.21)%20Republica%C3%A7%C3%A3o%20Calend%C3%A1rio%20Jogos%20C.D.%20Futebol%20Esperan%C3%A7as%20Sub-23.

- Badin, O. O., Smith, M. R., Conte, D., & Coutts, A. J. (2016). Mental fatigue: Impairment of technical performance in small-sided soccer games. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 11(8), 1100-1105. DOI: 10.1123 / ijspp.2015-0710.
- Baker, J., Schorer, J., & Wattie, N. (2018). Compromising talent: Issues in identifying and selecting talent in sport. *Quest*, 70(1), 48–63. DOI: 10.1080/00336297.2017.1333438.
- Balyi, I., & Hamilton, A. (2004). Long-term athlete development: Trainability in childhood and adolescence windows of opportunity, optimal trainability. *National Coaching Institute British Columbia & Advanced Training and Performance*.
- Bangsbo, J., Mohr, M., & Krstrup, P. (2006). Physical and metabolic demands of training and match-play in the elite football player. *Journal of Sports Sciences*, 24(07), 665-674. DOI: 10.1080 / 02640410500482529.
- Batista, P., Matos, Z., & Graça, A. (2011). Auto-percepção das competências profissionais em profissionais do desporto: Efeito da área de intervenção e da experiência profissional. *Revista de Ciencias del Deporte*, 7(2), 117-131.
- Bennett, K. J. M., Novak, A. R., Pluss, M. A., Stevens, C. J., Coutts, A. J., & Fransen, J. (2018). The use of small-sided games to assess skill proficiency in youth soccer players: a talent identification tool. *Science and Medicine in Football*, 2(3), 231–236. DOI: 10.1080 / 24733938.2017.1413246.
- Bennett, K. J. M., Novak, A. R., Pluss, M. A., Coutts, A. J., & Fransen, J. (2018). Assessing the validity of a video-based decision-making assessment for talent identification in youth soccer. *Science and Medicine in Sport*, 1-6. DOI: 10.1016 / j.jsams.2018.12.011.
- Biemen, T. V., Koedijker, J., Renden, P. G., & Mann, D. L. (2018). The effect of blurred perceptual training on the decision making of skilled football referees. *Frontiers in Psychology*, 9. DOI: 10.3389 / fpsyg.2018.01803.
- Bohme, M. T. S. (2000). O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, 21(2/3), 4-10.
- Bohme, M. T. S. (2007). O tema talento esportivo na ciência do esporte sport talent in the sport science. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 15(1), 119-126.
- Borbón, O. M. R., Ulate, F. V., Sánchez, I. R., Cabrera, J. S., & Vargas, J. C. G. (2018). La formación y adquisición de conocimiento para entrenar y dirigir de los entrenadores del fútbol élite de Costa Rica. *Revista em Ciencias del Movimento Humano y Salud*, 15(2), 1-14. DOI: 10.15359/mhs.15-2.1.
- Breed, R., Mills, O., & Spittle, M. (2018). Can video-based perceptual-cognitive tests differentiate Between skill level, player position, and experience in elite Australian football?. *Journal of Expertise*, 1(1), 79-93.

- Bryman, A., & Cramer, D. (2011). *Quantitative data analysis with IBM SPSS 17, 18 & 19: A guide for social scientists*. Londres: Routledge.
- Buszard, T., Farrow, D., & Kemp, J. (2013). Examining the influence of acute instructional approaches on the decision-making performance of experienced team field sport players. *Journal of Sports Sciences*, 31(3), 238–247. DOI: 10.1080 / 02640414.2012.731516.
- Canadian Soccer Association. (2005). *Long-Term Player Development*, 1-12. Consultado a 20 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.bcsoccer.net/files/Coach/ResourcesManuals/LTPD_Brochure_EN.pdf.
- Cardoso, A. P., & Pimenta, F. (2020). Propriedades psicométricas: Three factor eating questionnaire (TFEQ-r21) numa amostra diabéticos tipo 1. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 21(1), 205-212. DOI: 10.15309 / 20psd210130.
- Cardoso, F. S. L., Vállora, S. G., Guilherme, J., & Teoldo, I. (2019). Young soccer players with higher tactical knowledge display lower cognitive effort. *Perceptual and Motor Skills*, 0(0), 1-16. DOI: 10.1177 / 0031512519826437.
- Castelo, J. (2009). *Futebol: Organização dinâmica do jogo*. Lisboa, Portugal: Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Castelo, J., & Matos, L. F. (2013). *Futebol: Conceção e organização de 1100 exercícios específicos de treino*. Lisboa, Portugal: Visão e contexto.
- Clavijo, F. A. R., Denardi, R. A., Travassos, B., & Corrêa, U. C. (2016). Constrangimentos espaço-temporais sobre a tomada de decisão do tipo de remate na grande área do futebol. *Motricidade*, 12(2), 80-87. DOI: 10.6063/motricidade.7345.
- Comitê Olímpico de Portugal. (2019). *Carta do atleta: A informação relevante para a tua carreira*, 1-100. Consultado a 25 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://comiteolimpicoportugal.pt/wp-content/uploads/2019/03/Carta-do-Atleta_versa%CC%83o-online.pdf.
- Costa, J. C., Garganta, J., Fonseca, A., & Botelho, M. (2002). Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2(4), 7–20.
- Costa, I. F., Tomaz, M. P. B., Araújo, M. G., Medeiros, N. S. B., & Galdino, M. K. C. (2019). Relações entre eventos estressores precoces, personalidade e sintomas psiquiátricos: Um estudo exploratório em amostra não clínica. *Psico*, 50(1), 1-9. DOI: 10.15448/1980-8623.2019.1.29581.
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometric*, 16(3), 297-334.
- Cummins, C., Orr, R., O'Connor, H., & West, C. (2013). Global positioning systems (GPS) and microtechnology sensors in team sports: A systematic review. *Sports Medicine*, 43, 1025–1042. DOI: 10.1007 / s40279-013-0069-2.

- Cunha, P. (2016). *Teoria e metodologia do treino: Modalidades coletivas*. Instituto Português do Desporto e Juventude – Programa Nacional de Formação de Treinadores, 01-69. Consultado a 10 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://ipdj.gov.pt/documents/20123/123319/GrauI_07b_MetodologiaCol.pdf/848b7841-202f-1c8e-2b7f-7efd6e3e5b85?t=1574941453357.
- Davis, K. A. S., Coleman, J. R. I., Adams, M., Allen, N., Breen, G., Cullen, B., ... Hotopf, M. (2020). Mental health in UK Biobank – development, implementation and results from an online questionnaire completed by 157.366 participants: A reanalysis. *BJPsych Open*, 6(18), 1-8. DOI: 10.1192 / bjo.2018.12.
- Duarte, G. M. A. (2019). Tomada de decisão no futebol sete: Uma análise sobre o último passe e a finalização. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 11(42), 52-60.
- Elferink-Gemser, M. T. E., Visscher, C., Richart, H., & Lemmink, K. A. P. M. (2004). Development of the tactical skills inventory for sports. *Perceptual and Motor Skills*, 99, 883-895. DOI: 10.2466 / PMS.99.7.883-895.
- Elite Player Performance Plan. (2011). *Premier League*. Inglaterra, 01-117. Consultado a 10 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.goalreports.com/EPLPlan.pdf>.
- Elsworthy, N., Burke, D., Scott, B., R. Stevens, A. C. J., & Dascombe, B. J. (2014). Physical and decision-making demands of Australian football umpires during competitive matches. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 28(12), 3502–3507. DOI: 10.1519 / JSC.0000000000000567.
- Faleiros, F., Käppler, C., Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C., Goes, F. S. N., & Cucick, C. D. (2016). Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. *Texto & Contexto Enfermagem*, 25(4), 1-6. DOI: 10.1590/0104-07072016003880014.
- Farahani, J. J., Javadi, A. H., O'Neill, B. V., & Walsh, V. (2017). Effectiveness of above real-time training on decision-making in elite football: A dose-response investigation. *Institute of Cognitive Neuroscience*, 234, 101-116. DOI: 10.1016 / bs.pbr.2017.08.007.
- Federação Portuguesa de Futebol. (2019). *Boletim estatístico: primeiro trimestre de 2019*. Consultado a 16 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://indd.adobe.com/view/294417b7-9d0a-4b2b-82a6-5b31d774d381>.
- Federação Portuguesa de Futebol. (2019). *Comunicado Oficial n.º.1 – Época desportiva 2019/2020*. Lisboa, 01-30. Consultado a 16 de janeiro de 2020. Disponível em: http://afleiria.fpf.pt/Portals/2/Documentos/Centro%20Documentacao/2019/07/CO_1-COMUNICADO_OFICIAL_N1_2019-2020_1.pdf?ver=2019-07-24-174405-967.
- Federação Portuguesa de Pentatlo Moderno (2019). *Regulamento do alto rendimento e das seleções nacionais*, 1-17. Consultado a 16 de janeiro de 2020. Disponível em: http://www.fppm.pt/Regulamento%20ARSN_2019.pdf.

- Fenner, J. S. J., Iga, J., & Unnithan, V. (2016). The evaluation of small-sided games as a talento identification tool in highly trained prepubertal soccer players. *Journal of Sports Sciences*, 34(20), 1983–1990. DOI: 10.1080/02640414.2016.1149602.
- Filgueira, F. M., Greco, P. J. (2008). Futebol: Um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. *Revista Brasileira de Futebol*, 01(2), 53-65.
- Fink, A., Bay, J. U., Koschutnig, K., Prettenthaler, K., Rominger, C., Benedek, M., ... Memmert, D. (2018). Brain and soccer: Functional patterns of brain activity during the generation of creative moves in real soccer decision-making situations. *Human Brain Mapping*, 40, 755–764. DOI: 10.1002 / hbm.24408.
- Ford, P., Croix, M., Lloyd, R., Meyers, R., Moosavi, M., Oliver, J., ... Williams, C. (2011). The long-term athlete development model: Physiological evidence and application. *Journal of Sports Sciences*, 29(4), 389–402. DOI: 10.1080 / 02640414.2010.536849.
- Forsman, H., Grastén, A., Blomqvist, M., Davids, K., Liukkonen, J., & Kontinen, N. (2015), dezembro). Development of perceived competence, tactical skills, motivation, technical skills, and speed and agility in young soccer players. *Journal of Sports Sciences*, 1-8. DOI: 10.1080 / 02640414.2015.1127401.
- Fortes, L. S., Lima, R. C. R., Almeida, S. S., Fonseca, R. M. C., Paes, P. P., & Ferreira, M. E. C. (2018). Effect of competitive anxiety on passing decision-making in under-17 Soccer Players. *Psychological Evaluation*, 28, 1-7. DOI: 10.1590/1982-4327e2820.
- Furley, P., & Memmert, D. (2015). Creativity and working memory capacity in sports: working memory capacity is not a limiting factor in creative decision making amongst skilled performers. *Institute of Cognitive and Team Racket Sport University*, 6(115), 1-7. DOI: 10.3389 / fpsyg.2015.00115.
- Furtado, H. L., Kraus, D. S., & Jaques, G. (2019). Formação de treinadores de futebol no Brasil: Desafios para os programas de qualificação profissional do futebol brasileiro oferecidos pela CBF. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 11(41), 160-169.
- Garcia, R. P. (2017). Desporto de alto rendimento ou a busca dos limites humanos. *Revista Portuguesa de Ciência do Desporto*, 17(2), 92-107.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos: Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(1), 57–64.
- Garganta, J. (2009). Identificação, selecção e promoção de talento nos jogos desportivos: Factos, mitos e equívocos. In Fernandez, J, Torres, G, & Montero. *Actas do II Congresso Internacional de Deportes de Equipo* [CD-ROM]. Universidad de A Coruña: Editorial y Centro de Formación de Alto Rendimiento.
- Gleeson, E., & Kelly, S. (2020). Phenomenal decision-making in elite soccer: Making the unseen seen. *Science and Medicine in Football*, 4(1), 1–9. DOI: 10.1080 / 24733938.2019.1595113.

- Gonaus, C., Birklbauer, J., Lindinger, S. J., Stoggl, T. L., & Muller E. (2019). Changes over a decade in anthropometry and fitness of elite Austrian youth soccer players. *Frontiers in Physiology*, 10, 1-12. DOI: 10.3389 / fphys.2019.00333.
- Gonçalves, E., Noce, F., Barbosa, M. A. M., Figueiredo, A. J., Hackfort, D., & Teoldo, I. (2017). Correlation of the peripheral perception with the maturation and the effect of the peripheral perception on the tactical behaviour of soccer players. *International Society of Sport Psychology*. 1-14. DOI: 10.1080/1612197X.2017.1329222.
- Guia, N. M. V. (2009). *Treino da tomada de decisão do treinador: Análise da influência dos constrangimentos metadecisionais*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Técnica de Lisboa-FMH, Lisboa. Consultado a 20 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/749/1/Tese%20de%20Mestrado%20-%20Nuno%20Guia.pdf>.
- Guia, N. M.V., & Araújo, D. (2014). *Treinar o treinador: A tomada de decisão no futebol*. Lisboa, Portugal: Prime Books.
- Gulec, U., & Yilmaz, M. (2016). A serious game for improving the decision making skills and knowledge levels of Turkish football referees according to the laws of the game. *SpringerPlus*. 5(622), 1-10. DOI: 10.1186 / s40064-016-2227-0.
- Harriss, D. J., MacSween, A., & Atkinson, G. (2019). Ethical standards in sport and exercise science research: 2020 Update. *Sports Medicine*. DOI: 10.1055 / a-1015-3123.
- Haycraft, J. A. A., Kovalchik, S., Pyne, D. B., & Robertson, S. (2017). Physical characteristics of players within the Australian football league participation pathways: a systematic review. *Sports Medicine*, 3(46), 1-16. DOI: 10.1186 / s40798-017-0109-9.
- Henriques, P., & Araújo, D. (2012). *O treino da tomada de decisão do árbitro de futebol*. Lisboa, Portugal: Visão e Contextos.
- Henry, G. J., Dawson, B., Lay, B. S., & Young, W. B. (2013). Decision-making accuracy in reactive agility: Quantifying the cost of poor decisions. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 27(11), 3190–3196. DOI: 10.1519 / JSC.0b013e31828b8da4.
- Hill, M., & Hill, A. (2008). *Investigação por questionário (2ª ed.)*. Lisboa, Portugal: Edições Sílabo.
- Hill, B., & Sotiriadou, P. (2016). Coach decision-making and the relative age effect on talento selection in football. *European Sport Management Quarterly*, 16(3), 292–315. DOI: 10.1080/16184742.2015.1131730.
- Hossner, E. J., Schnyder, U., Schmid, J., & Kredel, R. (2019). The role of viewing distance and viewing angle on referees decision-making performance during the FIFA World Cup 2014. *Journal of Sports Sciences*, 1-9. DOI: 10.1080 / 02640414.2019.1570898.
- Huttermann, S., Helsen, W. F., Put, K., & Memmert, D. (2018). Does visual attention impact on decision making in complex dynamic events?. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 1-4. DOI: 10.1123 / jsep.2017-0169.

- Huttermann, S., Nerb, J., & Memmert, D. (2018). The role of regulatory focus and expectation on creative decision making. *Human Movement Science*, 62, 169–175. DOI: 10.1016/j.humov.2018.10.006.
- Impacto do Futebol Brasileiro. (2018). *Confederação brasileira de futebol – CBF*. 01-39. Consultado a 16 de janeiro de 2020. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213172843_346.pdf.
- Instituto do Desporto de Portugal. (2010). *Programa nacional de formação de treinadores*, 01-82. Consultado a 16 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://fpp.pt/wp-content/uploads/01-Programa-Nacional-de-Forma%C3%A7%C3%B5es-de-Treinadores-Livro.pdf>.
- International Football Association Board. (2019). *Leis do jogo 2019/2020*. Switzerland, 01-244. Consultado a 23 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.afporto.pt/AFP/PDFS-2019-2020/Leis-Jogo-2019_2020.pdf.
- Ismail, S. I., & Nunome, H. (2020). The key performance indicators that discriminate winning and losing, and successful and unsuccessful teams during 2016 FIFA Futsal World Cup. *Science and Medicine in Football*, 4(1), 68–75. DOI: 10.1080 / 24733938.2019.1662937.
- Kan, D. (2014). Study on self-perception and impression creation. *Sydenham Management Review*, 3(2), 1-90. DOI: 10.13140 / RG.2.2.33463.57762.
- Konefal, M., Chmura, P., Zajac, T., Chmura, J., Kowalczul. E., & Andrzejewski, M. (2019). Evolution of technical activity in various playing positions, in relation to match outcomes in professional soccer. *Biology of Sport*, 36(2), 181-189. DOI: 10.5114/biol sport.2019.83958.
- Lanaro, P. F., & Bohme, M. T. S. (2001). Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em ginástica rítmica desportiva: Um estudo de revisão. *Revista Paulista de Educação Física*, 15(2), 154-167. DOI: 10.11606/issn.2594-5904.rpef.2001.139898.
- Larkin, P., & O'Connor, D. (2017). Talent identification and recruitment in youth soccer: Recruiter's perceptions of the key attributes for player recruitment. *Plos One*, 12(4), 1-15. DOI: 10.1371 / journal.pone.0175716.
- Light, R. L., Harvey, S., & Mouchet, A. (2012). Improving 'at-action' decision-making in team sports through a holistic coaching approach. *Sport Education and Society*, 19(3), 258-275. DOI: 10.1080 / 13573322.2012.665803.
- Lima, M. P., & Paoli, P. B. (2017). Aspectos a serem considerados no processo de formação de base de futebol de 11 a 14 anos. *Revista Brasileira de Futebol*, 08(2), 12-23.
- Lopes, R. O. P., Castro, J., Nogueira, C. S. C., Braga, D. V., Gomes, J. R., Silva, R. C., & Brandão, M. A. G. (2019). Complicações do pós-operatório imediato de cirurgia cardíaca eletiva: estudo transversal à luz de Roy. *Revista de Enfermagem Referência*, 22, 23-32. DOI: 10.12707/RIV19042.

- Lorains, M., Ball, K., & MacMahon, C. (2013). Expertise differences in a video decision making task: Speed influences on performance. *Psychology of Sport and Exercise*, 14, 293-297. DOI: 10.1016/j.psychsport.2012.11.004.
- Machado, G., Cardoso, F., & Teoldo, I. (2017). Visual search strategy of soccer players according to different age groups. *Motriz*, 23(03), 1-6. DOI: 10.1590 / s1980-6574201700030022.
- Maia, J. A. R. (1996). O prognóstico do desempenho do talento esportivo: Uma análise crítica. *Revista Paulista de Educação Física*, 10(2), 179 – 190. DOI: 10.11606/issn.2594-5904.rpef.1996.138548.
- Matesanz, D., Holzmayer, F., Torgler, B., Schmidt, S. L., & Ortega, G. J. (2018). Transfer market activities and sportive performance in European first football leagues: A dynamic network approach. *Plos One*, 13(12), 1-16. DOI: 10.1371/journal.pone.0209362.
- Milheiro, J., Guilherme, J., Sousa, H., Ramos, F., Peixe, E. Bento, R., ... Roma, P. (2018). Etapas de desenvolvimento do jogador de futebol: Níveis de desempenho. *Federação Portuguesa de Futebol*, 01-47. Consultado a 16 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.fpf.pt/Portals/0/Etapas%20de%20Desenvolvimento%20do%20Jogador%20no%20Futebol%20ETNF-%20S15-20%20Junho%202018.pdf>.
- Milistetd, M., Galatti, L. R., Collet, C., Tozetto, A. V. B., & Nascimento, J. V. (2017). Sports coach education: Guidelines for the systematization of pedagogical practices in bachelor program in physical education. *Journal of Physical Education*, 28, 1-14. DOI: 10.4025/jphyseduc.v28i1.2849.
- Navarro, M., Kamp, J. V., Schor, P., & Savelsberg, G. J. P. (2018). Implicit learning increases shot accuracy of football players when making strategic decisions during penalty kicking. *Human Movement Science*, 61, 72–80. DOI: 10.1016 / j.humov.2018.07.004.
- Newton, R. R., & Rudestam, K. E. (1999). *Your statistical consultant. Answers to your data analysis questions*. Thousand Oaks, Estados Unidos: SAGE. DOI: 10.4135 / 9781506374673.
- Nimmerichter, A., Weber, N. J. R., Wirth, K., & Haller, A. (2016). Effects of video-based visual training on decision-making and reactive agility in adolescent football players. *Sport and Exercise Sciences*, 4(1), 1-9. DOI: 10.3390 / sports4010001.
- Noronha, F. (2011). *Inventário de habilidades táticas no desporto: Estudo exploratório em jovens atletas federados* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra. Consultado a 16 de Novembro de 2019. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/20005/1/2011.FranciscoNoronha.Tese.pdf>.
- O'Connor, D., Larkin, P., & Williams, M. (2016). Talent identification and selection in elite youth football: An Australian context. *European Journal of Sport Science*, 1-9. DOI: 10.1080/02640414.2016.1277034.

- O'Connor, D., Larkin, P., & Williams, M. (2018). Observations of youth football training: How do coaches structure training sessions for player development?. *Journal of Sports Sciences*, 36(1), 39–47. DOI: 10.1080 / 02640414.2016.1277034.
- Paoli, P. B., Silva, C. D., & Soares, A. J. (2008). Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Futebol*, 01(2), 38-52.
- Paradis, K., Larkin, P., & O'Connor, D. (2015). The effects of physical exertion on decision-making performance of Australian football umpires. *Journal of Sports Sciences*, 1-7. DOI: 10.1080 / 02640414.2015.1122205.
- Pereira, M. (2018). *Estudo de adaptação transcultural e validação do inventário de autoavaliação de competências táticas nos jogos desportivos coletivos* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto.
- Petiot, G. H., Aquino, R., Cardoso, F., Santos, R., & Teoldo, I. (2017). What mental process favours quality decision making in young soccer players?. *Motriz*, 23(3), 1-7. DOI: 10.1590 / s1980-6574201700030003.
- Pérez, L. M. R., Nieto, M. P., Coll, V. G., Manzano, J. A. N., Espín, M., & Psotta, R. (2014). Self-perceptions of decision making competence in Spanish football players. *Acta Gymnica*, 44(2), 77–83. DOI: 10.5507 / ag.2014.008.
- Pérez, L. M. R., Navia, J. A., Espín, J. M., Coll, V. G., & Nieto, M. P. (2015). Autopercepción de inteligencia contextual para jugar y de competencia decisional en el fútbol. *Revista Internacional de Ciencias del Deporte*, 42(11), 329-338. DOI: 10.5232/ricyde2015.04202.
- Piquera, P. G., Villora, S. G., Castellano, J., & Teoldo, I. (2019). Relation between the physical demands and success in professional soccer players. *Journal of human Sport & Exercise*, 14, 1-11. DOI: 10.14198 / jhse.2019.141.01.
- Praça, G. M.; Soares, V. V.; Matias, C. J. A. S.; Teoldo, I.; & Greco, P. J. (2015). Relationship between tactical and technical performance in youth soccer players. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, 17(2), 136-144. DOI: 10.5007 / 1980-0037.2015v17n2p136.
- Rama, L., Borges, F., Cartaxo, T., & Teixeira, A. M. (2008). Carga de treino e percepção de esforço em natação pura desportiva: Uso de escalas de percepção de esforço na monitorização da carga em microciclos de treino. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 33, 53-71.
- Raya-Castellano, P. E., & Uriondo, L. F. (2015). A review of the multidisciplinary approach to develop elite players at professional football academies: Applying science to a professional context. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 15, 1-19. DOI: 10.1080 / 24748668.2015.11868773.
- Reilly, T., Bangsbo, J., & Franks, A. (2000). Anthropometric and physiological predispositions for elite soccer. *Journal of Sports Sciences*, 18, 669-683. DOI: 10.1080 / 02640410050120050.

- Reilly, T., Williams, A. M., Nevill, A., & Franks, A. (2000). A multidisciplinary approach to talent identification in soccer. *Journal of Sports Sciences*, 18, 695-702. DOI: 10.1080 / 02640410050120078.
- Resende, R., Sá, P., Barbosa, A., & Gomes, A. R. (2017). Exercício profissional do treinador desportivo: Do conhecimento a uma competência eficaz. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 3(1), 42-58.
- Ribeiro, D. B. J., Vianna, J. M., Lauria, A. A., Coelho, E. F., & Werneck, F. Z. (2019). Sports potential modeling of young basketball players: A preliminary analysis. *Revista Brasileira Cineantropometria e Desempenho Humano*, 1-12. DOI: 10.1590 / 1980-0037.2019v21e59832.
- Roca, A., Ford P. R., McRobert A. P., & Williams A. M. (2011). Identifying the processes underpinning anticipation and decision-making in a dynamic time constrained task. *Neurodiem*, 12(3), 301-310. DOI: 10.1007 / s10339-011-0392-1.
- Roca, A., & Williams, A. M. (2016). Expertise and the interaction between different perceptual cognitive skills: Implications for testing and training. *Frontiers in Psychology*, 7(792), 1-4. DOI: 10.3389 / fpsyg.2016.00792.
- Roca, A., & Williams, A. M. (2017). Does decision making transfer across similar and dissimilar sports?. *Psychology of Sport and Exercise*, 31, 40-43. DOI: 10.1016 / j.psychsport.2017.04.004.
- Roca, A., Williams, M., & Ford, P. R. (2012). Developmental activities and the acquisition of superior anticipation and decision making in soccer players. *Journal of Sports Sciences*, 30(15), 1643-1652. DOI: 10.1080 / 02640414.2012.701761.
- Rosado, A. (2000). Um perfil de Competências do Treinador Desportivo. In Sarmento, P. Rosado, A., & Rodrigues, J. *Formação dos Treinadores Desportivos*. Rio Maior, Lisboa: Escola Superior de Desporto Rio Maior Centro de Edições.
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2007). A formação para ser treinador. In. Actas do 1º congresso internacional de jogos desportivos: Olhares e contextos da performance ao rendimento [CD-ROM]. Portugal.
- Rossi, M. R., Vitorino, L. M., Salles, R. P., & Cortez, P. J. O. (2016). Estratégias de coping em atletas de futebol feminino: Estudo comparativo. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 22(4), 282-286. DOI: 10.1590/1517-869220162204160572.
- Rother, R. L., & Mejia, M. R. G. (2015). Treinamento de longo prazo e desenvolvimento humano: Interfaces bioecológicas no esporte. *Educação Física e Deportes*. Consultado a 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd202/interfaces-bioecologicas-no-esporte.htm>.
- Rubio, K. (2004). Rendimento esportivo ou rendimento humano? O que busca a da Psicologia do esporte?. *Revista de la Unión Latinoamericana de Psicología*. Consultado a 24 de abril de 2020. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2004000100004.

- Ruschel, C., Hauptenthal, A., Hubert, M., Fontana, H. B., Pereira, S. M., & Roesler, H. (2011). Tempo de reação simples de jogadores de futebol de diferentes categorias e posições. *Motricidade*, 7(4), 73-82.
- Saether, S. A. (2015). Selecting players for youth national teams a question of birth month and reselection?. *Science & Sports*, 1-7. DOI: 10.1016 / j.scispo.2015.04.005.
- Santos, A. L., & Mezzaroba. C. (2012). Esporte e mídia: Um estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo e algumas implicações na escola. *Unifebe*, 10, 35-48.
- Savelsbergh, G. J. P., Kamp, J. V., Williams, A. M., & Ward, P. (2005). Anticipation and visual search behaviour in expert soccer goalkeepers. *Ergonomics*, 48, 1686-1697. DOI: 10.1080 / 00140130500101346.
- Schultze, I. S., & Liberali, R. (2011). Caracterização do futebol: Distância percorrida, vo2máx e percentual de gordura do futebolista: Revisão sistemática. *Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*, 5(29), 442-454.
- Schumacher, N., Schmidt, M., Wellmann, K., & Braumann, K. M. (2018). General perceptual-cognitive abilities: Age and position in soccer. *Plos One*, 13(8), 1-17. DOI: 10.1371 / journal.pone.0202627.
- Serpa, S. (2017). *Mente, desporto e performance: O fator psi*. Lisboa, Portugal: Visão e Contextos.
- Silva, J. V. O., Moreira, P. E. D., Praça, G. M., Morales, J.C.P., & Greco, P.J. (2018). Relação entre experiência e conhecimento tático processual em jovens jogadores de futebol. *Revista Kinesis*, 36(1), 84-93. DOI: 10.5902/2316546423745.
- Silva, L. F. N., Prado, H. R. M., & Scaglia, A. J. (2018). Competências requeridas ao treinador de futebol: Um olhar a partir dos jogadores dessa modalidade. *Corpoconsciência*, 22(1), 24-39.
- Smith, M. R., Thompson, C., Marcora, S. M., Skorski, S., Meyer, T., & Coutts, A. J. (2018). Mental fatigue and soccer: Current knowledge and future directions. *Sports Medicine*, 48, 1525-1532. DOI: 10.1007 / s40279-018-0908-2.
- Smith, M. R., Zeuwts, L., Lenoir, M., Hens, N., De Jong, L. M. S., & Coutts, A. J. (2016). Mental fatigue impairs soccer specific physical and technical performance. *Journal of Sports Sciences*, 48(2), 267-276. DOI: 10.1123/ijsspp.2015-0710.
- Souza, M. J. F., Albuquerque, M. R., Teoldo, I., Diniz, L. F., & Costa, V. T. (2018). Comparison of the motivation level of soccer players with high and low played time in matches under-20. *Journal of Physical Education*, 29(1), 1-10. DOI: 10.4025/jphyseduc.v29i1.2911.
- Stefanello, J. M. F., Figueiredo, E. C. G., Berbetz, S. R., & Paes, M. J. (2017). Percepção de competência pessoal de tenistas. *Revista de Psicologia del Deporte*, 27(1), 45-50.

- Steiner, S. (2018). Passing decisions in football: Introducing an empirical approach to estimating the effects of perceptual information and associative knowledge. *Universitas Psychologica*, 9, 1-11. DOI: 10.3389 / fpsyg.2018.00361.
- Tribolet, R., Bennett, K. J. M., Watsford, M. L., & Fransen, J. (2018). A multidimensional approach to talent identification and selection in high-level youth Australian football players. *Journal of Sports Sciences*, 1-7. DOI: 10.1080 / 02640414.2018.1468301.
- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. (2014). *Normas para a elaboração e apresentação de teses de doutoramento*. Lisboa, Portugal: Universidade Lusófona.
- Vaeyens, R., Lenoir, M., Williams, A. M., Mazyn, L., & Philippaerts, R. M. (2007). The effects of task constraints on visual search behavior and decision-making skill in youth soccer players. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 29(2), 147-169. DOI: 10.1123 / jsep.29.2.147.
- Villora, A. S., López, G. L. M., & Jordán, C. O. R. (2015). Decision making and skill development in youth football players. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 15(59), 467-487.
- Víllora, S. G.; Olivares, J. S.; Vicedo, J. C. P.; & Teoldo, I. (2015). Review of the tactical evaluation tools for youth players, assessing the tactics in team sports. *SpringerPlus*, 4, 1-17. DOI: 10.1186 / s40064-015-1462-0.
- Williams, A. M., & Reilly, T. (2000). Talent identification and development in soccer. *Sports Sciences*, 18, 657-667. DOI: 10.1080 / 02640410050120041.
- Woods, C. T., Raynor, A. J., Bruce, L., & McDonald, Z. (2015). Discriminating talent-identified junior Australian football players using a video decision-making task. *Sports Sciences*, 1-6. DOI: 10.1080 / 02640414.2015.1053512.
- Woods, C. T., Raynor, A. J., Bruce, L., McDonald, Z., & Robertson, S. (2016). The application of a multi-dimensional assessment approach to talent identification in Australian football. *Sports Sciences*, 1-6. DOI: 10.1080 / 02640414.2016.1142668.
- Zong, B. L., Luo, W., Li, H. M., Zhang, Q. Q., Liu, X. G., Li, W. T., ... Li, Y. (2020). Knowledge, attitudes, and practices towards COVID-19 among Chinese residents during the rapid rise period of the COVID-19 outbreak: A quick online cross-sectional survey. *International Journal of Biological Sciences*, 16(10), 1745-1752. DOI: 10.7150 / ijbs.45221.

ANEXOS

Anexo 01 Termo de Consentimento e Participação Voluntária no Estudo.....	II
Anexo 02 Anamnese.....	III
Anexo 03 Tactical Skills Inventory for Sports.....	VI
Anexo 04 Inventário de Habilidades Táticas no Desporto – TACSIS.....	VII
Anexo 05 Inventário de Hábilidades Táticas no Desporto – TACSIS.....	VIII

Anexo 01

Termo de Consentimento e Participação Voluntária no Estudo



Faculdade de Educação Física e Desporto

Exmo.(a) Sr.(a) treinador(a)

Assunto: Autopercepção dos atletas sobre a tomada de decisão no futebol

Eu, Igor Oliveira Leone, sou aluno da Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, situada em Lisboa – Portugal, Mestrando em Futebol - da Formação à Alta Competição, e estou a desenvolver um estudo sobre a *Tomada de Decisão no Futebol*, orientado pelo professor Doutor João Valente dos Santos.

A recolha de dados será realizada através de questionário. O tratamento de dados permitirá descrever os traços principais em torno do tema e traçar associações entre a autopercepção da tomada de decisão no futebol, com o percurso desportivo e perfil de competência dos atletas. Esta informação será tratada de forma confidencial e partilhada com as equipas técnicas respectivas.

Venho através deste informar que o intuito do estudo é colaborar com base em conhecimentos científicos com a área em questão, não oferecendo quaisquer riscos para a instituição, treinador ou atletas.

Em caso de qualquer desconforto em potencial é garantido o direito em recusar a participação, e ainda, após assinatura é garantido o direito de reconsiderar sem consequências.

Desta forma, venho por meio deste solicitar a autorização do treinador para que os atletas respondam a Anamnese e o Inventário de Habilidades Táticas no Desporto – TACSIS, aplicado na versão em português e de forma on-line.

Eu, _____, treinador(a) da equipa _____, declaro que autorizo os atletas a participarem desta iniciativa, na data de ____/____/2020.

Em caso de dúvidas ou considerações, favor contactar:
Igor Oliveira Leone
igoroleone@gmail.com
+351 933081156

Anexo 02

Anamnese



Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

O questionário contém perguntas sobre você e sobre a relação que estabelece com o futebol, sendo importante que responda todas as questões e que a resposta seja honesta de modo que os dados possam ser processados corretamente.

Para responder as questões compare as suas vivências no futebol com as melhores possibilidades possíveis de vivencia-lo, levando em consideração as melhores equipas/times, melhores infraestruturas, melhores treinadores e melhores atletas da modalidade.

1- Nome completo: _____

2- Sexo:

Masculino () Feminino ()

3- Data de nascimento: ____/____/____

4- Nacionalidade: _____

5- Qual País você joga atualmente: _____

6- Qual equipa/clube você joga atualmente: _____

7- Em qual nível competitivo:

Nacional / Profissional ()

Distrital / Amador ()

8- Qual posição você joga:

Defesa () Meio campista / Médio () Atacante / Avançado ()

9- Qual é a duração da sua época/ano desportivo:

3 meses () 6 meses () 9 meses () 12 meses ()

10- Quantos dias você treina futebol por semana:

1 dia () 2 dias () 3 dias () 4 dias () 5 dias () 6 dias () 7 dias ()

11- Quantas horas você treina futebol por semana:

1 a 3 horas () 4 a 6 horas () 7 a 9 horas () 10 a 12 horas () Mais de 12 horas ()

12- Quantos dias você disputa competição por semana:

1 dia () 2 dias () 3 dias () 4 dias () 5 dias () 6 dias () 7 dias ()

13- Quantas horas você disputa competição por semana:

0 a 1 horas () 1h30 a 3 horas () 3h30 a 5 horas ()

14- Quantos dias você disputa outras atividades desportivas por semana:

1 dia () 2 dias () 3 dias () 4 dias () 5 dias () 6 dias () 7 dias ()

15- Quantas horas você disputa outras atividades desportivas por semana:

1 a 3 horas () 4 a 6 horas () 7 a 9 horas () 10 a 12 horas () Mais de 12 horas ()

16- Com quantos anos começou a jogar futebol informalmente:

3 anos () 4 anos () 5 anos () 6 anos () 7 anos () 8 anos () 9 anos () 10 anos ()

17- Com quantos anos começou a jogar futebol formalmente:

3anos () 4 anos () 5 anos () 6 anos () 7 anos () 8 anos () 9 anos () 10 anos ()

18- No futebol de formação os treinos e jogos eram adaptados a sua categoria/escalão em relação ao tamanho do campo, tamanho do gol/baliza, tamanho da bola e número de atletas em campo? (Escala de 6 pontos, use as pontuações, 1 = muito pobre e 6 = excelente, ou 1 = quase nunca e 6 = sempre).

1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 ()

- 19- Os seus treinadores no futebol de formação tinham as competências necessárias para o desempenho pleno da função, considerando os conhecimentos teóricos e práticos? (Escala de 6 pontos, use as pontuações, 1 = muito pobre e 6 = excelente, ou 1 = quase nunca e 6 = sempre).
1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 ()
- 20- A relação entre a sua vida social e vida desportiva no futebol de formação foram positivas para você? (Escala de 6 pontos, use as pontuações, 1 = muito pobre e 6 = excelente, ou 1 = quase nunca e 6 = sempre).
1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 ()
- 21- Em relação a vivência nas equipas que integrou no futebol de formação, você compreende que a infraestrutura física era adequada? (campo, materiais de treino e de competição). (Escala de 6 pontos, use as pontuações, 1 = muito pobre e 6 = excelente, ou 1 = quase nunca e 6 = sempre).
1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 ()
- 22- Em relação as vivências nas equipas que integrou no futebol de formação, você compreende que o apoio multidisciplinar foi adequado? (preparador físico, fisioterapeuta, psicólogo, nutricionista, entre outros), (Escala de 6 pontos, use as pontuações, 1 = muito pobre e 6 = excelente, ou 1 = quase nunca e 6 = sempre).
1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 ()
- 23- Qual a autopercepção que você tem sobre as suas competências táticas, técnicas, físicas e mental na tomada de decisão no jogo de futebol? (Escala de 6 pontos, use as pontuações, 1 = muito pobre e 6 = excelente, ou 1 = quase nunca e 6 = sempre).
1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 ()

Anexo 03

Tactical Skills Inventory for Sports (Elferink-Gemser et al., 2004).

Items were rated on a 6-point scale, using anchors of 1 = very poor and 6 = excellent or of 1 = almost never and 6 = always. Answer the questions, while comparing one self with top players in the same age category. If you have encircled the wrong.

		1	2	3	4	5	6
1	Decisions I make during matches about proceeding actions are generally						
2	I know how to get open during a match						
3	My interception of the opponent's ball is						
4	My positioning during a match is generally						
5	My overview (in ball possession or in team's ball possession) is						
6	My anticipation (thinking about proceeding actions) is						
7	I am good at making the right decisions at the right moments						
8	In the opinion of my trainer, my understanding of the game is						
9	My getting open and choosing position is						
10	In the opinion of my trainer, my positioning is						
11	My judgment of the opponent's play is						
12	My interception of the opponent's ball is						
13	Four team loses the ball during a match, I quickly switch to my task as defender						
14	I quickly react to changes, as from not possessing the ball to ball possession						
15	I know quickly how the opponent is playing						
16	I know exactly when to pass the ball to a teammate or when not to						
17	If we receive the ball (getting ball possession), I know exactly what to do						
18	While executing an action in a match, I know exactly what to do subsequently						
19	If I possess the ball, I know exactly to whom I have to pass						
20	Although I do not see my opponents, I know where they are going						
21	Without seeing my teammates, I know where they are going						
22	When opponent receives the ball, I know exactly what he is going to do						

Anexo 04

Inventário de Habilidades Táticas no Desporto – TACSIS (Noronha, 2011).

Os itens foram classificados em uma escala de 6 pontos, use as âncoras 1= muito pobre e 6= excelente ou 1=quase nunca e 6= sempre. Responda às perguntas, comparando a si próprio com jogadores de topo da mesma categoria de idade.

	1	2	3	4	5	6
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						
22						
23						
24						
25						
26						
27						
28						
29						
30						
31						
32						
33						
34						

Anexo 05

Inventário de Hábilitades Táticas no Desporto – TACSIS (Pereira, 2018).

Responda todas as questões de forma honesta de modo que os dados possam ser processados corretamente e compare as suas competências no futebol com os melhores atletas de futebol do Mundo.

Todos os itens foram classificados em uma escala de 6 pontos, use as pontuações 1 = muito pobre e 6 = excelente, ou 1 = quase nunca e 6 = sempre.

	1	2	3	4	5	6
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						
22						